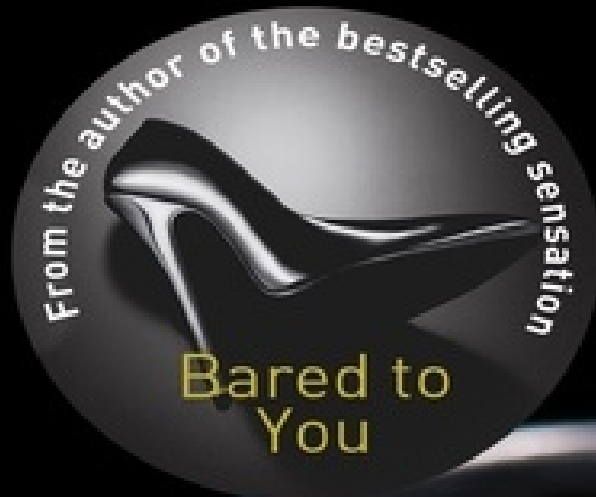




The Number
One Bestselling
Author



SYLVIA DAY

The Stranger
I Married

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Prólogo

Londres, 1815

Gerard Faulkner, o sexto marquês de Grayson, olhava fixa-mente para a bela ruiva que conversava animadamente a um canto do salão. Quem o conhecia bem, sabia o significado daquele olhar e as promessas nele contidas.

Lorde Bartley meneou a cabeça com incredulidade.

— Você pretende realmente roubar a amante de seu melhor amigo?

Gerard sorriu.

— Certamente que sim.

— Que covardia! — Bartley resmungou. — Um gesto muito vil até mesmo para você, Gray. Não é suficiente trair Sinclair? Você sabe que Markham é simplesmente louco por Pel.

Gray fitava Isabel Pelham com olhar crítico. Não havia dúvidas de que ela era a mulher ideal para atender às suas conveniências. Bonita e escandalosa, ele não poderia pensar numa esposa melhor para irritar sua mãe.

Pel, como era carinhosamente chamada, não era muito magra, mas curvilínea e perfeita para o prazer de um homem. A viúva do conde de Pelham, possuía um ardor tão especial que cativava irremediavelmente os homens. Pelo menos, era o co-mentário que corria na sociedade. Seu antigo amante, lorde Pearson, entrara em profunda depressão depois que Isabel havia terminado o affair com ele.

Não era difícil compreender a dor de um homem que perdia as atenções da jovem lady.

Sob a claridade dos enormes candelabros, lady Pelham reluzia como uma jóia preciosa e cara, que valia cada shilling de seu preço.

Gerard viu-a abrir os lábios num sorriso radiante para Markham; lábios cheios demais para os padrões convencionais de beleza, mas na medida certa para excitar um homem. Todos os olhares masculinos estavam voltados para ela, com esperança de, um dia, serem contemplados com a graça de um sorriso, e talvez, serem escolhidos para ser seu próximo amante.

Para Gerard, a ansiedade deles era lamentável. Isabel era extremamente seletiva, e seus romances costumavam durar anos. Com Markham, ela já estava havia quase dois anos, e não demonstrava sinais de perda de interesse.

Entretanto, o entusiasmo não se estendia ao casamento.

Nas poucas ocasiões em que o visconde pedira-lhe a mão, ela o recusara, declarando que não pretendia

casar-se pela se-gunda vez. Gray, porém, tinha certeza de que conseguiria fazê-la mudar de idéia.

— Acalme-se, Bartley — ele murmurou. — Vai dar tudo cer-to. Confie em mim.

— Não se pode confiar em você.

— Pois confie que lhe darei quinhentas libras se você tirar Markham de perto de Pel e levá-lo para a sala de jogos.

— Tudo bem. — Bartley endireitou os ombros e ajustou o colete. — Estou às suas ordens.

Sorrindo, Gerard fez uma breve reverência ao amigo que se-guiu para a direita, e ele, na direção oposta. Caminhou sem pressa pelo salão de baile, mas com o propósito de aproximar-se do objeto de seus planos. A caminhada foi longa, seus passos constantemente interrompidos por mães e suas filhas casadoiras, ávidas por atenção. Muitos solteiros igualmente assediados forçariam um sorriso aborrecido, mas Gerard era tão conhecido pelo excesso de charme quanto pela inclinação às travessuras. Ele flertava abertamente, beijava mãos sem constrangimento, e deixava todas as mulheres, mães e filhas, com a certeza de que iria visitá-las para o pedido formal de casamento.

Lançando a Markham um olhar casual, viu o momento exato em que Bartley arrastou-o à sala de jogos. Só então, apressou os passos que o separavam de Isabel. Pegou-lhe a mão enluvada e beijou-a, antes que o enxame de admiradores a rodeasse.

Ao levantar a cabeça, deparou-se com o sorriso fascinante de Isabel.

— Lorde Grayson, uma mulher só pode sentir-se lisonjeada com sua presença.

— Pel, minha querida, sua beleza arrasta-me como a chama atrai a mariposa!

De braços dados, começaram a caminhar pelas bordas do salão.

— Precisando de uma folga das mães ambiciosas? — ela per-guntou com voz gutural. — Receio que nem mesmo minha ami-zade por você o tornará menos atraente. Você é simplesmente encantador e será a perdição de muitas dessas pobres meninas.

Gerard respirou fundo, e seus sentidos inebriaram-se com o perfume sensual de alguma flor exótica. Passara a conhecê-la melhor naqueles anos em que ela estava com Markham, e sem-pre gostara imensamente de Isabel.

— Concordo com você. Nenhuma dessas mães desistirá fa-cilmente.

Isabel encolheu delicadamente os ombros nus, a pele alva combinando com o vestido azul-escuro e o colar de safiras.

— Você ainda é muito jovem, Grayson. Quanto tiver a minha idade, talvez já esteja acomodado o bastante para não atormen-tar muito sua noiva com esse apetite.

— Ou poderei me casar com uma mulher madura e poupar-me dos esforços para tentar mudar de hábitos.

Arqueando uma sobancelha perfeitamente delineada, Isabel indagou.

— Esta conversa tem destino certo, não é mesmo, milorde?

— Quero você, Pel. Desesperadamente. Não me contentarei apenas com um affair. O casamento, porém, coroará todos os meus anseios.

Uma risada suave, rouca, flutuou no ar entre eles.

— Oh, Gray, adoro seu humor, você sabe. É difícil encontrar homens tão deliciosamente imperturbáveis em sua maldade.

— E é lamentavelmente difícil encontrar criaturas tão espalhafatosas em sua sensualidade como você, querida Isabel. Re-queio que seja a única e, portanto, insubstituível para as minhas necessidades.

Lady Pelham lançou-lhe um olhar enviesado.

— Pensei que você estivesse com aquela atriz, a tal bonitinha que não consegue decorar suas falas!

Gerard sorriu.

— Ela mesma. Anne não conseguiria sobreviver com a arte de representar. Seus talentos concentram-se em atividades mais carnavais.

— E honestamente, Gray, você é muito jovem para mim. Te-nto vinte e seis anos. E você... — Ela o fitou com olhos apertados. — Bem, você é muito atraente, mas...

— Tenho vinte e dois anos, e muita experiência para satisfazê-la, Pel, nunca duvide disso. Porém, você não compreendeu. Tenho uma amante, sim. Duas, na verdade, e você tem Markham...

— Sim, e ainda não terminamos.

— Continue com ele, não me oponho.

— Estou aliviada por ter sua aprovação — ela declarou ris-pidamente, sorrindo. Um som que sempre agradara a Gray. — Você é maluco mesmo!

— Por você, Pel. Definitivamente. Desde o começo.

— Mas não quer fazer amor comigo.

Ele a olhou com expressão apreciativa, detendo-se na curva dos seios emoldurados pelo decote ousado.

— Eu nunca disse isso. Você é uma mulher bonita, e eu sou um homem carinhoso. Entretanto, uma vez que nos uniremos, quando e se decidirmos partilhar a mesma cama, a decisão de-verá ser mútua, para que o prazer também seja mútuo, não é?

— Você está bêbado, Gray?

— Não, minha querida.

Isabel parou, obrigando-o a parar também. Fitou-o por um longo momento e, depois, meneou a cabeça.

— Se você estiver falando sério...

— Ah, você está aqui! — exclamou uma voz atrás deles.

Gerard conteve uma imprecação ao ouvir a voz de Markham, mas sorriu para o amigo. Isabel também sorriu. Como sempre, ela era impecável.

— Obrigado por manter os abutres a distância, Gray — Markham disse alegremente, o rosto bonito iluminando-se ao ver a amada. — Estive momentaneamente distraído por alguma coisa que, afinal, não merecia meu tempo e nem minha atenção.

Soltando a mão de Isabel com um floreio, Gerard inclinou levemente a cabeça, dizendo:

— Para que servem os amigos?

Algumas horas depois, uma figura oculta sob uma capa e capuz, entrava no quarto de Gerard.

— Por onde você andou? — ele perguntou com impaciência.

— Você sabe que venho quando posso, Gray.

O capuz caiu para trás e o rosto tão querido surgiu diante de Gerard. Com dois passos, ele a alcançou e beijou-a apaixonadamente.

— Para mim, é sempre pouco, Emy. Muito pouco.

— Não posso largar tudo para atender às suas necessidades. Sou uma mulher casada.

— Não precisa me lembrar desse fato. Impossível esquecer-lo. — Enterrou o rosto na curva do ombro da mulher e respirou fundo. Ela era tão delicada, inocente e doce! — Senti sua falta.

Emily, agora lady Sinclair, riu.

— Mentiroso. Você foi visto com aquela atriz mais de uma vez, desde que nos encontramos há quinze dias.

— Você sabe que ela não significa nada para mim. É você que eu amo.

Ele poderia explicar, mas Emily não entenderia sua necessidade desenfreada por sexo, assim como não entendia as exigências de lady Sinclair. Ela era delicada na compleição física e sensível demais para apreciar tais ardores. Era o respeito por ela que o levava a procurar satisfação em outros lugares.

— Oh. Gray — Emily murmurou, afagando-lhe o cabelo. — Às vezes, penso que você realmente acredita nisso. Acho que me ama da maneira que um homem como você é capaz de amar.

— Nunca duvide de meu amor, Emy. Eu a amo mais do que tudo. Sempre a amei.—Ele a ajudou a desvestir a capa e levou-a para a cama.

Emily deveria ter sido sua noiva, mas Gerard partira numa grand tour e, ao voltar, descobrira que o amor de sua infância casara-se com outro homem. Ela confessara a enorme decepção ao saber da viagem, e os comentários sobre suas aventuras amorosas tinham lhe chegado aos ouvidos. Argumentara que ele nunca escrevera, e por isso, acreditara que a havia esquecido.

Gerard sabia que sua mãe ajudara a plantar a semente da dúvida, regando-a, depois, diariamente. Emily não estava à altura dele, aos olhos de lady Grayson. Ela queria que o filho se casasse com uma jovem de posição social mais elevada. Só para contrariar a mãe e vingar-se por tê-lo separado de Emily, ele pediria lady Pelham em casamento.

Se Emily tivesse confiado nele e esperado um pouco mais, certamente, estariam casados. Aquela cama seria dela, sem necessidade de ir embora antes de o dia amanhecer.

Nua, a pele alva de Emily, brilhava como marfim, à luz das velas. Encantado, Gerard prendeu a respiração, como fazia sempre que a via assim. Amava-a desde sempre, desde suas lembranças mais remotas. Ela era tão linda... Não como Pel. Lady Pelham possuía uma sensualidade carnal, concreta. Emily era um tipo diferente de beleza, mais frágil e sutil. Eram duas belezas opostas, como a rosa e a margarida.

Gerard gostava muito de margaridas.

Segurou delicadamente um dos seios.

— Você ainda está amadurecendo, Emy — ele murmurou, notando-o mais cheio.

Ela pousou a mão na dele.

— Gerard...

Os olhares se encontraram e Gerard emocionou-se com o amor que viu nos olhos da dama.

— Sim, meu amor?

— Estou enceinte.

Gerard quase engasgou. Fora cuidadoso, e usara preservativo.

— Meu Deus, Emy!

Os olhos azuis, aqueles adoráveis olhos azuis da cor do céu, encheram-se de lágrimas.

— Diga que está feliz, por favor.

— Eu... — Ele estremeceu. — Claro, meu amor... — Tinha que perguntar o óbvio. — E Sinclair?

Emily sorriu com tristeza.

— Não acredito que alguém duvidará que a criança não seja sua, Gray, mas Sinclair não contestará. Ele me deu a palavra. Até que será conveniente. Ele deixou a última amante por conta da gravidez dela.

Ainda aturdido, Gerard ajeitou-a na cama. Emily parecia tão pequena, tão franzina e angelical sobre a colcha de veludo ver-melho. Tirou o robe e deitou-se sobre ela.

— Vamos embora daqui. Juntos — ele murmurou, beijando-a, saboreando a doçura dos lábios carnudos. Se ao menos as coisas fossem diferentes... Se ao menos ela tivesse esperado... — Venha comigo, Emily. Poderemos ser felizes juntos.

As lágrimas escorriam pelo rosto da jovem.

— Gray, meu amor. — Segurou-lhe o rosto entre as mãos miúdas. — Você é um sonhador apaixonado.

Gerard roçou os lábios no vale perfumado entre os seios, os quadris pressionando sua ereção na colcha, numa tentativa de conter o desejo intenso. Com vontade férrea, controlou os ins-tintos egoístas.

— Você não pode negar que me ama.

— Tem razão, Gray. Se eu tivesse sido mais forte, como nos-sas vidas seriam diferentes! Mas Sinclair... eu já o envergonhei bastante.

Gerard cobriu-lhe a barriga com beijos, e pensou no filho que fincara raízes ali. Seu coração bateu mais forte, quase em pânico.

— O que será de você sem mim, Emily?

— Partirei amanhã para Northumberland.

— Northumberland? — Surpreso, ele levantou a cabeça. — Maldição! Por que tão longe?

— Porque é para lá que Sinclair quer ir. — Emily se ajeitou sob o corpo dele e entreabriu as pernas para recebê-lo. — Nestas circunstâncias, como eu poderia negar-me a acompanhá-lo?

Sentindo como se Emily estivesse se esvaindo em meio à neblina, Gerard penetrou-a lentamente, gemendo e arfando quan-do ela se fechou quente e apertada ao redor de seu membro ereto.

— Mas você voltará? — perguntou com voz enrouquecida. Emily contorceu-se de prazer, olhos fechados e a cabeça ba-lançando devagar, de um lado para outro.

— Deus, claro, eu voltarei. — Ela sentiu o membro intumes-cido invadindo-a por completo. — Não posso viver sem você. Sem isto.

Com o corpo colado ao dela, Gerard começou a mover-se dentro dela do jeito que sabia que lhe proporcionava maior prazer, enquanto reprimia as próprias necessidades.

— Eu te amo, Emy.

— Meu amor — ela sussurrou antes de perder-se no desatino do momento.

Um tênue ruído acordou Isabel. Pela suave coloração púrpura do céu, percebeu que o dia estava começando a clarear. Ainda sonolenta, tentou identificar o que perturbara seu sono.

De novo o som quase inaudível.

Esfregando os olhos com as mãos, sentou-se na cama pegou o robe para cobrir-lhe a nudez. Olhou para o relógio sobre a lareira; Markham fora embora havia apenas duas horas. Esperava dormir até o final da tarde, e ainda pretendia fazê-lo, assim que dispensasse seu inconveniente admirador. Quem quer que fosse ele.

Estremeceu no caminho até a janela, onde pedras minúsculas batiam na vidraça, provocando o ruído irritante. Abriu-a e espiou o jardim. Suspirou.

— Já que tenho que ser perturbada, é melhor que seja por alguém tão agradável quanto você.

O marquês de Grayson sorriu, o cabelo castanho despenteado e os olhos azuis emoldurados por olheiras profundas. Estava sem gravata e com a camisa aberta no peito, revelando a pele dourada do pescoço e alguns pêlos pretos no peito. Isabel retribuiu o sorriso. Gray lembrava muito Pelham, quando o conhecera havia nove anos. Bons e felizes tempos aqueles, mas que tinham durado tão pouco!

— Oh, Romeu, Romeu — ela recitou, sentando-se no assento da janela. — Por que não...

— Oh, por favor, Pel — ele a interrompeu com sua risada grave. — Deixe-me entrar. Está frio aqui fora.

— Gray, se eu abrir a porta para você, até a hora do jantar, toda a Londres saberá da história devidamente exagerada, claro. Vá embora antes que alguém o veja.

Gerard cruzou os braços e Isabel sorriu. Ele era tão jovem, as linhas do rosto ainda nem estavam definidas. Ainda um menino em muitos sentidos. Pelham tinha a mesma idade dele, quando a conhecera.

— Não vou embora, Isabel. Portanto, é melhor me convidar a entrar antes que eu faça um escândalo!

Pela expressão de teimosia, Isabel percebeu que ele falava sério.

—Vá até a porta da frente. Alguém já deve ter acordado para recebê-lo.

Ela saiu da janela e amarrou o cinto do robe de cetim branco e foi até ao quarto de vestir, onde abriu as cortinas, deixando entrar a pálida luz da manhã. Era seu quarto preferido, deco-rado em tons suaves de marfim e dourado, com cadeiras e chaise de bordas douradas, pompons e franjas. Mas não era a combi-nação de cores que a atraía mais. O motivo da preferência era o único ponto de contraste naquela harmonia de cores suaves: o imenso retrato de Pelham que ocupava toda a parede.

Todos os dias, contemplava o retrato, permitindo que a má-goza e a repugnância aflorassem. A expressão do conde era impenetrável, claro, mas os lábios sedutores estavam curvados no sorriso que a conquistara completamente. Ela o amara demais, somente como uma garota poderia amar um homem. Pelham era tudo em sua vida, até ela comparecer ao recital na mansão de lady Warren e ouvir duas mulheres, sentadas na fileira de trás, comentarem sobre as proezas amorosas de lord Pelham.

Só de lembrar, seus maxilares se contraíram, e todo o ressentimento voltou com a força de um furacão. Quase cinco anos tinham se passado desde o dia que Pelham encontrou seu castigo num duelo por causa de uma amante, mas Isabel ainda sofria as dores da traição e da humilhação.

Uma leve batida na porta interrompeu-lhe as lembranças.

— Entre!

O mordomo, de cenho franzido e com aparência de quem se vestira às pressas, entrou.

— Milady, o marquês de Grayson solicita um momento de seu tempo. — Ele pigarreou. — Da entrada de serviço.

Isabel reprimiu um sorriso. O mau humor causado pelas lembranças tristes evaporou só de imaginar Grayson, altivo e arrogante, parado na entrada de serviço.

— Estou em casa.

Um leve movimento de uma sobrancelha grisalha foi a única indicação de surpresa.

Enquanto o mordomo saiu para avisar Gray, Isabel acendeu as velas dos castiçais. Esperava que ele fosse rápido sobre o que quer que fosse que o trouxera ali.

Pensando na conversa da noite anterior, imaginou que, talvez, Gray precisasse de ajuda. Ele poderia estar enfrentando algum pequeno problema mental.

Eles se conheciam, mas não se podia dizer que eram amigos. Sempre houvera uma respeitosa distância entre ambos, motivada por seu romance com Markham, o melhor amigo de Gerard. Um romance que ela terminara algumas horas antes, justamente quando o belo visconde a pedira em casamento pela terceira vez.

Apesar da incrível habilidade de Gray para embaralhá-la momentaneamente o raciocínio com sua beleza fora do comum, ela não tinha o menor interesse por ele. Gray era a repetição de Pelham — um homem egoísta e egocêntrico demais para deixar seus interesses de lado em benefício de outra pessoa.

A porta se abriu, assustando-a. Gerard entrou e, enlaçando-a pela cintura, girou pelo quarto, rindo aquele seu riso rico e contagiante. O riso de alguém que nunca tivera preocupações na vida.

— Gray! — ela protestou, empurrando-lhe os ombros. — Põe-me no chão!

— Querida Pel — ele gritou com os olhos brilhando de felicidade. — Esta manhã, recebi uma notícia surpreendente e maravilhosa! Vou ser pai!

Isabel piscou ainda zonzinha pelas poucas horas de sono e pelo rodopio.

— Você é a única pessoa neste mundo que ficará feliz por mim. Todos ficarão horrorizados. Por favor, sorria, Pel. Cumprimente-me.

— Claro, assim que você me puser no chão.

O marquês obedeceu e recuou, esperando. Isabel riu ante a ansiedade do amigo.

— Parabéns, milorde. Posso saber o nome da felizarda que se tornará sua esposa?

Muita da alegria nos olhos azuis de Gray desapareceu, mas o sorriso encantador persistiu.

— Poderia ser você, Isabel.

Ela o fitou por um longo momento, tentando compreender as intenções dele. Logo desistiu. Com um gesto, convidou-o a sentar-se na cadeira, e sentou-se na chaise.

— Você está linda com esses cabelos sensualmente revoltos. Agora entendo por que seus amantes sofrem tanto com a perda de uma visão tão magnífica.

— Lorde Grayson! — Isabel alisou os cachos que escapavam das longas tranças. A moda do momento era de cabelo curto, mas ela ainda preferia-os compridos, assim como seus amantes. — Por favor, seja breve na explicação do propósito de sua visita. A noite foi muito longa e estou cansada.

— A noite foi longa para mim também... ainda não dormi, mas...

— Posso sugerir que durma com essa sua idéia maluca? Des-cansado, penso que verá tudo de forma diferente.

— Não verei, não. Já pensei muito a nosso respeito. Há muitas razões para acreditar que nascemos um para o outro.

Ela meneou a cabeça.

— Gray, você não tem noção do quanto está errado.

— Ouça-me, Pel. Preciso de uma esposa.

— Eu não preciso de um marido!

— Tem certeza? — ele perguntou erguendo uma sobrancelha. — Acho que você precisa, sim.

Isabel cruzou os braços e recostou-se na chaise. Insano ou não, Gray era muito interessante.

— E mesmo?

— Pense um pouco. Sei que gosta muito dos seus amantes, mas, eventualmente, você acaba dispensando-os, e nunca por enfado ou desinteresse. Você não é desse tipo de mulher. Não, você os

dispensa porque eles se apaixonam, e acabam querendo mais. Você se recusa a levar homens casados para a sua cama, portanto, todos os seus amantes são solteiros e desejam casar com você. — Ele fez uma pausa. — Mas se fosse casada... — Gray deixou as palavras pairando no ar. Isabel o encarou. Depois, piscou.

— Que diabos você ganharia com um casamento assim?

— Muito mais do que você imagina, Pel. Eu ficaria livre das debutantes casadoiras, minhas amantes entenderiam que não podem receber mais de mim, minha mãe... — Ele estremeceu. — Minha mãe pararia de apresentar-me futuras noivas em potencial, e eu teria uma esposa não só encantadora, mas também sem a mínima noção de amor, compromisso e fidelidade.

Por alguma estranha e incompreensível razão, Isabel percebeu que começava a gostar de lorde Grayson. Diferente de seu primeiro marido, Gray não estava enchendo a cabeça de uma garota ingênua com declarações de amor e devoção eternos. Ele não estava propondo um casamento de conveniência a uma menina que o amava e que seria magoada com suas indiscrições. Gray estava vibrando com o bastardo a caminho, o que a fazia acreditar que ele pretendia ter filhos.

— E com relação a filhos, Gray? Já não sou tão nova, e certamente você vai querer um herdeiro.

O sorriso dele quase lhe tirou o fôlego.

— Não se preocupe, Isabel. Tenho dois irmãos mais novos, um dos quais já está casado. Eles terão filhos, de modo que podemos esquecer o assunto.

Isabel riu, mas em algum canto de sua mente, pensou que deveria, pelo menos, considerar aquela proposta ridícula.

Terminara com Markham, embora lamentasse o final tão tris-te. Ele se apaixonara, e ela o segurara egoisticamente por quase dois anos. Já era tempo de Markham encontrar uma mulher que o merecesse. Uma mulher que o amasse, já que ela mesma não podia amá-lo. Sua habilidade de viver uma emoção tão elevada morrera com Pelham num campo, ao amanhecer.

Olhando novamente para o retrato do conde, odiou-o pela dor que ela causara a Markham. O visconde era um bom homem, amante carinhoso e grande amigo. Era também o terceiro homem a quem magoara por sua necessidade de solidão física e satisfação sexual.

Sempre pensava em lorde Pearson e em como ele ficara emocionalmente destruído depois do rompimento. Tinha plena consciência dos sofrimentos que causava, e com frequência re-preendia-se por provocá-los, mas sabia que não mudaria seu modo de ser. A necessidade humana por companhia não podia ser ignorada.

Gray estava certo. Talvez se ela já estivesse casada, poderia viver um relacionamento sexual agradável com um homem que não sonhasse com algo mais. E não teria que se preocupar com a possibilidade de Gray apaixonar-se por ela. Ele já confessara seu profundo amor por uma mulher, mas também freqüentava a cama de muitas amantes. Como Pelham, constância e sensibilidade para um grande amor estavam acima da compreensão dele.

Mas ela saberia lidar com a infidelidade depois de ter experimentado a dor que isso poderia trazer?

O marquês se inclinou para a frente e segurou-lhe as mãos.

— Diga sim, Pel. — Os desconcertantes olhos azuis reforçavam a súplica, e Isabel entendeu que Gray nunca se importaria com seus affairs. Afinal, ele estaria ocupado demais com os dele.

O "casamento" seria uma troca, nada mais do que isso.

Talvez o cansaço tivesse apagado sua capacidade de pensar claramente, mas no espaço de duas horas, Isabel viu-se na carruagem de Grayson, viajando para a Escócia.

Seis meses depois...

Gerard viu a figura curvilínea da esposa passando pelo corredor e chamou-a:

— Isabel, um momento de seu tempo, se você puder, por favor?

— Sim, Gray?—Ela entrou no escritório com expressão curiosa.

— Você estará livre na noite de sexta-feira?

— Sabe que estou sempre disponível quando precisa de mim.

— Obrigado, querida. — Ele se recostou na cadeira e sorriu. — Você é muito boa para mim.

Isabel sentou-se numa poltrona.

— Qual é o compromisso?

— Jantar com os Middleton. Concordei em falar com lorde Rupert lá, mas Bartley informou-me hoje que lady Middleton também convidou os Grimshaw.

— Oh! — Isabel torceu o nariz. — Que maldade convidar sua enamorada e o marido para uma recepção a qual você compará.

Gerard sentou-se ao lado de Isabel e enlaçou-a pelo ombro, inalando o exótico perfume floral, tão familiar e inebriante.

— Sou o homem mais feliz do mundo, e muito esperto para reconhecer isso. Já pensou quantos homens desejariam ter uma esposa como a minha?

— Você continua deliciosamente desavergonhado!

— E você me adora! Nosso casamento a transformou numa figura renomada.

— Você quer dizer mal-afamada. — Isabel revirou os olhos. — A mulher mais velha faminta pela juventude do homem mais jovem!

— Faminta por mim. — Brincando com uma mecha de cabelos dela, murmurou: — Adoro seu perfume.

Uma batida discreta na porta fez com que ambos olhassem para o lacaio parado na entrada do quarto.

— Sim? — Gerard perguntou um tanto contrariado pela interrupção daquele raro momento com a esposa. Isabel estava sempre muito ocupada com chás beneficentes e outros compromissos tipicamente femininos, e ele quase não tinha oportunidade de usufruir sua brilhante companhia. Ela era mal-afamada, sim, mas era também inegavelmente encantadora e a marquesa de Grayson. A sociedade podia tecer comentários mal-dosos sobre ela, mas nunca se atreveriam a fechar-lhe as portas.

— Chegou uma carta especial, milorde.

Gerard pegou a carta e sorriu ao reconhecer a caligrafia.

— Céus, que cara! — Isabel exclamou. — Vou deixá-lo a sós.

— Não. Fique. E de minha mãe e quando eu terminar de ler precisarei de você para espantar o mau humor, como só você sabe fazer.

— Como quiser. Se preferir que eu fique, então, ficarei. Ainda tenho algum tempo livre.

Gerard abriu a carta e passou os olhos rapidamente pelo conteúdo. Sua mãe sempre escrevia com a intenção de ofendê-lo, pois, ainda estava furiosa por ele ter se casado com a desprezível lady Pelham. Porém, à medida que avançava, a leitura torna-se mais devagar e suas mãos mais trêmulas.

...é uma pena a criança não ter sobrevivido ao nascimento. Era um menino. Robusto e perfeito, de cabelos pretos, apesar de os pais serem loiros. Lady Sinclair tinha uma compleição muito delicada, e o bebê era muito grande. Ela sangrou durante horas. Uma imagem horrível, pelo que me contaram...

Gerard sentiu o ar faltar-lhe e sua visão se anuviou. As letras na folha de papel tornaram-se borrões e ele não conseguiu mais distingui-las.

Emily.

O peito se apertou e ele se assustou com os tapas de Isabel em suas costas.

— Vamos, respire! — ela ordenou, a voz preocupada, mas autoritária. — O que essa carta diz, afinal? Deixe-me ler.

Gerard abriu a mão e a carta caiu no tapete Aubusson. Deveria ter procurado Emily. Quando Sinclair devolvera suas cartas intactas, ele deveria ter feito mais para assisti-la do que apenas enviar amigos com recados e mensagens amorosas. Conhecia Emily durante sua vida toda. Fora a primeira garota que beijara, a primeira a quem oferecera flores e a quem escrevera poesias. Não se lembrava de quando aquela criatura angelical não estivera presente em sua existência.

Agora, ela se fora para sempre, vítima de sua luxúria e de seu egoísmo. Sua querida e doce Emily merecia muito mais do que ele lhe dera.

Vagamente, ouviu um murmúrio, e pensou que poderia ser Isabel, que lhe apertava a mão. Apoiou-se nela, a cabeça na curva do ombro, e chorou. Chorou até o corpete do vestido dela ficar molhado. Chorou até não ter mais lágrimas para chorar. Até sentir ódio de si mesmo.

Eles não compareceram ao jantar dos Middleton.

Mais tarde, naquela mesma noite, Gerard fez suas malas e partiu para o Norte.

E não voltou.

Capítulo I

Quatro anos depois

— O sr. marquês está em casa, milady.

Para muitas mulheres isso seria parte do cotidiano, mas para Isabel, lady Grayson, era quase uma novidade. Ela nem se lembrava da última vez que o mordomo a avisara da presença do marido.

Parou no hall, tirou as luvas devagar e entregou-as ao mor-domo. Queria ganhar um tempo para recompor-se da surpresa. Grayson voltara!

Por que teria voltado, se nunca respondera às cartas que ela enviara, e também nunca lhe escrevera ao longo daqueles anos? Sabia que a carta da mãe dele ferira-o profundamente, no dia em que deixara Londres. Podia imaginar o sofrimento de Grayson por ter perdido o filho e a mulher amada. Como amiga, gostaria de ter lhe proporcionado mais do que apenas uma hora de conforto, porém, ao ir embora, Gray não lhe dera oportunidade. E o tempo havia passado.

Alisou as saias de musselina, e passou a mão pelo cabelo perfeitamente penteado. Ao perceber que estava preocupada com a aparência, parou e resmungou uma imprecação. Era apenas Gray. E nem repararia nela!

— No escritório?

— Sim, milady.

A cena daquele dia.

Passou pela escada curva e entrou na primeira porta aberta à direita. Ao ver o marido seu coração bateu mais forte. De costas, parado junto à janela, ele parecia mais alto e definitiva-mente mais forte e musculoso. Emoldurado pelas cortinas ver-des de veludo, a simetria perfeita do corpo tirou-lhe o fôlego.

Entretanto, apenas pela postura dele, Isabel sentiu um ar sombrio e opressivo envolvendo-o e, imediatamente, soube que Gray não era mais aquele rapaz espontâneo e irresponsável que conhecera. Respirou fundo, abriu a boca, mas não teve tempo de dizer nada.

Como que pressentindo sua presença, Gray se voltou. Isabel sentiu a garganta apertada.

Aquele não era absolutamente o homem com quem se casara.

Eles se olharam, emudecidos e imóveis, por um longo momento. Apenas alguns anos e parecia que se passara uma eternidade. Grayson não era mais um rapaz, e o tempo deixara suas marcas nas linhas ao redor da boca e dos olhos. Não linhas de felicidades, ela notou. Linhas profundas, linhas de dor. Os olhos azuis, claros e brilhantes, que tanto frisson causara entre as mulheres, tinham agora uma

coloração mais escura, mais profunda. Não sorriam mais e pareciam ter visto muito mais do que o possível para o curto espaço de quatro anos.

Isabel pousou a mão no corpete do vestido, tentando esconder o peito ofegante.

Antes, Grayson já era bonito. Agora, não havia palavras para descrevê-lo. Esforçou-se para respirar normalmente, sufocando uma ameaça de pânico. Soubera lidar com o rapaz, mas esse... esse homem não era domável. Se o tivesse conhecido assim, certamente, teria ficado bem longe dele.

— Como vai, Isabel?

Até mesmo a voz mudara. Mais grave, levemente ríspida. Ela não tinha noção do que dizer.

— Você não mudou nada — ele murmurou, aproximando-se. A antiga petulância desaparecera, dando lugar a um tipo de confiança conquistada após sobreviver ao inferno.

Respirando fundo, Isabel inalou o familiar perfume dele. Um pouco mais forte, talvez, mas o cheiro era mesmo de Gray. Observando-lhe a face impassível, não conseguiu fazer mais nada além de abraçá-lo.

— Eu deveria ter escrito.

— Sim, deveria — Isabel concordou. — Não só para avisar-me sobre sua visita, mas bem antes, apenas para dizer que estava tudo bem. Eu estava muito preocupada, Gray.

Ele indicou uma cadeira e esperou que ela se sentasse.

Enquanto o marido se sentava, Isabel notou que, embora vestindo colete e paletó, as roupas eram de tecido simples. O que quer que tivesse feito naqueles quatro anos, aparentemente o trabalho não exigia vestimentas da última moda.

— Sinto muito por suas preocupações. — Os lábios de Gray se curvaram numa sombra do que fora seu antigo sorriso radiante. — Mas não posso afirmar que eu estava bem, quando não estava. Não suportava olhar as cartas, Pel. Não porque fossem suas. Eu evitava toda e qualquer correspondência. Mas agora... — Ele fez uma pausa e contraiu os maxilares, num gesto de determinação. — Não vim para visitar.

— Não? — Isabel sentiu um frio no estômago. A camaradagem entre eles evaporava. Em vez de conforto e espontaneidade, agora havia nervosismo.

— Voltei para ficar, para morar aqui. Se é que ainda me lembro como é viver na civilização.

— Gray...

Ele meneou a cabeça, e os cabelos compridos demais balançaram levemente.

— Piedade não, Isabel. Não mereço. E mais, não quero.

— O que você quer, então? Ele a encarou.

— Muitas coisas, mas principalmente, quero companhia. E quero ser merecedor disso.

— Merecedor?

— Fui um péssimo amigo. Egoísta, como a maioria das pessoas.

Isabel olhou para as mãos e girou a aliança de ouro, o símbolo de seu compromisso de uma vida toda com um verdadei-ro estranho.

— Onde você estava, Gray?

— Criando gado.

Ele não ia contar.

— Muito bem, então. O que quer de mim? — Ela ergueu o queixo. — Em que posso ajudá-lo?

— Primeiro preciso tornar-me apresentável. — Gray correu a mão ao longo do corpo. — Depois, terei que saber das últimas novidades. Tenho lido os jornais, mas nós dois sabemos que as notícias nem sempre são verdadeiras. E mais importante, re-quisitarei sua companhia.

— Não sei ao certo até que ponto você poderá contar com... minha companhia.

— Sei disso. — Levantando-se, aproximou-se dela. — Os co-mentários não têm sido muito gentis com você, não é? Por isso voltei. Como posso ser responsável, se não cuido de minha pró-pria mulher? — Ele se agachou diante dela. — Sei que não é justo pedir-lhe tanto, Pel. Isso não fazia parte de nosso acordo. Mas as coisas mudaram.

— Você mudou.

— Deus, espero que seja verdade!

Gray pegou as mãos de Isabel, fazendo com que ela sentisse a calosidade dos dedos. Olhou e notou a pele queimada de sol e avermelhada pelo trabalho. Perto de suas mãos pequenas e alvas, o contraste era como o dia e a noite. Erguendo o olhar, surpreendeu-se novamente com as marcas no rosto do marido.

— Não vou pressioná-la, Pel. Se você desejar viver a sua vida como até agora, eu respeitarei sua vontade. — Um tênue resquí-cio do antigo sorriso brilhou novamente. — Eu lhe devo muito, é verdade, mas estou disposto a insistir na sua companhia.

Foi aquele lampejo do velho Gray que a tocou profundamente. Sim, a fachada mudara, talvez mais do que o interior, mas ainda havia um pouco do antigo charme que ela tanto conhecia. Por aquele momento, era suficiente.

Isabel sorriu também, e o alívio de Gray foi visível.

— Vou cancelar meus compromissos desta noite para poder-mos planejar seu futuro.

— Não, não faça isso. Preciso acostumar-me com a idéia de estar em casa novamente. Divirta-se esta noite. Logo você estará ocupada demais comigo.

— Então, aceita um chá, dentro de uma hora? — Talvez con-seguisse induzi-lo a falar sobre sua ausência.

— Eu adoraria.

Ele se levantou e estendeu a mão para que Isabel também o fizesse.

Céus, como ele era alto! Sempre fora? Ela não se lembrava. Sufocando a surpresa, caminhou até a porta. Gray ainda segu-rava-lhe a mão.

— Eu a vejo daqui a uma hora, Pel.

Gerard esperou Isabel sair do escritório para jogar-se no sofá. Soltou um gemido. Desde que partira, a insônia era um torme-n-to recorrente. Precisando de exaustão física para conseguir dor-mir, ele trabalhava nas plantações em suas muitas propriedades e, por conta disso, estava acostumado às dores musculares. Seu corpo nunca doera tanto como naquele momento. Não perce-bera seu estado de tensão até ficar sozinho e a sedutora fragrân-cia floral de sua esposa ter se dissipado no ar.

Isabel sempre fora tão bonita? Não se lembrava. Certamente, usara a palavra "bonita" para descrevê-la em seus pensamen-tos, mas a realidade estava além de uma simples expressão oral. Os cabelos tinham mais fogo, os olhos mais brilho, a pele mais luminosidade do que se lembrava.

Naqueles quatro anos, ele dissera "minha esposa" centenas de vezes, ao pagar as contas e ao lidar com outros assuntos relacionados a ela. Entretanto, até aquele momento, nunca li-gara a condição de esposa ao rosto e ao corpo de Isabel Grayson.

Passou a mão no cabelo, perguntando-se sobre sua sanidade ao propor-lhe o acordo de casamento. Quando Isabel entrara no escritório, tudo o mais desaparecera. Como não notara antes tanto carisma? Não mentira ao dizer que ela não mudara. Mas pela primeira vez, ele a vira realmente. E na verdade, somente nos dois últimos anos, começara a ver tantas outras coisas que nunca enxergara antes.

Como aquele escritório.

Olhou em volta e sorriu. Verde-escuro com revestimento em nogueira escura. Ninguém poderia fazer sua contabilidade num lugar escuro como aquele! E ler estava absolutamente fora de questão.

Quem tinha tempo para ler quando havia festas para se divertir e mulheres para se satisfazer?

As palavras de sua juventude voltaram-lhe à mente, atormentando-o.

Levantando-se, aproximou-se das estantes e correu a mão pelos livros. Nenhum deles tinha sequer sido aberto!

Que espécie de homem era ele que, rodeado por tanta beleza e vida, jamais dedicara um momento para apreciá-las?

Desgostoso, sentou-se à escrivaninha para fazer uma lista do que precisava ser mudado. Não demorou muito e a lista já ocupava muitas folhas de papel.

— Milorde?

Ergueu os olhos e viu o mordomo na porta.

— Sim?

— Milady deseja saber se o senhor desistiu do chá.

Gerard olhou para o relógio. Não percebera o tempo passar.

— Na sala de jantar ou na de visita?

— Nos aposentos de milady, senhor.

Ficou tenso novamente. Como pudera esquecer-se disso também? Sempre apreciara sentar-se naquele recanto tão feminino e observá-la preparando-se para os compromissos sociais.

Subindo a escada, lembrou-se dos momentos agradáveis que tinham passado ali e admitiu a frivolidade de suas conversas, na época. Sempre gostara de Isabel e ela sempre se mostrara boazinte.

Agora precisava de uma amiga. Faria de tudo para reconquistar a amizade e camaradagem que um dia tinham partilhado. Com essa determinação, bateu de leve na porta.

Isabel respirou fundo antes de dar a permissão para Gray entrar.

Ele abriu a porta, mas não entrou. Ficou parado, hesitante. Mais uma surpresa, pois, lorde Grayson nunca hesitava, nunca esperava.

Fitou-a por um longo momento. O suficiente para fazê-la arrepender-se da decisão de recebê-lo no quarto de vestir. Depois de pensar por mais de meia hora, decidira agir como antes.

Quanto mais rápido voltassem à antiga rotina, mais confortável seria para ambos.

— A água já deve ter esfriado — ela murmurou, sentando-se na chaise. — Mas sempre fui a única a tomar chá.

Finalmente Gerard entrou e fechou a porta.

— Eu preferia conhaque.

— Sirva-se. — Ela apontou para a bandeja de prata contendo o jogo de chá de porcelana, uma garrafa de conhaque e copos.

— Sempre pensando em mim. Obrigado. — Sorrindo, ele olhou ao redor. — Está tudo exatamente como eu me lembrava. Com as paredes e o teto revestidos de cetim branco, sempre tive a impressão

de estar numa tenda.

— É o efeito que eu queria. — Isabel esticou-se na chaise.

— Mesmo? — Ele se sentou, sem servir-se de conhaque. — Por que uma tenda, Pel?

— Você nem imagina como esperei você me perguntar isso — Isabel confessou, rindo.

— Por que não perguntei antes?

— Nós não conversávamos sobre essas coisas.

— Não? — Os olhos dele pareciam rir também. — O que conversávamos?

— De você, Gray.

— De mim? — Ele ergueu a sobrancelha. — Certamente não o tempo todo.

— Quase o tempo todo.

— E quando não falávamos de mim?

— Bem, falávamos de suas namoradas.

Gray forçou um sorriso, e Isabel riu, lembrando-se de como se divertia numa simples conversa com ele.

— Eu era insuportável, Isabel. Como você me tolerava?

— Eu gostava de você. Nunca houve mal-entendidos, pois, você sempre dizia o que pensava.

Ele olhou para a parede.

— O retrato de Pelham ainda está aí. Você o amou tanto assim?

Isabel virou o pescoço para olhar a pintura atrás dela.

— Amei. Hoje, não consigo mais lembrar do que senti por ele, mas, numa época muito distante, eu o amei desesperadamente.

— Por isso você evita compromissos sérios, Pel?

Ela se voltou e encarou-o.

— Você e eu nunca discutimos assuntos pessoais.

Gray inclinou-se para a frente e apoiou os cotovelos nos joelhos.

— Será que podemos ser melhores amigos hoje do que fomos antes?

— Não sei se ser ia prudente — ela murmurou, de novo olhan-do para a aliança.

— Por quê?

Isabel se levantou e foi até a janela. Precisava manter-se dis-tante da nova intensidade de Gray.

— Por quê? — ele repetiu, seguindo-a. — Você tem outros amigos íntimos com quem troca confidências?

Gray pousou as mãos nos ombros dela e, imediatamente, Isabel sentiu o calor da pele e o perfume, invadindo-lhe as na-rinas. Quando ele falou, a voz soou bem junto à sua orelha.

— É demais pedir que inclua seu marido na lista dos amigos mais íntimos?

— Gray... — As batidas aceleradas do coração quase lhe su-focaram a voz. Os dedos inquietos alisavam o cetim da cortina. — Não tenho amigos assim como você descreve. E você pro-nunciou a palavra "marido" com uma importância que nunca notei antes.

— E o seu amante? Ele conhece seus pensamentos?

Isabel tentou desvencilhar-se, mas Gray a impediu.

— Por que a tenda, Pel? Vai me contar?

Ela estremeceu com a respiração dele em sua nuca.

— Gosto de imaginar que faz parte de uma caravana.

— Uma fantasia? — As mãos de Gray acariciavam-lhe os braços. — Há um sheik nessa fantasia? Ele a raptou?

— Ora, Gray! — Isabel protestou, alarmada com suas reações às carícias sensuais. Era impossível ignorar o corpo másculo que a prendia. — O que você quer? — A boca estava seca. — De repente, você decidiu mudar as regras?

— E se decidi?

—Bem, teríamos que nos separar e destruiríamos nossa ami-zade. Você e eu não somos o tipo de pessoas que se apaixonam.

— Como você sabe que tipo de homem sou eu?

— Sei que tinha uma ou duas amantes enquanto jurava amar outra mulher.

Isabel fechou os olhos ao sentir os lábios mornos e entrea-bertos roçando-lhe o pescoço.

— Você disse que mudei, Isabel.

— Nenhum homem muda tanto assim. Além disso, eu... eu tenho alguém.

Gray virou-a de frente. As mãos dele segurando-lhe os pulsos eram quentes, o olhar ardente. Ela conhecia aquele olhar. O olhar com que Pelham a conquistara, o olhar que ela não admitia em seus amantes. Amor, paixão... eram sempre bem-vindos. Mas apetite carnal era algo para se evitar a qualquer custo.

O olhar faminto examinou-a da cabeça aos pés, subindo de novo. Seus mamilos enrijeceram-se e tornaram-se visíveis sob o vestido. A avaliação deteve-se nesse ponto, e um som estranho escapou da garganta de Gray.

— Isabel. — Ele tocou de leve no seio dela e, com a ponta do dedo, circulou o mamilo. — Dê-me uma chance para provar-lhe que sou digno de você.

Isabel suspirou, sentindo as pulsações aceleradas. Os lábios de Gray se aproximaram, e ela inclinou a cabeça, esperando. E ansiando.

O tênue ranger da porta quebrou o encanto. Isabel afastou-se rapidamente. Cobriu a boca com a mão para esconder os lábios trêmulos.

— Milady? — A voz da criada de quarto veio do minúsculo hall que separava o quarto de vestir do resto dos aposentos de Isabel. — Devo voltar mais tarde?

Isabel não tinha dúvidas que se dispensasse a criada, logo estaria na cama, nos braços do marido. Com o canto dos olhos, observou Grayson esperando, a respiração ofegante, o rosto corado.

Esse novo marido a fizera desejá-lo. Desejá-lo com tanta necessidade que chegava a doer. Uma necessidade para a qual se considerava velha demais e prudente demais para senti-la novamente.

Era o pior pesadelo que poderia acontecer em sua vida.

— Entre — disse à criada, tentando esconder a nota de pânico em sua voz.

Grayson fechou os olhos por um momento, recompondo-se.

— Vamos às compras amanhã, Pel? — ele perguntou com voz espantosamente calma. — Preciso de roupas novas.

Tudo que Isabel conseguiu, foi confirmar com um gesto de cabeça.

Com uma reverência, Grayson saiu, mas sua presença permaneceu forte na mente de Isabel, por muito tempo ainda.

Gerard atravessou o corredor em direção aos seus aposentos. De repente, parou e apoiou-se na parede. Fechou os olhos e praguejou. Seus planos para renovar o relacionamento com a esposa fracassaram no momento que abriu a porta.

Deveria ter se preparado melhor. Não imaginava as reações de seu corpo ao deparar-se com Isabel, usando um vestido de cetim preto, um ombro descoberto, deitada na chaise. Como poderia saber? Nunca se sentira assim antes! Pelo menos, não que se lembrasse. Quantas vezes tinham conversado naquele quarto de vestir? Era verdade que naquela época, ele amava Emily. Certamente, seu amor por

ela o imunizara contra os abundantes encantos de sua esposa!

Bateu levemente a cabeça na parede, esperando começar a pensar com clareza e bom senso. Cobiçar a própria esposa! Para muitos homens, até que seria muito conveniente. Não para ele. Isabel assustara-se com seu interesse.

Assustada, mas não desinteressada, uma voz assoprou em sua mente.

Suas habilidades como sedutor estavam um pouco empoeiradas, mas não completamente esquecidas. Ainda se lembrava dos sinais de um corpo feminino excitado.

Realmente, tanto ele como Isabel, fugiam do amor, por conta de decepções anteriores. Mas não precisariam viver um grande romance de amor. Talvez pudessem viver simplesmente um affair de duração indefinida. Um casamento de amizade, e uma cama partilhada. A atração sexual era consequência. Além do mais, eram casados. Certamente, isso lhe dava uma certa vantagem.

Finalmente, entrou em seus aposentos. Faria compras no dia seguinte, depois, aos poucos, a reintegração na sociedade, e o empenho para seduzir a esposa. Claro, havia o amante dela.

Sorriu. Aquela seria a parte mais difícil. Isabel não amava seus amantes, mas preocupava-se com eles e era sempre muito leal. Conquistá-la exigiria tempo e paciência, coisas que ele não estava acostumado a investir para ter uma mulher.

Mas não era uma mulher comum. Era Isabel e, por mais tempo e paciência que lhe fossem exigidos, valeria a pena esperar.

— Você não me parece feliz, Isabel — murmurou-lhe ao ouvido o conde de Hargreaves. — Talvez queira ouvir uma piada engraçada. Ou ir a outra festa menos aborrecida.

Isabel sorriu para o amante.

— Se você quiser ir embora, não me oponho.

Hargreaves acariciou-lhe as costas com a mão enluvada.

— Eu não disse que queria ir embora. Apenas sugeri uma cura para o seu enfado.

Isabel até preferia estar entediada. Qualquer coisa seria melhor do que pensar em Gray o tempo todo. Quem era o homem que se instalara em sua casa? Decididamente, não tinha a menor idéia. Só sabia que ele estava envolto em sombras e tormentos que lhe fugiam à compreensão. Era também muito perigoso. Como marido, ele podia exigir tudo, e ela não poderia recusá-lo.

No íntimo, Isabel preferia o marquês de Grayson que conhecia no passado. Com o jovem Gray, perspicaz e irreverente, era mais fácil lidar.

— E então, Isabel? — o conde insistiu.

Ela escondeu a ponta de irritação. John era um homem gentil e elegante, estavam juntos havia dois anos, mas nunca manifestava sua opinião, nunca demonstrava suas preferências.

— Gostaria que você decidisse, John.

— Eu? — Ele franziu o cenho, o que não diminuiu em nada seu charme.

Hargreaves tinha nariz aquilino, olhos escuros e cabelos pretos, já embranquecendo nas têmporas, que o tornava mais atraente, excelente espadachim, o conde era muito querido e respeitado. As mulheres o cobiçavam, e Isabel não fora exceção. Viúvo com dois filhos, não precisava preocupar-se com novo casamento. Isabel apreciava a companhia dele. Na cama e fora dela.

— Sim, você. O que gostaria de fazer?

— O que você quiser — ele respondeu com gentileza. — Como sempre, vivo para a sua felicidade.

— Eu ficaria mais feliz se soubesse o que você quer. O sorriso de Hargreaves desapareceu.

— Você está mal-humorada, Pel?

— Perguntar a sua opinião não significa que esteja de mau humor.

— Então por que essa implicância comigo?

Isabel fechou os olhos e meneou a cabeça. A irritação com John era por culpa de Gray. Olhou para o conde e segurou-lhe as mãos.

— Entre todas as coisas que podemos fazer, o que lhe daria mais prazer, John?

Ele sorriu novamente e acariciou a pequena porção de pele exposta entre a manga curta do vestido e a luva comprida.

— Sua companhia já me dá todo o prazer do mundo, Isabel. Você sabe disso.

— Então, irei encontrá-lo em sua casa logo mais — ela murmurou.

Hargreaves retirou-se imediatamente. Isabel esperou alguns momentos antes de sair também.

Durante o trajeto até a mansão Hargreaves, ela refletiu sobre a situação e considerou as possíveis opções. Estava preocupada e John notou, assim que ela entrou no quarto.

— O que a está preocupando, Isabel? — perguntou ele, ajudando-a tirar a capa.

Ela respirou fundo e contou:

— Lorde Grayson voltou.

— Maldição! O que ele quer?

— Viver na casa dele, retomar sua vida social.

— O que ele quer com você?

Isabel tentou amenizar a angústia do conde.

— Eu estou aqui com você, e ele está em casa. Você sabe como Grayson é.

— Sei como ele era, mas isso foi há quatro anos. — John serviu-se de uma bebida e ofereceu a Isabel, que aceitou. — Não sei como me sentir sobre essa situação, Isabel.

— Você não tem que sentir nada, John. A volta de Grayson não o afeta em nada. — Não como a afetava.

— Eu seria tolo em não pensar que poderá me afetar futura-mente.

— John. — Ela pegou o copo da mão dele e descalçou os sapatos. O que poderia dizer? Talvez o assédio de Gray não fosse uma anomalia. Era possível que seu marido ainda a qui-sesse no dia seguinte. Ou talvez, estivesse confuso por conta do desgaste da viagem. Preferia apostar na segunda hipótese. Já era suficiente para qualquer mulher viver apenas uma vez na vida com um homem como Pelham. — Não sabemos o que o futuro nos reserva.

— Por favor, Isabel! Nada de frases feitas. — Ele ingeriu a bebida de um só gole e serviu-se de mais.

— O que você quer que eu diga? — Ela detestava não ter palavras de conforto, e ainda assim dizer a verdade.

John colocou o copo abruptamente sobre a mesa, espirrando bebida para todos os lados. Aproximou-se dela.

— Quero que me diga que a volta de Grayson não tem a menor importância.

— Não posso. — Ficando na ponta dos pés, beijou-o no rosto. Ele a abraçou forte. — Você sabe que não posso, John. Gostaria de poder.

Tirando-lhe o copo da mão, Hargreaves fez menção de levá-la para a cama. Ela negou com um gesto de cabeça.

— Está me rejeitando? — ele perguntou com incredulidade.

— Estou confusa, John, e aflita. Isso abala meu ardor. Mas vai passar logo. Prometo.

— Você não deveria ter me rejeitado. Por que veio até aqui? Só para me atormentar?

Isabel desvencilhou-se dos braços do amante.

— Minhas desculpas. Eu não sabia que era recebida aqui penas para servir-lhe na cama.

— Pel, espere. — Hargreaves segurou-a pela cintura e enterrou o rosto na curva do pescoço. — Perdoe-me. Sinto que agora há uma barreira entre nós, e não suporto a idéia de perdê-la. — Ele a encarou. — Diga a verdade. Grayson a deseja?

— Não sei.

John soltou um suspiro de frustração.

— Como não sabe, Isabel? Você, de todas as mulheres, de-veria saber se um homem deseja deitar-se na sua cama ou não.

— Você não o viu, John. Onde quer que tenha vivido nos últimos quatro anos, certamente, ele não teve vida social. Sim, ele tem desejo. Reconheço muito bem. Mas o desejo é por mim ou por qualquer outra mulher? E isso que eu não sei.

— Então, teremos que encontrar uma amante para o seu ma-rido. Assim, ele deixará a minha em paz.

Isabel riu alto.

— Que conversa mais estranha!

— Eu sei. — Ele acariciou-lhe o rosto. — Vamos sentar e planejar uma festa? Não, um jantar é melhor. Faremos uma lista de todas as mulheres que poderiam agradar a Grayson, e con-vidá-las.

— Oh, John. — Isabel sorriu espontaneamente pela primeira vez, desde a volta de Gray. — Que idéia maravilhosa. Por que não pensei nisso antes?

— Eu não disse que vivo para a sua felicidade, Pel?

Gerard leu o jornal durante o desjejum, tentando ignorar a ansiedade. Dentro de alguns minutos, voltaria a circular pela cidade. Seria visto e toda a sociedade saberia que ele retornara. Ao longo dos próximos dias, receberia muitas visitas e teria que decidir quais amizades retomar e quais poderiam permanecer no passado.

— Bom dia, milorde.

Ao som da voz de Isabel, ele se levantou rapidamente. O coração bateu mais forte. Ela estava deslumbrante de vestido azul-claro decotado e de cintura alta debruada com cetim azul-escuro. Só depois que ele retribuiu o cumprimento, Isabel er-gueu os olhos e forçou um sorriso.

Estava visivelmente nervosa e, pela primeira vez, Gerard não a via tão confiante. Fitou-o por um longo momento, e então, sentou-se ao lado dele.

— Gray.

— Sim?

Após uma breve hesitação, ela foi direto ao assunto.

— Você precisa de uma amante.

Gerard piscou e deixou-se cair na cadeira.

— Uma amante?

Mordiscando o lábio, Isabel assentiu.

— Sim, e acredito que você não terá a menor dificuldade para conquistar uma.

— Realmente não terei — ele respondeu devagar. — Com roupas apropriadas e voltando a freqüentar a sociedade, darei conta da tarefa. — Levantou-se novamente. Não podia falar desse assunto com ela.

— Vamos, então?

— Está com pressa?

Ela riu, e Gerard apertou os dentes. O frisson que sentira ao vê-la entrar na sala evaporou. Aquela era a Isabel de antes. A mulher que esperava que ele arrumasse uma amante, deixan-do-a em paz.

— Você fez seu desjejum no quarto, não? — Ele respirou fundo.

Como sobreviveria a uma tarde com ela? E a próxima semana, ou mês? Ou — maldição! — anos, como costumavam durar os romances dela?

— Sim. — Isabel levantou-se. — Podemos ir. Não pretendo retardar a descoberta de sua nova amante.

Gerard seguiu-a a uma certa distância, tentando não pensar nos sentimentos que Isabel lhe despertava. Infelizmente, porém, não pôde evitar de notar a suave ginga dos quadris en-quanto ela andava.

Na charrete sentiu-se um pouco melhor. A capota abaixada ajudou a dissipar o perfume de flores exóticas. E o passeio pela Bond Street foi melhor ainda, mais do que ele imaginara, pois, distraído com as compras, não tinha tempo para pensar no crescente desejo pela esposa.

Isabel caminhava ao lado dele, conversando, descontraída, com o lindo rosto meio encoberto pela aba do chapéu.

— Isso é ridículo, Pel! — ele resmungou a um comentário dela. — Até parece que levantei do túmulo!

— De certa maneira, foi o que aconteceu. Você foi embora repentinamente, sem dizer nada e, durante quatro anos, não se comunicou com ninguém. Mas acredito que as mulheres esta-rão mais interessadas na sua aparência do que em saber como você viveu esse tempo todo.

— Minha pele está queimada de sol.

— Está. Eu gosto assim. Elas também gostarão. E você precisa de uma mulher, Gray. — Antes que ele tivesse tempo de res-ponder, Isabel parou diante de uma alfaiataria. — Chegamos. Era aqui que você mandava confeccionar suas roupas, não era?

Gerard deu uma olhada na vitrine e confirmou.

— Era, sim.

Entraram e, imediatamente, foram conduzidos à sala de pro-vas. Um vendedor ajudou-o a desvestir as

roupas antigas que, por ordem de Isabel, foram descartadas. Gerard ficou ali, só de cueca, e riu. Até ela se voltar para olhá-lo. A intensidade do olhar da esposa interrompeu o acesso de riso.

— Meu Deus! — Isabel murmurou, andando ao redor dele. Com a ponta dos dedos, apalpou o abdômen rígido.

Gerard reprimiu um gemido. O provador estava impregnado com o perfume dela que ainda o tocava intimamente! O alfaiate entrou e não escondeu a surpresa.

— Acredito que terei que tirar novas medidas, milorde. Isabel enrubesceu e afastou-se rapidamente. O alfaiate co-meçou a trabalhar, e ela saiu da sala de provas.

Tentava distrair-se selecionando outras peças do novo guarda-roupa do marido, mas a imagem de Gray só de cueca atormentava-a.

Ele estava no auge da vida, conservando a força e o poder da juventude, enquanto acrescentava a maturidade adquirida com as dificuldades e a idade. Ele era todo músculos e, depois de ter sido abraçada na noite anterior, admitia que o marido sabia como exercer muito bem esse poder.

Honestamente, Gray. Você é jovem demais para mim.

Por que ela não trilhara o caminho certo? Olhando para o marido, vendo todo o seu vigor e vitalidade, Isabel reconheceu o erro de unir-se a ele.

Gray precisava de uma amante para dedicar-lhe tempo e atenção. Um homem da idade dele tinha o desejo à flor da pele. Ela era conveniente e atraente, por isso ele a desejava. Era a única mulher que conhecia, em sua volta à civilização. Mas nenhum homem iria querer ter um caso com a própria esposa.

Isabel soltou um suspiro exasperado. Por que se casara de novo? Ela se comprometera justamente para evitar compromissos, e aonde aquela tolice a levaria?

Homens como Gray não eram constantes. Aprendera a lição com Pelham. O belo conde precisava de uma esposa, e sentia-se atraído por ela. Uma combinação perfeita, na mente dele. Porém, assim, que a paixão terminara, ele se mudara para outro quarto, ignorando completamente o grande amor que ela lhe devotava. Grayson faria a mesma coisa. Realmente ele parecia mais melancólico, mais responsável do que na época do casamento... mas sua idade era inegável...

Isabel suportaria ouvir rumores das proezas sexuais dele, e insinuações ao fato de ser velha demais para satisfazê-lo e para dar-lhe um herdeiro, desde que o acordo fosse cumprido. Era fiel aos amantes, e esperava a mesma lealdade deles, enquanto durasse o romance. Affairs sempre tinham fim, mas casamentos duravam até a morte.

A voz grave de Gray interrompeu-lhe os pensamentos.

— Lady Grayson?

— Sim? — Isabel respirou fundo antes de entrar no provador. Gray exibiu-lhe a cueca nova. Os olhos dela brilharam e ele sorriu.

— Espero que seja de seu agrado — disse ele num tom malicioso.

Notando a protuberância sob o tecido da peça íntima, Isabel desviou o olhar.

— Ora, Gray! — ela resmungou, odiando-o por ter voltado e bagunçado sua vida. Ela também ardia de desejo, embora re-pudiasse tal sentimento e as lembranças que despertava.

— Estarei perdido, Pel, se eu viver com você e não puder tê-la.

— Fizemos um acordo.

— Isto... — Ele apontou seu membro intumescido. — ... estava fora de questão. O que acha que devemos fazer a respeito? Ignorar?

— Procure alívio com outra pessoa. Você é jovem, bonito...

— E casado.

— Não de verdade.

— Pretendo corrigir essa falha.

— Por isso você voltou? Para fazer sexo com sua mulher?

— Voltei porque você me escreveu. Todas as sextas-feiras, eu recebia uma carta, que você mandava por meu advogado, com o envelope subscrito em tinta rosa e cheirando a flores.

— Você as enviou de volta. Sem abri-las.

— O conteúdo não era importante, Pel. Eu sabia o que você fazia e aonde ia, sem que me contasse. Era o pensamento que importava. Eu esperava que você desistisse e me deixasse com minhas misérias.

— No entanto, acabou trazendo a miséria para mim. — Ela começou a andar no pequeno espaço do provador. — Era minha obrigação escrever-lhe.

— Sim! — Gerard exclamou triunfante. — Sua obrigação co-mo minha esposa, o que fez lembrar que eu também tinha obri-gações para com você. Então, voltei para calar os rumores, para apoiá-la, para corrigir o erro que cometi ao deixá-la.

— Isso não requer sexo.

— Fale mais baixo — ele pediu, puxando-a para bem perto dele. Acariciou-lhe o seio até tocar no mamilo, provocando-a até ouvi-la gemer. — Isto requer sexo. Veja como está excitada. Até mesmo furiosa e revoltada, aposto como está úmida por mim. Por que procurar outra mulher, se é você que eu quero?

— Tenho alguém.

— Você insiste em dizer que tem alguém, mas ele não é su-ficiente, senão, você não me desejaria.

Isabel sentiu-se culpada pela reação de seu corpo. Nunca lhe ocorrera ter outro homem enquanto estivesse ligada a alguém.

Passavam-se meses entre um amante e outro, pois, ela sofria a cada rompimento, mesmo sendo sempre dela a decisão de ter-minar o romance.

— Engano seu. — Isabel se desvencilhou, a pele do seio quei-mando onde ele a tocara. — Eu não quero você.

— E pensar que sempre admirei sua sinceridade, Pel.

Ela o encarou e viu a determinação de Gray. A dor e a tristeza eram familiares, fantasmas do inferno que Pelham a obrigara a viver.

— O que aconteceu com você? — Isabel perguntou num fio de voz, lamentando a perda do conforto que, um dia, sentira ao lado dele.

— As vendas foram retiradas dos meus olhos, Pel. Eu vi o que estava perdendo.

Vestindo roupas novas e elegantes, Gerard saiu do provador e, imediatamente, viu Isabel. Parada junto à janela, o cabelo iluminado pelos raios de sol parecia fogo. O contraste dos fios afogueados contra o azul-claro do vestido era estonteante, e muito atraente. O calor do desejo dela queimava-o, a despeito das palavras frias que ouvira.

Na verdade, estava surpreso por Isabel ter esperado mais de duas horas na alfaiataria, entre compras e ajustes de roupas. Imaginara que ela fosse embora. Mas Isabel não era de escon-der-se de coisas desagradáveis. Até podia evitar discuti-las, mas nunca fugia. Esse era um traço da personalidade que ele mais apreciava nela.

Arrependia-se de tê-la pressionado tanto, mas não poderia agir de forma diferente. Ele não a entendia, e não poderia des-culpar-se sem compreendê-la. Por que estaria tão determinada a não manter um relacionamento importante com ele? Ela o desejava, e sabia que ele a queria também, no entanto, recusa-va-se a aceitar o fato. Não era próprio de Isabel negar-se aos prazeres da carne. Talvez amasse o amante atual. Contrariado, cerrou os punhos. Sabia muito bem que era possível amar uma pessoa, e ainda assim, fisicamente querer as atenções de outra.

Só de pensar, praguejou em voz baixa. Obviamente, não mu-dara tanto a ponto de não querer acariciar e apalpar sua esposa.

Que diabos estava acontecendo com ele? Um cavalheiro não se referia à própria esposa nesses termos! Deveria cortejá-la e não estar faminto para levá-la para a cama.

— Lady Grayson? — ele chamou em voz baixa para não as-sustá-la.

Isabel se voltou e contemplou-o com um sorriso largo.

— Milorde, você está muito elegante.

Então era assim? Fingir que nada acontecera?

Gray usou de todo o seu encanto e sorriu também. Segurou a mão dela e beijou-a.

— E o dever de todo marido para acompanhar uma esposa tão formosa como você, minha adorável Isabel.

A mão de lady Grayson tremeu na dele, assim como a voz quando ela disse:

— Você me lisonjeia.

Gerard queria fazer mais que lisonjeá-la, mas isso poderia esperar. Enlaçou o braço dela no seu e saíram da sala de provas.

Na loja, Isabel colocou o chapéu e ajeitou-o com graça e habilidade.

— Você precisa de uma amante, Gray — ela murmurou, encarando-o.

— Não preciso. Tenho uma esposa que me deseja. — Ele lhe ofereceu o braço e caminharam em direção à saída.

Nesse momento, a porta se abriu e um cliente entrou na loja. Ao vê-los, o homem parou com expressão de perplexidade. Não demorou muito para Gerard perceber quem era o cavalheiro. E o que deveria ter ouvido.

— Bom dia, lorde Hargreaves. — Ele apertou a mão de Isabel em seu braço, num gesto de posse. Nunca fora um homem pos-sessivo, e, rapidamente, tentou avaliar a razão dessa atitude.

— Bom dia, lorde e lady Grayson — o conde cumprimentou-os. Isabel estremeceu.

— Lorde Hargreaves, é um prazer.

Não, não era. Para nenhum deles. A tensão era palpável.

— Com licença — Gerard pediu ao conde que continuava a bloquear a porta. — Já estávamos de saída.

— Foi bom vê-lo novamente, milorde — Isabel murmurou com uma ponta de tristeza na voz.

— Obrigado — Hargreaves respondeu, pondo-se de lado. — Igualmente.

Gerard abriu a porta, lançou um último olhar avaliador ao rival e saiu da loja com a esposa. Caminharam devagar e em silêncio pela calçada, ambos imersos em pensamentos.

— Foi muito constrangedor — ele resmungou, por fim.

— Você percebeu, não é? Não sei como explicar a John...

— Ele sabia dos riscos quando decidiu envolver-se com a esposa de outro homem.

— Não havia riscos! Ninguém imaginava que você voltaria maluco para casa.

— Não é maluquice desejar a própria esposa. Entretanto, fin-gir que não deseja, é ridículo.

Gerard parou na frente de uma loja e entrou.

— Uma joalheria? — Isabel perguntou meio intrigada.

— Sim, querida. Há uma coisa que eu deveria ter feito anos atrás!

Um vendedor apressou-se em atendê-los.

— Bom dia, milorde. Milady.

Gerard examinou as jóias expostas nos balcões de vidro. Isabel inclinou-se ao lado dele. O perfume que ela exalava era envolvente, e Gray desejou estar entre lençóis de cetim impregnados pelo aroma exótico. Com as pernas graciosas dela en-roscadas nas suas, deveria ser o céu!

— Você sempre foi assim tão perfumada, Pel? — Ele se voltou para olhá-la. Os rostos estavam quase se tocando.

— Com efeito, Gray! — ela exclamou, recuando. — Esqueça essa história de perfume e encontre logo o que você procura.

Sorrindo, ele pegou-lhe a mão e olhou o vendedor.

— Este, por favor — disse, indicando o maior anel do mos-truário. Uma pedra enorme de rubi rodeada por diamantes e engastada num aro de filigrana de ouro.

— Meu Deus! — Isabel suspirou quando o vendedor tirou a jóia do mostruário e exibiu-a.

Gerard colocou o anel no dedo dela, por cima da luva. Agora, sim, ela parecia uma mulher casada.

— Perfeito.

— Não! — Isabel protestou.

Gray ergueu uma sobrancelha.

— Por que não?

— Está... está muito grande.

— Não, ficou perfeito em seu dedo. — Apoiando-se no bal-cão, ele sorriu. — Quando eu estava em Lincolnshire...

— Você esteve lá?

— Entre outros lugares. Como estava dizendo, em Lincolnshire, eu olhava o pôr-do-sol e pensava em você. Muitas vezes, havia nuvens vermelhas no céu da mesma tonalidade do seu cabelo. Quando a luz bate neste rubi, ela reflete quase a mesma cor.

Gerard beijou a pedra e, depois, a palma da mão enluvada de I sabeí, feliz com a oportunidade de estar tão perto dela novamente.

O nascer do sol, com sua beleza quente e dourada, sempre lhe despertara lembranças de Emily. No início, ficava deprimido. Cada manhã fazia com que se lembrasse que um novo dia começava e que Emily não estava ali para vivê-lo. Com o tempo, pas-sou a encarar o calor do sol como uma bênção, um aviso de que ele tinha outra oportunidade de tornar-se um homem melhor.

Os crepúsculos, porém, sempre pertenceram a Isabel. O céu escurecendo, o lençol da noite cobrindo os campos e desconsi-derando suas imperfeições, como Isabel que nunca lhe pedia nada. A sensualidade da cama, e os momentos de descontração em que ele se libertava das tensões do dia, também eram como Isabel deitada em sua chaise, no quarto de vestir. Era incrível como sua companhia alegre tinha se tornado tão importante para ele, embora nunca tivesse notado na época.

— Você deveria guardar suas palavras melosas para uma mulher menos experiente do que eu.

— Querida Pel, adoro sua experiência. Você não tem ilusões sobre meu caráter duvidoso!

— Não tenho mais a menor idéia de como seja seu caráter hoje em dia. — Ela puxou a mão e Gray a soltou. Endireitando os ombros, olhou em volta e notando o vendedor distraído com seus livros contábeis, acrescentou:—Não entendo por que você me diz essas coisas, Gray. Que eu saiba, você nunca teve idéias românticas ou sexuais por mim.

— De que cor são as flores do jardim na frente de nossa casa, Pel?

— Como assim?

— As flores. Sabe de que cor são?

— São vermelhas.

Gerard ergueu uma sobrancelha.

— Tem certeza, Pel?

— Bem... tenho.

— E as flores dos canteiros na calçada?

Isabel mordeu o lábio e, após um momento refletindo, arriscou.

— Cor de rosa?

— São azuis. — Ele tirou uma luva e acariciou o ombro de Isabel. O calor da pele macia penetrou-lhe nos dedos, direto para as veias, inflamando o desejo, como havia muito tempo não acontecia. Durante anos, estivera entorpecido e congelado por dentro. Sentir esse calor, o desejo de queimar-se apenas ao tocá-la, querer desesperadamente perder-se dentro dela... De-liciava-se com essas emoções.

— Flores azuis, Pel. — A voz soou mais enrouquecida do que ele gostaria. —Geralmente nos

acostumamos com as coisas que vemos todos os dias. Entretanto, não é porque deixamos de ver uma dessas coisas que ela não estará lá.

Isabel arrepiou-se, e Gerard sentiu, apesar da calosidade da mão.

— Por favor. — Ela empurrou a mão dele. — Não use palavras bonitas para tentar fazer do passado o que você quer que seja o presente. Não somos nada um para o outro. Nada. E quero que continue assim. Gosto que seja assim. — Ela tirou o anel e colocou-o sobre o balcão.

— Por quê?

— Por quê? — ela repetiu.

— Sim, minha adorável esposa, por quê? Por que você quer que nosso casamento continue sendo uma farsa?

Isabel fulminou-o com um olhar furioso.

— Você também quis.

— Conheço os meus motivos, mas estamos falando de você, Pel.

— Aqui está, lorde Grayson — o vendedor estendeu-lhe a nota de compra.

Contrariado com a interrupção, Gerard molhou a pena no tinteiro e assinou a nota. Esperou o vendedor guardar o anel na caixa de veludo, e colocou-a no bolso interno do paletó. Olhou para Isabel. Exatamente como na alfaiataria, ela estava junto à janela, corpo ereto e cabeça erguida. Todas as curvas de seu corpo traíam sua raiva. Ele meneou a cabeça, pensando que toda a paixão que dela exalava estava reprimida.

Que diabos Hargreaves estava fazendo, ou não fazendo, que a deixava tão volátil? Qualquer outro homem que visse sua postura rígida ficaria desencorajado. Gerard, porém, encarou como um sinal de esperança.

Aproximou-se, arrastado pela vibração que atraía a todos. Parando bem perto, respirou fundo e, depois, murmurou:

— Vamos para casa?

Assustada com a voz enrouquecida de Gray, Isabel virou-se rapidamente, obrigando-o a desviar-se da aba do chapéu dela. Ele começou a rir e não conseguia parar.

A risada era contagiante e Isabel, que sempre gostara daquele som, percebeu a tênue mudança. Estava mais grave e mais forte do que antes. Incapaz de resistir, ela também riu. De repente, Gerard segurou-a pela cintura e rodopiou pela loja, como antigamente.

Apoiando as mãos nos ombros dele, mais uma vez Isabel lembrou-se do quanto apreciava a companhia de Gray.

— Ponha-me no chão — ela pediu.

Com a cabeça inclinada para trás, ele perguntou entre risos:

— O que eu ganho em troca?

— Você está dando um espetáculo. Logo todos ficarão sabendo. — O sorriso desapareceu ao pensar na expressão decepcionada de Hargreaves. Não queria magoá-lo ainda mais.

— Um obséquio, Pel, ou eu ficarei rodando até você concordar. Sou bem forte e você é leve como uma pluma.

— Não sou.

— E, sim. Você pensa demais, Pel. Rejeitou meu presente. Oferecer-me um regalo é o mínimo que poderá fazer.

— O que você quer?

Ele revirou os olhos.

— Jantar.

— Jantar? Você não poderia ser mais específico?

— Quero jantar com você. Fique em casa esta noite e jante comigo.

— Tenho compromissos, Gray. Ele foi girando em direção à porta.

— Nem pense em me carregar para a rua — Isabel avisou-o.

— Duvida? — Gray perguntou com um sorriso diabólico. — Posso ter mudado, mas um leopardo não perde completamente as manchas!

Olhando sobre o ombro, Isabel viu a quantidade de pessoas andando pelas calçadas.

— Sim.

Ele parou.

— Sim o quê?

— Sim, jantarei com você.

O sorriso dele foi triunfante.

— Você é uma alma boa e generosa, Pel.

— E você é um tremendo chantagista, Grayson.

— Talvez. — Ele a colocou no chão e ofereceu-lhe o braço. — Você não me quer mesmo de outro modo?

De braços dados, caminhavam em silêncio. Olhando-o de soslaio e notando que o ar opressivo do dia anterior tinha amai-nado, Isabel compreendeu que preferia esse Gray, inconseqüen-te e moleque. Era quando ficava mais feliz.

Como Pelham.

Só uma tola cometeria o mesmo erro duas vezes. Reconhecendo a voz da razão, decidiu ser cautelosa e manter-se fisicamente distante dele. Quanto maior a distância, melhor.

— Lorde Grayson!

Uma senhora toda sorridente aproximou-se deles.

— E lady Hamilton — Isabel informou em voz baixa.

— Lady Pershing-Moore contou-me que o viu com lady Grayson—disse lady Hamilton. — Não acreditei, mas vejo que ela tinha razão. — O sorriso alargou-se. — Que bom revê-lo, milorde. O senhor estava bem... onde quer que tenha estado?

Gray pegou na mão estendida e fez uma medida.

— Infeliz, como estaria em qualquer lugar sem a companhia de minha linda e encantadora esposa.

— Oh! — Lady Hamilton piscou para Isabel. — Claro. Lady Grayson aceitou o convite para a minha recepção que acontecerá daqui a quinze dias. Espero que possa acompanhá-la.

— Certamente, lady Hamilton. Depois de uma ausência tão longa, não pretendo sair do lado dela nem por um momento sequer.

— Ótimo! Agora estou esperando pela festa ainda com mais ansiedade.

— E muita gentileza sua, milady.

Depois das despedidas, lady Hamilton afastou-se rapidamente.

— Gray. — Isabel suspirou irritada. — Por que instigar os comentários?

— Se você pensa que há alguma possibilidade de não sermos alvo de bisbilhotices, você é uma sonhadora, querida. Continuaram caminhando em direção à carruagem.

— Por que jogar mais lenha na fogueira, Gray?

— As mulheres não aprendem na escola a não falarem por enigmas?

— Veja, Gray. Concordei em fazer-lhe companhia até você se reintegrar na sociedade, desde que não demore muito. Assim que você seguir seu caminho...

— Nós seguiremos pelo mesmo caminho, Pel. Somos casados.

— Podemos nos separar. Depois destes últimos quatro anos seria uma simples formalidade.

Gray respirou fundo e fitou-a.

— Por que eu pensaria em separação? Melhor ainda, por que você pensaria?

Isabel continuou olhando para a frente. Como poderia explicar se ela mesma não tinha certeza da resposta? Simplesmente encolheu os ombros.

Gerard acariciou a mão pousada em seu braço.

— Uma grande mudança ocorreu nas últimas vinte e quatro horas. Ambos precisamos de tempo para nos acostumar um com o outro. Admito que as coisas não progrediram como eu antecipei. — Ajudou-a a subir na charrete e sentou-se também.

— O que você antecipou, Gray? — Talvez, sabendo das intenções dele, poderiam chegar a um entendimento. Ou pelo menos, não ficaria tão preocupada.

— Pensei que eu voltaria para casa, que nós dois nos sentaríamos com algumas garrafas de um vinho excelente, e que seríamos amigos novamente. Imaginei que, devagar, eu encontraria meu lugar neste mundo e que me acomodaria no conforto e na camaradagem que usufruímos no passado.

— Eu também gostaria que fosse assim, Gray. Mas duvido, a menos que voltássemos a ser como éramos antes.

Gerard fitou-a e Isabel desviou o olhar.

— Você ama Hargreaves?

Isabel ergueu as sobrancelhas.

— Se o amo? Não.

— Então há esperanças para nós. — Ele sorriu e a determinação em sua voz era inegável.

— Não pense que não gosto dele. Gosto, sim. Temos muitos interesses em comum. Ele é mais velho. Nós...

— A minha idade o incomoda, Pel? — Gerard perscrutou-a sob a aba do chapéu e estreitou os olhos.

— Bem, você é mais jovem e...

Gray segurou-a pela nuca e puxou-a. Inclinou a cabeça para encaixá-la sob o chapéu e roçou seus lábios nos dela.

— Oh!

— Não aceitarei mais essa farsa, Pel. — Beijou-a novamente e deixou escapar um tênue gemido. — Céus, o seu perfume me deixa louco.

— Gray. — Isabel o empurrou. Seus lábios queimavam e tre-miam. — As pessoas podem nos ver.

— Eu não ligo. — Introduziu a língua na boca entreaberta, e Isabel estremeceu. — Você é minha. Posso seduzi-la, se eu qui-ser. E definitivamente eu quero. — Ele roçou os lábios no dela. — Permita-me mostrar o que um homem mais jovem pode fazer por você?

Isabel arregalou os olhos.

— Por favor...

— Por favor o quê? — Com a mão livre, acariciava-lhe a perna sobre as saias. — Sim ou não? Ela balançou a cabeça.

— Por favor, não me faça desejá-lo, Gray.

— Por que não? — Beijou-a no pescoço.

— Porque eu o odiarei para sempre se isso acontecer. — Ela o empurrou. — Sim, pode você ter seus métodos, Gray. Meu corpo pode ser liberal e indulgente, mas eu tenho moral e ética. Gosto de Hargreaves, que não merece ser descartado depois de quase dois anos de companheirismo, apenas por conta de uma aventura na cama.

— Aventura na cama, senhora? Ninguém tem aventura na cama com o próprio cônjuge.

Gerard endireitou-se no banco e o volume de sua ereção tor-nou-se visível sob o tecido da calça. Isabel estremeceu e desviou rapidamente o olhar.

— O que mais seria? — ela indagou com voz tensa. — Na verdade, nós não nos conhecemos, Gray.

— Eu a conheço, Pel.

— Conhece? — Ela sorriu com ironia. — Qual é a minha flor predileta? A cor! O chá?

— Tulipa. Azul. Hortelã. — Gerard colocou o chapéu e cru-zou os braços. Ante o ar de perplexidade dela, completou: — Pensa que nunca prestei atenção a você?

Isabel mordiscou o lábio e puxou pela memória. Em vão tentou lembrar-se da flor, do chá, da cor da preferência dele. Não sabia.

— Muito bem, Isabel. Você terá o tempo que quiser para pen-sar melhor, e nesse ínterim poderá aprender tudo sobre mim, e eu, sobre você.

Finalmente, a charrete parou diante da mansão. Ela observou os canteiros da calçada e viu as flores azuis. Gray desceu e ofe-receu-lhe a mão para ajudá-la a descer. Acompanhou-a até os degraus da porta e voltou.

— Aonde você vai? — ela perguntou, a pele ainda formigando pelos carinhos recebidos.

Gerard parou e virou-se.

— Se eu entrar em casa, eu a terei, você querendo ou não. — Erguendo levemente os ombros num gesto de resignação, seguiu seu caminho até a charrete.

Isabel apertou os lábios. Aonde ele iria? Estava obviamente excitado, e só de pensar nele ocupado com os prazeres da carne, sentiu um aperto horrível no peito. Sabia como ele era sem roupa, e tinha certeza que qualquer mulher que visse seu corpo forte e bronzeado cairia aos pés dele. A dor que pensou que jamais voltaria a sentir machucou ainda mais. A repetição das dores do passado.

Entrando na casa que era sua havia quase cinco anos, Isabel descobriu, para seu desespero, que a sentia quase vazia sem a presença vital de Grayson. Praguejou, furiosa pela revolução que ele provocara em apenas algumas horas.

Foi para o quarto, disposta a resolver o problema. Os preparativos para o jantar já estavam em andamento. Tinha também que estudar as preferências do marido.

Depois de conhecê-lo bem, poderia encontrar a amante perfeita para ele. Só esperava que o plano de Hargreaves funcionasse. E rapidamente.

A experiência lhe dizia que homens como Grayson não resistiam por muito tempo.

Gerard abriu a porta do Remington's Gentleman's Club. Se não se sentisse tão frustrado, estaria nervoso. Ali no clube, certamente encontraria muitos cavalheiros, com cujas esposas ou amantes tinham se envolvido. No passado, não teria sentido nenhum constrangimento.

Regras não se aplicam no amor em guerra, era seu lema na época. Agora, porém, seus conceitos eram outros. As regras eram aplicadas em todos os lugares, e ele não estava isento da obrigação de segui-las.

Entregou o chapéu e as luvas na chapelaria e atravessou o salão de jogos em direção ao bar. Entrou e olhou em volta à procura de uma mesa livre. Sentiu-se confortável naquele ambiente que lhe era tão familiar. O cheiro de couro e tabaco lembrava que algumas coisas eram eternas. Um par de olhos encontrou os dele, mas logo desviou com ar de desprezo. Gerard suspirou e aceitou o desafio. Deu um passo para fazer o primeiro dos inúmeros pedidos de desculpas para quem os devia.

Com uma reverência disse:

— Boa tarde, lorde Markham.

— Grayson. — O homem que fora seu melhor amigo nem sequer o olhou.

— Lorde Denby, lorde William — Gerard cumprimentou os outros dois cavalheiros sentados à mesa com Markham. Depois, voltou a atenção para o visconde. — Peço um momento de seu tempo, Markham. Se você me conceder esse obséquio, serei eternamente grato.

— Lamento não ter esse tempo — o visconde respondeu friamente.

— Entendo. Nesse caso, terei que pedir-lhe desculpas aqui mesmo.

Markham encarou-o visivelmente contrariado.

— Lamento muito se meu casamento causou-lhe desconfor-to. Como seu amigo, eu deveria ter levado mais em considera-ção os seus interesses. Também quero felicitá-lo por seu recente enlace. Era o que eu queria lhe dizer. Bom dia, senhores.

Gerard inclinou levemente a cabeça e afastou-se. Encontrou uma mesa vazia e respirou fundo ao acomodar-se na cadeira de couro. Abriu o jornal que um garçom entregou-lhe e tentou relaxar, uma tarefa realmente difícil, por conta dos olhares de curiosidade dos presentes e dos conhecidos que se aproxima-vam para cumprimentá-lo.

— Grayson.

Ele se enrijeceu e baixou o jornal.

Markham fitou-o por um longo momento antes de apontar para uma cadeira.

— Posso?

— Por favor. — Gerard dobrou o jornal e deixou-o de lado enquanto o visconde se sentava.

— Você parece mudado.

— Gosto de pensar que mudei.

— Eu diria que mudou, se seu pedido de desculpas foi sin-cero.

— Foi.

O visconde alisou o cabelo loiro e sorriu.

— Meu casamento é muito agradável, o que torna a ferida infinitamente menos dolorida. Mas esclareça uma dúvida que carrego há anos: Isabel me deixou por você?

— Não. Honestamente, nunca houve nada entre nós, Markham.

— Não estou entendendo. Por que ela sempre recusou meus pedidos de casamento e aceitou o seu, se não havia nada entre vocês?

— Como um homem pode discutir as razões que levam uma mulher a casar-se com ele? Como saber? De qualquer forma, sou um homem de sorte.

— Homem de sorte? Você esteve ausente durante quatro anos! — o visconde exclamou, perscrutando-o. — Quase não o reconheci!

— Muitas coisas podem acontecer em quatro anos, Markham.

— Ou não acontecer. Quando você voltou?

— Ontem.

— Conversei com Pel anteontem e ela não comentou nada.

— Ela não sabia. — Gerard deu um sorriso triste. — E, infelizmente, ela não ficou tão feliz como eu gostaria.

Markham ajeitou-se mais confortavelmente na cadeira e, com um gesto, pediu uma bebida ao garçom.

— Estou surpreso por ouvir isso. Vocês sempre se entenderam tão bem.

— Sim, mas como você notou, eu mudei. Meus gostos são diferentes, assim como meus objetivos.

— Sempre me perguntei como você conseguia ficar imune aos encantos de Isabel. — O visconde riu.
— O destino tem uma maneira especial de equilibrar a balança, no tempo certo. Eu estaria mentindo se dissesse que não estou satisfeito por vê-lo sofrer um pouco.

Gerard forçou um sorriso.

— Minha esposa é um mistério para mim.

— Isabel é um mistério para todos. Por que você acha que todos querem possuí-la? O desafio é irresistível.

— Você se lembra do casamento dela com Pelham? — De repente, Gerard perguntou-se por que nunca lhe ocorrera saber antes sobre as primeiras bodas da esposa. — Gostaria de ouvir, se você souber.

O garçom trouxe a bebida e Markham agradeceu com um gesto de cabeça.

— Não há um único nobre da minha idade que não se lembre da jovem lady Isabel Blakely, filha do duque Sandforth. Era de conhecimento de todos que seu dote era substancial, o que atraiu os caçadores. Todos nós, rapazes, esperávamos ansiosamente pelo debut de Isabel. Naquela época, eu já pensava em propor-lhe casamento. Porém, Pelham foi mais esperto. Não esperou. Seduziu-a assim que ela saiu da sala de aula, antes que qualquer um de nós tivesse chance de cortejá-la.

— Seduziu?

— Sim, seduziu. Todo o mundo percebeu. O jeito de se olhar... Foi uma grande paixão. O fogo entre eles era quase palpável. Eu o invejei pela adoração que Isabel lhe dedicava. Mesmo depois que começaram as aventuras extraconjugais dele, Isabel continuou a idolatrá-lo, apesar do sofrimento. Pelham foi um idiota.

— Patife! — Gerard resmungou, sentindo pela primeira vez a dor do ciúme.

Markham riu e sorveu um gole de bebida.

— Você me lembra ele. Ou melhor, lembrava. Ele tinha vinte e dois anos quando se casou, e era tão

arrogante quanto você. Na verdade, Isabel sempre comentou sobre as semelhanças entre você e o falecido. Quando vocês se casaram, imaginei que fosse por esse motivo. Mas você continuou com suas distrações e Isabel, com as dela. Você confundiu a todos nós, e enfureceu a muitos. Foi uma pena ela ter se casado de novo, principal-mente com um homem que não tinha interesse por ela.

Gerard olhou para as mãos vermelhas e calejadas pelo tra-balho. Girou a aliança de ouro que ele e Isabel tinham comprado por brincadeira. Ele chegara a pensar que seria tolice usá-la, mas agora, gostava de senti-la no dedo. Era uma sensação es-tranha. A sensação de pertencer a alguém. Agora, ficava ima-ginando se Isabel sentira o mesmo ao provar o anel de rubi. Talvez, por isso o rejeitara sumariamente.

O visconde riu novamente.

— Eu deveria odiá-lo, Grayson, mas você torna isso muito difícil.

Gerard arqueou as sobrancelhas.

— Não fiz nada para você deixar de odiar-me.

— Você está pensando, preocupando-se. Se isso não for sinal de mudança, não sei o que é, então. Alegre-se. Agora ela é sua e, ao contrário do que aconteceu comigo, com Pearson e com os outros, ela não o dispensará.

— Mas há Hargreaves — Gerard lembrou-o.

— Ah, sim, Hargreaves — Markham confirmou com um sor-riso irônico. — Como eu disse, o destino prega suas peças.

Na cama, Isabel tentava ler, mas nada a distraía. Passava das dez horas da noite. Gray não voltara para o jantar que ele mesmo solicitara. Não lhe daria outra chance. Cancelara os compromi-sos daquela noite para atender a um pedido dele e, no entanto, Gray não tivera a delicadeza de voltar para casa.

Na verdade, acontecera exatamente o que ela queria: que ele encontrasse prazer fora de casa. Talvez nem houvesse necessidade de planejar um jantar para aproximá-lo de alguma mulher. Enfim, seria um alívio. Poderia esquecer os planos e direcionar sua aten-ção apenas em viver sua vida como antes do retomo do marido.

Alertou-se ao ouvir um ruído vindo do quarto de vestir. Cer-tamente não era ansiedade o que sentiu ao colocar o livro de lado. Estava simplesmente investigando. Qualquer pessoa agi-ria assim se ouvisse barulhos estranhos em seus aposentos.

Levantou-se e foi para o quarto de vestir. Abriu a porta e deparou-se com Grayson.

— Boa noite, Pel. — Ele sem paletó, sem gravatas, as mangas da camisa arregaçadas e descalço. E com o cabelo úmido do banho recente.

Devastador!

— O que você quer? — indagou rispidamente, aborrecida por ele se apresentar naqueles trajes.

Gerard ergueu uma sobrancelha e exibiu uma cesta de vime.

— Jantar. Você prometeu. Não pode desistir agora.

Isabel recuou para ele entrar, e tentou esconder o rubor.

— Você faltou ao jantar.

— Pensei que você não ia me querer. — O duplo sentido da frase era óbvio. Ele entrou e o quarto encheu-se com seu perfume. — Porém, o jantar está garantido.

— Você só busca o que está garantido?

— Claro que não, ou não estaria aqui. — Gray sentou no chão e abriu a cesta. — Você não vai me espantar com o seu mau humor, Pel. Esperei o dia inteiro por este jantar e pretendo saboreá-lo. Se não tiver nada de agradável para me dizer, experimente um destes sanduíches e apenas me deixe admirá-la.

Isabel fitou-o em silêncio e Gerard deu-lhe uma piscada. Ela abaixou por pura gentileza. O restante foi por conta dos joelhos trêmulos.

— Você fica muito bem de cetim rosa — ele observou oferecendo-lhe um copo de vinho.

— Pensei que você tivesse desistido do jantar. Por isso, troquei de roupa.

— Não se preocupe, Pel. Nunca tive a ilusão de que você se embelezava para mim.

— Cínico! Onde você esteve?

— Você nunca me perguntou antes.

Realmente, ela nunca se preocupara, mas não poderia confirmar em voz alta.

— Você sempre se antecipava. Agora não conta nada.

— Remington's.

— O dia todo?

Gray assentiu com um gesto de cabeça, e Isabel bebeu um gole de vinho.

— Oh! — Remington's com suas cortesãs era um paraíso das iniquidades masculinas. — Você se divertiu?

— Não está com fome? — ele quis saber, ignorando a pergunta.

Isabel bebeu boa parte do vinho. Gray riu e o som da risada inebriou-a.

— Você se divertiu? — tornou a perguntar.

— Sim, claro.

Gray se banhara e trocara de roupa. Intimamente, Isabel agradeceu por ele não tê-la procurado cheirando a sexo e per-fume, como Pelham fizera em diversas ocasiões. Seu estômago se contorceu só de lembrar, embora a imagem que ocupava sua mente fosse de Grayson e não de Pelham.

Levantando-se foi até a chaise. Deitou-se de costas observan-do a tenda.

— Não, não estou com fome.

Um momento depois, estava inundada com o perfume de Gray — linho engomado e sabonete de sândalo. Ele se sentara no chão, ao lado dela.

— O que posso fazer? — Gray perguntou, pegando-lhe a mão. — Incomoda-me saber que minha presença a irrita, mas não posso ficar longe de você, Pel. Não me peça isso.

— E se eu pedir? — Os dedos calejados acariciavam-lhe a palma da mão, provocando um arrepio pelo corpo.

— Não poderei atendê-la, milady.

— Mesmo depois dos divertimentos desta noite?

Gerard riu.

— Eu poderia ser um bom marido tranquilizando-a, mas o pouco do patife que ainda há em mim me obriga a deixá-la sofrer um pouco, como eu estou sofrendo.

— Homens como você nunca sofrem, Gray.

— Há homens como eu? Que tristeza!

— Viu como nosso relacionamento muda quando você troca o papel de amigo para o de marido? — ela observou. — Men-tiras, evasivas, palavras não ditas. Por que você quer que viva-mos dessa maneira?

Gray passou a mão no cabelo e desviou o olhar.

— Pode me responder, Gray? Por favor, ajude-me a entender o motivo de querer estragar nossa amizade.

Os olhos dele se anuviaram com a mesma melancolia que o envolvera no dia anterior. Isabel emocionou-se.

— Por Deus, Pel! — Ele encostou a face na perna de Isabel, o cabelo escuro umedecendo o cetim. — Não sei discutir isso. Soa como um sentimentalismo forçado.

— Tente.

Gerard fitou-a com olhar triste e pensativo. Os dedos que lhe acariciavam a palma da mão, entrelaçaram-se com os dela. A simples intimidade era como uma agressão física. Por um momento, Isabel teve dificuldade para respirar.

— Depois da morte de Emily, eu me desprezei, Pel. Você não imagina como fui injusto com ela. Muitas vezes e de muitas maneiras. Ela não merecia ter sofrido por um homem como eu. Demorei muito para admitir meu egoísmo e meu erro. E demorei mais ainda para perceber que eu não poderia mudar o passado, mas poderia honrá-la mudando o homem que eu seria no futuro.

Isabel apertou a mão de Gerard num afago. Foi quando ela percebeu a aliança de casamento no dedo dele. Ele nunca a usara antes! A descoberta fez seu coração pulsar mais forte.

Gray aninhou o rosto no robe de cetim, fazendo Isabel estremecer. Interpretando a reação da esposa como contrariedade e no desejo, ele se afastou.

— Foi horrível. Desculpe.

— Não... Continue, por favor. Quero ouvir tudo.

— A tentativa de mudar o caráter de alguém é uma tarefa árdua. Passei todos estes anos sem encontrar motivos para sorrir Ou festejar. Até que você entrou no escritório, ontem. Naquele momento, eu a vi e senti um impacto. — Ele levantou as mãos de ambos unidas, e beijou os dedos delicados de Isabel. — Mais tarde, neste quarto, eu sorri. E foi bom, Pel. O impacto transformou-se em algo mais. Algo que eu não sentia havia anos.

— Apetite sexual — ela murmurou. Conhecia muito bem o sentimento que a estava consumindo.

— Senti desejo pela vida, Isabel. E isso é por conhecê-la apenas na aparência. Sonho em saber como seria depois de conhecê-la por dentro. Completamente. — A voz soou mais grave e enrouquecida, nos olhos já não havia o tormento que os anuviara. — Não só seu corpo, Isabel, mas seus pensamentos, seus sentimentos, sua alma...

— Gray...

Gerard beijou-lhe a coxa, os lábios quentes roçando o tecido da camisola. Tensa, Isabel o empurrou, embora ansiasse por mais.

— Depois de saciar seu apetite, o que acontecerá conosco? Jamais voltaremos a ser como éramos antes.

— Como assim, Pel?

— Quando esse seu... entusiasmo passar, nossa convivência se tornará impossível. — Ela se levantou e começou a andar pelo quarto. — Ficaremos definitivamente distantes um do outro. Eu terei que morar em outra propriedade. Comparecermos aos mesmos eventos sociais será extremamente constrangedor.

Gerard levantou-se e seguiu-a com o olhar. Um olhar elo-qüente pela intensidade.

— Você vê seus ex-amantes todos os dias. Todos são muito sociáveis com você, e você com eles. Qual a diferença?

— Eu não olho para eles todas as manhãs no desjejum. Não são meus amantes que controlam as minhas contas e nem cui-dam do meu bem-estar. Eles não usam a minha aliança! — Ca-lou-se e fechou os olhos, meneando a cabeça num lamento por ter falado demais.

— Isabel...

Ela olhou para o retrato na parede. Um deus loiro encarando-a, preso para sempre ao seu apogeu.

— Encontraremos uma amante para você, Gray. Sexo é sexo, outra mulher causará menos confusão.

Gerard aproximou-se e abraçou-a por trás. Com um dos bra-ços, enlaçou-a pela cintura; com o outro, apossou-se do seio atrevidamente.

Isabel soltou um grito, e ele enterrou o rosto na curva de seu pescoço. O corpo viril, quente e rígido colado ao seu, provocou-lhe uma sensação nova e indescritível.

— Não preciso de sua ajuda para encontrar sexo. Preciso de você, Pel. — Gray beijou a pele macia do pescoço e apertou-a contra si. — Quero confusão. E suor e delírio. Oh, Deus, per-doe-me por querer isso de minha própria esposa.

Isabel ficou em brasas ao sentir o membro intumescido late-jando contra seu ventre.

— Não!

— Posso ser gentil, Pel. Posso amá-la também. — Com as pontas dos dedos começou a brincar com o mamilo.

Ela estremeceu nos braços do marido, a excitação entre as pernas tornou-se quase insuportável.

— Não... — sussurrou, desejando-o com todas as forças de seu ser.

— Veja a aliança no meu dedo, querida. Você sabe que sou seu. Sou diferente dos outros homens — disse Gray, contornan-do as curvas da orelha de Isabel com a ponta da língua. — De-seje-me, Pel. Como eu a desejo.

Assim dizendo, Grayson soltou-a abruptamente e saiu do quarto, deixando Isabel debatendo-se entre dois fogos. De um lado, a razão lhe dizia que um affair com Gray não duraria mui-to. Do outro, a emoção que não se importava se durasse ou não.

Capítulo II

Gerard havia planejado fazer um piquenique com Isabel. Porém, as visitas começaram a chegar e de repente, a casa estava cheia de curiosos que queriam cumprimentá-lo e, principalmente, conferir com os próprios olhos o estado daquele casamento escandaloso.

Resignado, ele circulava pela sala, conversando e sorrindo, sem conseguir desviar os olhos de sua bela esposa. Na sala decorada com damasco azul, Isabel sobressaía-se entre as mulheres presentes. Usava um vestido de cetim cor de pêssego que combinava perfeitamente com a pele alva e o cabelo vermelho. Como que sentindo o olhar do marido, Isabel ergueu os olhos e fitou-o. Um leve rubor cobriu-lhe as faces. Gerard sorriu e piscou, e ela corou ainda mais.

Como lhe escapara o fato de Isabel ser diferente de todas as outras mulheres?

— Ela é adorável, não?

Gerard olhou para a mulher que parara ao seu lado.

— Realmente, Sua Graça. — Um sorriso curvou seus lábios ao ver a mãe de Isabel, a bela duquesa Sandforth. — Ela herdou essas qualidades da mãe.

— Encantadora e elegante — lady Sandforth murmurou. — Quanto tempo você ficará desta vez?

— Pelo tempo que minha esposa ficar aqui.

— Interessante. — Ela ergueu a sobrancelha. — Permita-me perguntar o motivo da mudança de seus sentimentos?

— O fato de Pel ser minha esposa não é suficiente?

— Os homens desejam suas esposas no início, milorde. Não depois de quatro anos.

Ele riu.

— Sou um pouco lerdo, mas estou ficando esperto.

Nesse momento, Gerard avistou Bartley parado na porta. Pedindo licença à duquesa Sandforth, foi cumprimentar o barão.

— Bartley, você está muito bem!

— Não tão bem quanto você, Gray — Bartley respondeu. — Mesmo com essa aparência de um camponês. Você trabalhou nas suas terras? — Ele riu.

— Mais ou menos. — Gerard indicou o corredor ao lado da escada. — Vamos ao meu escritório. Quero ouvir em que enrascadas você se envolveu na minha ausência.

— Primeiro quero que veja o presente que lhe trouxe.

Gerard ergueu uma sobrancelha.

— Um presente?

— Sim — Bartley confirmou com um sorriso largo. — Como você acabou de voltar e ainda não se reintegrou na sociedade, achei que estaria meio... digamos, solitário. — Ele indicou a porta com um gesto de cabeça para o criado abri-la.

Curioso, Gerard esperou e viu a bela morena na soleira da porta. Bárbara Stanhope, contemplou-o com um sorriso e olhar sensuais, a mesma sensualidade que o enredara durante nove meses, tempo que durara o tórrido affair.

Cumprimentou-a, beijando-lhe a mão.

— Grayson — ela disse com voz infantil, totalmente discor-dante de sua aparência. — Você está divino, pelo menos no que suas roupas me permitem ver.

— Você continua linda, Bárbara.

— Assim que eu soube de sua volta, fiz questão de vir antes que outra mulher o agarre!

— Você não deveria ter vindo à minha casa — repreendeu-a.

— Eu sei, querido, e já estou de saída. Quis que você me visse pessoalmente. Uma mensagem não teria o mesmo efeito. — Os olhos, claros como jade, brilharam maliciosamente. — Gostaria que fôssemos amigos novamente, Gray.

— O convite é tentador, mas devo decliná-lo.

— Ouvi dizer que você e lady Grayson se reconciliaram.

— Nunca nos separamos.

Bárbara fez um muxoxo.

— Espero que reconsidere. Reservei um quarto no nosso hotel favorito. Estarei lá nos próximos três dias. — Ela jogou um beijo para Bartley, depois, sorriu novamente para Gerard. — Espero você lá, Grayson.

— Eu não esperaria — ele respondeu, fazendo uma mesura. Assim que Bárbara saiu e o criado fechou a porta, Bartley aproximou-se de Gerard.

— Você pode me agradecer com um charuto e um conhaque.

— Nunca pedi seus serviços nesse assunto em particular — Gerard reclamou rispidamente.

— Sim, sim, eu sei. Mas você acabou de chegar e eu quis poupá-lo de um problema. Não há

necessidade de continuar com ela, depois de... bem, você sabe, Gray.

Meneando a cabeça, Gerard abriu a porta do escritório para o barão entrar.

— Ah, Bartley. Acho que você não tem recuperação mesmo!

— Recuperação? — Bartley indignou-se. — Meu Deus, espero que não! Que coisa horrível!

Eram quase seis horas quando, finalmente, a última visita despediu-se dos Grayson.

No hall, ao lado de Gerard, Isabel não conteve um suspiro de alívio. O dia fora uma verdadeira provação. Ela juraria que todas as ex-amantes de Gray tinham passado pela casa dela. Pelo menos, as damas da nobreza, para as quais ela não poderia fechar as portas. Gray portara-se impecavelmente, gentil e encantador como sempre, despertando de novo o interesse de todas aquelas mulheres odiosas.

— Parabéns, Gray. Apesar das patifarias que cometeu, você continua popular. — Isabel afastou-se em direção à escada. — Claro, a maioria das visitas era mulher. Mulheres jovens.

O riso abafado que ela ouvia foi irritante.

— Bem, você não quer que eu arrume uma amante? Isabel fulminou-o com um olhar furioso.

— Foi uma falta de compostura elas virem à minha casa e cortejá-lo debaixo do meu nariz!

— Você prefere entrevistas agendadas? — ele sugeriu. Isabel parou no meio da escada e encarou-o.

— Por que você está me provocando?

— Meu amor, detesto dizer-lhe isto, mas você já foi provocada — Gray provocou-a. — Admito que meu coração se aquece ao vê-la tão enciumada.

— Não estou enciumada. — Isabel recomeçou a subir a escada e Gerard seguiu-a. — Simplesmente exijo um pouco mais de respeito. Não quero ser afrontada em minha própria casa. Além disso, aprendi que o homem que provoca o ciúme de uma mulher, não vale nada.

— Concordo.

A resposta surpreendeu-a, e ela parou novamente já na porta de seus aposentos.

— Espero que você acredite, Pel, mas essas visitas me agradaram tanto quanto a você.

— Mentiroso! Você adora mulheres bajuladoras. Todos os homens adoram.

— Adoro mulheres bajuladoras somente quando são marquesas temperamentais, cujo quarto de vestir tem uma tenda no teto. — Ele a alcançou e girou a maçaneta; seu braço roçando-lhe o seio. — O que a está aborrecendo, minha querida? — perguntou com os lábios encostados no pescoço de Isabel. — Onde está aquele seu sorriso maravilhoso?

— Estou tentando ser agradável, Gray. — Odiava ficar mal-humorada. Não era de sua natureza.

— Eu tinha outros planos para hoje.

— Tinha?

— Sim. — Gerard mordiscou-lhe o lóbulo da orelha. — Mi-nha intenção era passar o dia namorando minha mulher e re-velando meu lado charmoso.

Isabel tentou empurrá-lo, mas ele se inclinou mais, apoiando a mão no batente da porta, envolvendo-a com seu perfume e o corpo rígido. A mecha de cabelo caída na testa emprestava-lhe um ar infantil.

— Conheço muito bem seu lado charmoso. — E o lado apai-xonado também. Estremeceu ao lembrar dos braços fortes enlaçando-a, e dos lábios acariciando-lhe o pescoço.

— Está com frio, Isabel? — A voz de Gray foi um murmúrio quente e intimista. — Posso aquecê-la?

— Pare com isso! — Ela o empurrou novamente. — Estou Com muito calor.

— Eu também. Fique em casa comigo esta noite.

Isabel negou com um movimento de cabeça.

— Eu tenho realmente que sair.

— Ótimo. — Gerard passou a mão no cabelo. — Você vai jantar no quarto?

— Vou.

— Tenho algumas coisas para fazer e quando eu voltar, virei vela se arrumar para sair. Espero que não faça objeções. Um homem deve encontrar seus prazeres como puder.

— Não, não faço objeções. — Isabel estava começando a des-cobrir que a incomodava pensar que ele encontraria prazer em outros lugares.

— Até mais tarde, querida.

Por alguns instantes, Isabel ainda ficou parada no corredor antes de entrar em seus aposentos.

Depois do banho e da refeição leve, Isabel sentou-se diante da penteadeira apenas de espartilho. Fechou os olhos enquanto Mary prendia-lhe o cabelo, penteando-o no estilo da moda: ca-chos curtos ao redor do rosto.

Normalmente, estaria conversando com Mary para inteirar-se das novidades. Os criados sempre sabiam de tudo que acon-tecia em sociedade e ela gostava de ouvi-los.

Naquela noite, porém, ficou quieta. Sabia que muitas das mulheres que estiveram em sua casa eram conhecidas íntimas de seu marido. Ao longo dos quatro anos, muitas vezes, encon-trara essas mesmas mulheres e nunca pensara no que poderia haver entre eles.

O pior de tudo, porém, não eram as mulheres do passado, mas as do futuro. Aquelas que tinham lançados olhares lângui-dos e sorrisos cheios de promessas a Gray, pensando que ela não se importaria. Não deveria se importar. Afinal, ela tinha Hargreaves, e nunca se incomodara antes. Contudo, incomo-dava-se, sim. Só de pensar que logo uma daquelas mulheres — ou todas — partilharia a cama com Grayson, sentiu o sangue ferver.

Uma leve batida na porta e Gray entrou, vindo do quarto contíguo.

— O que...? — ela começou.

Gerard puxou pela respiração e sentou-se na chaise.

— Você está arrebatadora, minha querida! — ele exclamou como se fosse normal sair da suíte principal e entrar nos apo-sentos dela pela porta de comunicação.

Desde o casamento, Gerard ocupava um quarto no final do corredor. Isabel chegara a sugerir que se instalasse numa suíte na ala de hóspedes, uma vez que a casa era dele e o casamento, uma farsa. Ele não aceitara, alegando que Isabel passava muito mais tempo em casa. O que era verdade. Ela dormia em sua cama todas as noites, enquanto Gray ficava dias fora de casa.

— O que está fazendo na suíte? Não há nada nos aposentos, a não ser móveis vazios.

— Engano seu. Quase todos os meus pertences estão lá. Pelo menos, o que uso com maior regularidade.

Isabel apertou as mãos. O fato de Gray estar dormindo no quarto ao lado, com apenas uma porta separando-os, era muito excitante. Lembrou-se de quando o viu quase nu, na alfaiataria. A sensação de seu membro pressionando-lhe o ventre ainda era forte. Forte, rígida e quente... Nu... O corpo perfeito de Gray espalhado na cama, adormecido... Envolto nos lençóis...

Oh, céus...

Mary terminou de pentear a patroa e saiu do quarto. Grayson aproveitou o momento para aproximar-se de Isabel e acariciar-lhe os ombros. Isabel prendeu a respiração, tentando não inalar o cheiro másculo que a deixava inebriada.

— Por que não podemos ser apenas bons amigos como antes, Gray? Por que estragar nossa amizade lembrando-me desta atração não desejada?

— Você não imagina como é difícil para um homem ficar perto da mulher desejada, sentir o desejo queimá-lo por dentro, e não poder fazer nada.

— Amigos — ela insistiu com voz firme. — É a única maneira para nosso casamento dar certo.

— Posso ser seu amigo, além de amante, Isabel. — Os lábios úmidos e quentes roçaram-lhe o ombro.

— E o que será de nós depois que a paixão acabar e deixarmos de ser amantes?

Enlaçando-a pela cintura, Gray mirou a imagem de ambos refletida no espelho.

— O que você quer que eu diga, minha querida? Que seremos sempre amantes?

Ao dizer isso, puxou o corpete de Isabel para baixo, e segurou os seios expostos. Apertando-a mais, roçava suavemente o ab-dômen contra o ventre dela. A forte evidência do desejo de Gray era inconfundível, e Isabel sentiu o calor espalhar-se rapidamente pelo corpo todo. Pronta para o sexo, excitada pela sedução do marido, ela fechou os olhos e deixou escapar um gemido abafado.

— Olhe para nós — ele murmurou. — Abra os olhos. Veja como estamos excitados. — Os dedos hábeis, agora, apertavam-lhe os mamilos. — Você também me deseja. Por que negar? Abra os olhos, Isabel.

Com medo de ver-se nos braços dele, ela negou enfaticamente.

— Não... não...

Gray ajeitou-se e amoldou o corpo ao dela, movimentando-se lentamente, sua rigidez provocando-a, fazendo-a estremecer e soluçar quase em desespero. Deslizou a mão pelo ventre liso até seus dedos tocarem a doce umidade de Isabel que pulsava ansiosa por recebê-lo.

— Não posso dizer que seremos amantes para sempre, Pel. Mas sei que, se meu desejo for a metade do que é agora, vou querer ficar com você indefinidamente. Fique em casa comigo esta noite — Gray murmurou, seus dedos movimentando-se em círculos dentro da intimidade de Isabel.

A tentação de ficar era quase irresistível. Isabel queria jogá-lo no chão, montar nele e cavalgá-lo até saciar-se por completo.

— Eu nunca o desejei antes, Gray. — Ela gemeu, estremecen-do. — Nunca pensei em ir para a cama com você. — Sim, nunca pensara. Mas agora não conseguia pensar em outra coisa a não ser entregar-se por completo.

Obrigando-se a abrir os olhos, olhou para o espelho e viu seu corpo se contorcendo em espasmos entre as mãos atrevidas.

Naquele momento, odiou-se pelo que viu. Já vira aquela cena antes. A cena de uma garota apaixonada, presa na armadilha criada pelos prazeres de um homem.

— Quero fazer amor com você, Pel — Gray sussurrou, co-brindo de beijos a pele macia do pescoço e ombro. — Quero-a desesperadamente. Tanto que receio machucá-la.

A rudeza das palavras foi demais para ela suportar. Com um grito, atingiu o clímax. Os espasmos eram tão fortes que seus joelhos quase dobraram. Gray manteve-a em pé, com braços firmes e fortes.

Isabel desviou os olhos da imagem refletida no espelho. Ins-tintivamente, olhou para o retrato de Pelham, o homem que, um dia, levou-a à decadência sexual. Veio-lhe à mente todas as amantes que ele tivera. Lembrou-se das ocasiões em que fora forçada a sentar-se diante de uma delas em reuniões sociais, ou sentir o perfume delas na pele do marido. Pensou nas mulheres que haviam estado em sua casa, naquela tarde, com seus sorri-sos insinuantes. Seu estômago se contraiu e o ardor arrefeceu instantaneamente.

— Solte-me — ordenou ela, empurrando-o. Grayson ainda tentou segurá-la.

— Ouça sua respiração e o coração acelerado. Você me deseja tanto quanto eu a quero, Isabel.

— Não quero. — Ela se debateu até Gerard soltá-la. Virou-se de frente para ele, punhos cerrados e olhar determinado. — Fique longe de mim, Gray. Volte para o seu quarto. Deixe-me em paz.

— Que diabos está acontecendo com você, afinal? — Ele a fitou sem compreender o que Isabel dizia. — Eu não entendo você.

— Não quero saber de intimidades com você, Grayson. Já disse isso muitas vezes.

— Por que não?

— Não me pressione mais. Se você continuar se impondo a mim, terei que ir embora.

— Impondo-me a você? — Ele apontou-lhe o dedo em riste, visivelmente frustrado. — Vamos resolver isso. Ainda hoje.

Isabel ajustou o corpete, cobrindo os seios, e meneou a cabeça.

— Tenho compromissos esta noite. Eu avisei.

— Você não pode sair. Mire-se no espelho. Seu corpo todo está trêmulo, ansiando pelo prazer, pela satisfação.

— Isso não lhe diz respeito.

— Claro que diz!

— Gray...

Os olhos dele estreitaram-se perigosamente.

— Não envolva Hargreaves, Isabel. Não vá procurá-lo para saciar o desejo que eu despertei.

Ela o encarou.

— Você está me ameaçando?

— Não. E você sabe muito bem disso. Só estou avisando que, se você procurar Hargreaves para apagar o fogo provocado pelos meus carinhos, eu o desafiarei para um duelo.

— Não estou acreditando no que estou ouvindo! Gerard abriu os braços.

— Nem eu. Aí está você ansiando por mim. Aqui estou eu, pronto para fazer amor com você até não conseguirmos nem andar. Qual é o problema, Isabel? Você pode me explicar?

— Não quero acabar com o nosso casamento. Gray respirou fundo, tentando acalmar-se.

— Devo lembrá-la, minha querida esposa, que o casamento, por natureza, inclui sexo. Entre os cônjuges, sem terceira ou quarta parte.

— Não o nosso casamento. Temos um acordo, portanto, trate de procurar outra pessoa.

— Aquele maldito acordo! Céus, Pel. A situação mudou. — Ele se aproximou com os braços abertos e a expressão menos tensa.

Isabel afastou-se e correu para o outro lado do quarto, refugiando-se atrás de uma poltrona. O rosto dele contraiu-se novamente.

— Tudo bem, Isabel. Mas não é o que você realmente quer. Eu a observei na sala de visitas e notei como você olhou para as mulheres que estiveram aqui. Seja lá qual for o motivo de sua rejeição, a verdade é que você não me quer com nenhuma outra mulher. — Gray fez uma reverência. — Entretanto, seu desejo é uma ordem para mim. Espero que reconheça o erro que está cometendo.

Antes que Isabel pudesse reagir, Gray saiu do quarto. E mesmo arrependendo-se de suas palavras, não foi atrás dele e nem lhe pediu que ficasse.

Furioso e resmungando por conta da teimosia de Isabel, Gerard atravessou o corredor do hotel que levava ao quarto de lady Stanhope.

O desejo pela esposa atingira o limite do insuportável. Por isso, saíra intempestivamente dos aposentos.

Era verdade que, fazendo sexo com Bárbara, sua fome seria saciada, mas... maldição! Não queria apenas saciar a fome. Que-ria extravasar a paixão ardente, sufocante e embriagadora que sentia por Isabel, e não uma substituta para a esposa.

Mas pensar nela com Hargreaves o enfurecia, fazia seu sangue ferver.

Bateu de leve na porta do quarto e entrou.

— Eu sabia que vinha — Bárbara murmurou, nua na cama, usando apenas uma fita preta no pescoço.

Gerard excitou-se só de ver aquela mulher bonita com um apetite sexual voraz. Tirou o paletó e, desabotoando o colete, aproximou-se da cama.

Ajoelhando-se, Bárbara ajudou-o a livrar-se das roupas.

— Grayson, você está tão ansioso...

Ele a abraçou e rolou na cama, colocando-a por cima dele.

— Você sabe o que fazer — ele murmurou, olhando para o teto, completamente alheio ao ato sexual prestes a acontecer.

Bárbara deslizou as mãos pelo abdômen bem delineado de Gray, admirando-o.

— Céus, eu poderia ter um orgasmo só de olhar para você! Mas, claro, farei mais que olhar.

Gerard fechou os olhos e pensou em Isabel.

Isabel desceu da carruagem e entrou na residência de Hargreaves pelo caminho das cavalariças. Fizera aquele ca-minho centenas de vezes, sempre com ansiedade e satisfação. Nessa noite, porém, sentia-se muito diferente. Frio no estô-mago, mãos úmidas, passos indecisos. Grayson saíra a cava-lo, e ela sabia que ele fora à procura de outra mulher.

E ela mesma o forçara a isso.

Naquele momento, provavelmente, ele estaria com o corpo colado ao de uma mulher, possuindo-a, proporcionando-lhe prazer e alívio. Acreditava que seria melhor assim, pelo bem do casamento deles. Mas essa certeza não a fazia sentir-se me-lhor. As imagens em sua mente atormentavam-na, e o senti-mento de posse não diminuía. Enquanto caminhava pelo corredor do andar superior da mansão, não conseguia amenizar a sensação de culpa e traição.

Bateu delicadamente na porta do quarto de John e entrou. De robe multicolorido e um copo na mão, Hargreaves estava sentado perto da lareira olhando para o fogo.

— Achei que você não viria — ele disse sem olhá-la. A voz soou pastosa, e Isabel notou a garrafa quase vazia sobre a mesa lateral.

— Sinto muito — ela murmurou, sentando-se no chão, aos pés dele. — Sei que os comentários o magoam. Lamento pro-fundamente.

— Você dormiu com ele?

— Não.

— Mas quer.

— Sim.

Finalmente, ele a encarou.

— Obrigado pela honestidade.

— Mande-o embora. — Isabel sorriu, deliciando-se com a paz e o conforto que sentia na presença de John. — Ele foi.

— Mas certamente voltará a procurá-la.

Apoiando o rosto nos joelhos de Hargreaves, ela murmurou:

— Não sei.

John afagou-lhe os cabelos.

— Eu já tive a idade dele. O menor sinal de mortalidade nos assusta, e a necessidade de gerar um herdeiro é quase sufocante.

— Grayson tem dois irmãos mais novos. Ele não precisa de herdeiro.

Hargreaves soltou uma risada amarga.

— Quando ele disse isso? Antes de se casarem? Quando ele tinha vinte e dois anos? Claro que, na época, Grayson não estava interessado em filhos. É normal. O sexo é primordial, a gravidez é um desmancha-prazeres.

Ao lembrar da alegria de Gray ao saber da gravidez de Emily, Isabel sentiu um arrepio. Sim, ele ficara entusiasmado com a perspectiva de ser pai.

— Grayson é marquês, Isabel, e precisa de um herdeiro, e mesmo tendo irmãos e sobrinhos, todo homem gosta de gerar seus próprios filhos. Ele lhe explicou o motivo de ter voltado?

— Disse que se sentia culpado por ter me deixado sozinha para enfrentar os comentários.

— Nunca imaginei que Grayson fosse capaz de tamanho al-truísmo. — Hargreaves colocou o copo vazio na mesa. — Nesse caso, ele está completamente diferente do homem que conheci há apenas quatro atrás.

De repente, Isabel sentiu-se tola e magoada. Um longo silêncio tomou conta do ambiente e por muito tempo ainda ela permaneceu ali sentada, observando a dança do fogo na lareira. Até sentir a mão de John pesando em seu ombro. Ergueu a cabeça e viu-o adormecido. Levantou-se, pegou uma manta e cobriu-o.

Triste e confusa, saiu do quarto.

Gerard virou o rosto para fugir do beijo de Bárbara. O perfume, que antes tanto o atraía, agora o deixava enjoado. Seu membro enrijecido pulsava na mão dela, seu corpo reagia aos estímulos eróticos, apesar de estar emocional e mentalmente bem longe daquele quarto.

Bárbara murmurava palavras chocantes e depravadas ao ouvido dele, enquanto se preparava para cavalgá-lo.

— Estou contente que tenha voltado para casa, Grayson. Casa.

A palavra explodiu em sua mente, e fez seu estômago se contrair. Nunca tivera uma casa, um lar. Em criança, a amargura de sua mãe envenenara tudo ao seu redor. Adulto, só se sentira realmente descontraído e aceito com Isabel. Porém, tudo mudara com a nova atração que os arrebatara, mas faria todo o possível para reconquistar a camaradagem de outrora.

E seu encontro com Bárbara não facilitaria sua reconquista.

Ali não era uma casa. Era um hotel, e a mulher que o acariciava intimamente não era sua esposa.

Pondo seus pensamentos de lado, segurou Bárbara pela cintura e deitou-a na cama ao lado dele.

Bárbara gritou de alegria.

— Sim, sim! Eu me perguntava quando você entraria no espírito da brincadeira!

Gerard introduziu a mão entre as pernas dela e acariciou-a até levá-la ao orgasmo. Sabia o que ela queria e do que gostava. Momentos depois, Bárbara contorcia-se languidamente e Gerard, soltando um suspiro de frustração, levantou-se e vestiu as roupas. Depois, foi até a pia.

— O que está fazendo? — Bárbara perguntou, espreguiçando-se como uma gata.

— Estou me lavando para ir embora.

— Ah, não, você não vai. — Ela era adorável, sentada na cama, o rosto corado e a boca vermelha. Mas não era o que Gerard queria.

— Sinto muito, querida — ele se desculpou, lavando as mãos. — Não estou muito inspirado esta noite.

— Mentira. Esse seu garotinho aí está firme como um atiçador.

Gerard vestiu o colete e o paletó.

— Ela é velha, Grayson.

— Ela é minha mulher.

— Isso nunca o incomodou antes. Além disso, ela tem Hargreaves.

Os maxilares dele se contraíram.

— Ah! Um golpe certo. Pel está com ele agora? Por isso você me procurou? — Bárbara recostou-se nos travesseiros, encrenabrou as pernas e acariciou a própria intimidade sensualmente. — Por que só ela pode se divertir? Posso oferecer-lhe a mesma diversão.

Fechando o último botão, Gerard saiu do quarto.

— Boa noite, Bárbara — despediu-se antes de fechar a porta.

Estava no meio do corredor quando ouviu o ruído de um algum objeto frágil espatifando-se contra a porta. Meneando a cabeça, desceu rapidamente a escada, ansioso para voltar para casa.

Em seus aposentos, Isabel dispensou Mary assim que trocou o vestido pela camisola e o robe.

— Mas traga-me um pouco de vinho Madeira.

A sós, sentou-se na poltrona diante da lareira e pensou em Hargreaves. Não queria ser injusta e nem magoá-lo. Odiava-se por sentir-se tão confusa. Sua mãe costumava dizer que não havia monopólio no

desejo, e a vida provará que era verdade. A duquesa não veria nada de errado em desejar dois homens ao mesmo tempo. Isabel, porém, nunca concordara com as teorias da mãe.

Uma leve batida na porta interrompeu-lhe os pensamentos. A criada equilibrava uma bandeja com a garrafa de vinho e o copo numa das mãos, e na outra, carregava algumas toalhas.

— Para quem são essas toalhas?

— Perdoe-me, milady. Edward pediu para o banho do sr. marquês.

Edward era o valete de Grayson. Já era madrugada. Seu marido estava se banhando certamente para livrar-se do cheiro de suas peripécias carnavais, enquanto ela estava sentada ali, remoendo sua culpa. Furiosa, levantou-se e tirou as toalhas da mão de Mary.

— Vou cuidar disto.

A criada arregalou os olhos assustada.

Isabel atravessou o quarto e, sem bater, abriu a porta da sala de banho e entrou. Gray estava na banheira, a cabeça apoiada na borda, com os olhos fechados. Ele não se moveu e Isabel demorou um momento contemplando o peito bronzeado e as pernas compridas. Toda a beleza do marido estava visível através da água límpida, inclusive a impressionante masculinidade que ela sentira apenas brevemente. A imagem admirável excitou-a imediatamente, o que a enfureceu ainda mais. Bastou um olhar para Edward e o valete saiu apressado do quarto de banho.

— Isabel. — Gray abriu os olhos sem a preocupação de cobrir-se.

— Divertiu-se? — ela foi logo perguntando. Gerard ignorou a pergunta dando um sorriso.

— E você?

— Não, não me diverti e a culpa é sua.

— Eu tinha certeza de que você me culparia. — O silêncio cheio de palavras não ditas e desejos insatisfeitos pairou entre ambos. — Você fez amor com ele, Pel? — Gray perguntou, por fim.

O olhar de Isabel percorreu o corpo submerso do marido.

— Fez? — ele repetiu.

— Hargreaves estava muito infeliz e abusou da bebida. — Enquanto você teve uma noite de prazer na cama de outra mulher. O pensamento enfureceu-a ainda mais. Atirou as toalhas no rosto dele e virou-se para sair. — Espero que você tenha feito amor por todos nós.

Num movimento rápido e inesperado, Gray saiu da banheira e segurou-a pela cintura. Isabel se debateu, tentando desvencilhar-se.

— Pare! — ele ordenou.

— Solte-me!

— Oh! — Gray escorregou no chão molhado e caiu de joelhos, levando-a junto.

Isabel caiu por cima dele e Gerard abraçou-a, ensopando-lhe a camisola e o robe de cetim.

— Odeio você!

— Não, Pel, não é verdade — murmurou, prendendo-lhe os braços sobre a cabeça.

— Não consigo respirar.

Gerard deslizou para o lado, mantendo uma perna entre as dela e os braços no alto da cabeça.

— Desista, Gray. Você não tem o direito de me pressionar dessa maneira.

— Tenho todo o direito. Você fez amor com ele?

— Sim. — Virando a cabeça para olhá-lo, completou: — A noite inteira. De todas as formas imagináveis. Eu o suguei.

Os lábios de Gray apossaram-se dos de Isabel com tanta força que chegou a machucá-los. A língua a invadiu num ritmo brutal, possessivo. Segurou-a pelos pulsos com uma das mãos, e com a outra, levantou a camisola.

O sangue de Isabel ferveu, as batidas do coração descontrolaram-se. Ainda tentando desvencilhar-se, mordeu o lábio de Gray. Praguejando, ele jogou a cabeça para trás.

Isabel aproveitou o momento e escapou engatinhando.

— Isabel... — Ele esticou os braços e segurou-a pela barra da camisola, e a delicada pala de renda rompeu-se. Isabel ainda tentou correr para seu quarto, mas Gerard foi mais rápido. Prendeu-a pelo calcanhar. Dominando-a, deitou-se sobre ela, pressionando sua perna entre as dela.

As lágrimas escorriam pelo rosto de Isabel.

— Você não pode fazer isso.

De novo, com uma das mãos, ele prendeu-lhe os braços no alto da cabeça. Com a outra, começou a acariciar as pernas bem torneadas até chegar ao centro da feminilidade.

— Você está toda molhada — ele murmurou, aprofundando as carícias. — Acalme-se. Não fiz amor com ninguém, Isabel.

— Mentiroso!

— Não posso negar que tentei, mas eu só queria você.

Ela meneou a cabeça, chorando baixinho.

— Não acredito em você.

— Acredita, sim. Você conhece muito bem o corpo de um homem. Eu não estaria tão desejoso de você se tivesse feito amor a noite inteira.

Os dedos atrevidos continuavam a acariciá-la intimamente. Isabel gemeu e arqueou o corpo. Mesmo assim, ainda protestou.

— Não, Gray.

— Você quer e eu também, Isabel. Não resista mais.

— Não.

— Quem está mentindo agora? — A mão que a acariciava, tocou-lhe o seio. — Quero você. — Posicionando-se, Gray preparou-se para penetrá-la. — Você está pronta para mim. Diga que me quer.

— Não quero.

Gerard penetrou-a e, instintivamente, Isabel moveu os quadris.

— Diga que você me quer, Isabel.

— Não quero. — Ela gemeu, aumentando os movimentos dos quadris, massageando-o dentro dela.

— Isabel... Pare, antes que eu perca o controle.

— Ah, você não se atreveria.

— Se você continuar, não conseguirei me conter.

Ela se aninhou no ombro de Gray.

— Você quer me engravidar.

— O quê? — Ele parou. — Que novidade é essa?

— Confesse. Você voltou para ter um herdeiro.

— Que absurdo! Mas como sei que você não acredita em mim, prometo não correr o risco. Não até você me querer também.

— Tem toda a razão. Não acredito em você.

— Você vai me deixar louco com sua teimosia. Pare de inventar desculpas e admita simplesmente que me deseja. E então, eu lhe darei isto. — Ele se impulsionou dentro dela. — E não minha semente.

— Você é horrível, Grayson.

— Na verdade, sou muito bom. Permita-me provar.

— Tenho escolha? — Ela estremeceu, sentindo a pele arder de calor e suor. — Você não vai me deixar ir.

Gray beijou-a nos lábios.

— Não posso deixá-la ir, Isabel. Adoro seu cheiro.

E ela adorava vê-lo excitado, viril, forte. Pelham a conquistara exatamente assim — com seu desejo ardente e insaciável que fazia uma mulher querer deitar-se para sempre em sua cama, e fazer amor incessantemente. Uma escrava do desejo.

Fechando os olhos, Isabel finalmente admitiu num fio de voz:

— Faça amor comigo, Grayson.

— É o que você quer?

— Sim! — Ela lhe deu uma cotovelada nas costas e ouviu-o gemer de dor. — Seu cretino arrogante e odioso!

Gerard recomeçou a movimentar-se dentro dela. Isabel gritou de prazer e alívio. Naquele momento, todos os seus sentidos se renderam ao poder devastador daquele homem. Lutara até o fim, mas, acabara rendendo-se a seu novo vício.

Gerard era um homem experiente. Muitas mulheres tinham passado por sua cama, mas com nenhuma delas experimentara o que sentia por Isabel. Seu corpo inteiro ardia, a pele, que já secara, estava úmida novamente, mas de suor.

E decididamente Isabel era diferente de todas as mulheres que conhecera. Sua beleza estonteante, a sexualidade latente e o corpo curvilíneo eram feitos para saciar os desejos primitivos de um homem. Como os dele. Só esperava não assustá-la com seus ímpetos vorazes.

— Oh, Pel. Parece que estou no paraíso!

— Gray... — Isabel se contorceu e seus movimentos de quadris eram estímulos quase insuportáveis.

Ele girou o corpo, deixando-a por cima.

— Cavalgue-me — pediu num fio de voz.

Isabel hesitou e, por um momento, Gerard pensou que ela mudara de idéia e que o rejeitaria novamente. Mas logo o temor desapareceu. Ela se posicionou para recebê-lo em seu corpo e, jogando a cabeça para trás, começou a louca cavalgada.

— Oh, Gray. Você é tão...

Ela não terminou a frase, mas Gerard entendeu o significado das palavras não pronunciadas. Não havia palavras para descrever aquele momento.

Talvez fosse porque ela o rejeitara muitas vezes, como ne-nhuma outra mulher o fizera antes. Talvez por ser sua esposa, e o sentimento de posse aumentava a ansiedade do momento. O que quer que fosse, o ato sexual nunca fora tão excitante, e eles nem tinham começado!

Gerard abriu os olhos. As pontas do cabelo de Isabel roça-vam-lhe no peito. Até esse detalhe parecia algo extraordinário. Ela gemia e estremecia com a onda de espasmos que a envolveu. Depois, os corpos se separaram e, para surpresa dele, a mão delicada de Isabel apossou-se de seu membro intumescido.

— Posso? — Sem esperar pela resposta, ela começou a massageá-lo.

De novo, as palavras eram desnecessárias. Gerard tornou a fechar os olhos, deixando-se arrastar naquele turbilhão de emo-ções e prazeres.

Finalmente, Isabel soltou o corpo sobre o dele, ofegante. Gerard amparou-a e beijou-a na têmpora. O perfume dela e o cheiro de sexo eram inebriantes. Pressionou as narinas na pele macia e inspirou.

— Você é um homem horrível e cruel! — ela murmurou, Gerard suspirou. Realmente, casara-se com a mulher mais obstinada do mundo!

— Você apressou tudo. Mas cuidarei para retardar o processo na próxima vez. Quem sabe você seja mais agradável.

— Próxima vez?

Isabel estava pronta para argumentar, mas Gerard introdu-ziu a mão entre as pernas dela e acariciou-a. Sorriu ao ouvi-la gemer.

— Sim, Pel, próxima vez, que começará agora, num lugar mais confortável.

Ela se levantou e encarou-o. Vendo-a, Gerard arregalou os olhos, atônito com a perfeição absoluta daquele corpo. Nua, Isabel Grayson era a verdadeira personificação de Vênus — seios generosos, quadris curvilíneos, pernas bem torneadas e boca grande emoldurada por lábios sensuais, feitos para o beijo. Feitos para receber o membro de um homem.

A reação imediata do corpo de Gerard não passou desper-cebida.

— Céus! — Isabel exclamou. — Acabamos de fazer amor, Gray!

Ele encolheu levemente os ombros e, levantando-se, aco-ou-a numa cadeira ao lado da banheira.

— Não posso evitar. Você é uma mulher estonteante e sensual. Isabel seguiu-o sem protestar.

— Importa-se de falar sobre sua noite? — ele perguntou num tom gentil. Não estava acostumado com conversas casuais no meio de um encontro amoroso.

— Por quê?

— Você parece muito aborrecida. — Ele tirou uma toalha de dentro da banheira.

— E tão constrangedor. — Ao vê-lo torcer a toalha, pergun-tou: — O que está fazendo?

— Eu disse. — Ele se ajoelhou diante dela e forçou-a a abrir as pernas.

— Pare com isso! — Isabel bateu nas mãos dele. Brincando, Gray revidou com gentileza. — Bruto!

— Feiticeira! Permita-me limpá-la com esta toalha?

Ela o fulminou com o olhar.

— Você já fez demais, obrigada. Agora, deixe-me em paz. Eu mesma me cuido.

— Nem comecei.

— Basta, Gray! Você teve o que queria. Vamos esquecer o que aconteceu e voltar como éramos antes.

— Tive? Não seja tola, Pel. — Ele sentou no chão e colocou a toalha entre as pernas. — Ainda não mordisquei seus mami-los, ainda não a provei todinha... — Revirando os olhos, com-pletou: —Eu ainda não fiz amor com você na cama, entre lençóis perfumados... Resumindo, ainda falta muita coisa para eu fazer.

— Gray. — Isabel segurou-lhe o rosto com as mãos e enca-rou-o. — Tudo começou com um acordo. Vamos terminar esta noite com outro.

Gerard fitou-a desconfiado.

— Que tipo de acordo?

— Um acordo muito agradável. Se eu lhe der uma noite de prazer, e prometo fazer tudo que você quiser, terei sua promessa de que voltaremos ao nosso antigo acordo de amanhã em diante?

— Uma noite? — Não seria suficiente para saciar seu desejo. Com as pontas dos dedos, Isabel contornou as linhas do rosto dele.

— Estas marcas ao redor da boca e dos olhos... deveriam acentuar sua idade, diminuir sua beleza. Mas o efeito é exata-mente o oposto.

— Não é tão mau assim me querer, Isabel. — Ele a abraçou pela cintura, o rosto enterrado entre os seios, onde o perfume era mais forte. Ela estava nua em seus braços, mesmo assim, havia uma barreira entre ambos. Por mais que a apertasse, nun-ca chegaria perto dela.

Começou a beijar-lhe o seio, contornando o mamilo com a língua, deliciando-se com a maciez da pele. Gemendo, Isabel enterrou os dedos no cabelo de Gray, puxando-o a seu encontro.

O desejo dele era tanto que chegava a doer fisicamente. Erguendo-a, levou-a para a cama. Agora, ela ia perfumar seus lençóis, esquentar seu sangue e saciar sua fome. Colocou-a cui-dadosamente na cama. Acima dela, na parede, o brasão dos Grayson. E debaixo dela, a colcha de veludo vermelho. A pers-pectiva de sucumbir aos encantos da esposa num aposento tão nobre e tradicional excitou-o ainda mais.

— Uma noite — ele murmurou com os lábios colados aos de Isabel.

Estremeceu ao sentir a respiração morna em sua pele e tam-bém pela certeza de que não a teria exatamente como a desejava. Teria que cortejá-la com seu corpo e mostrar-lhe toda a sua gen-tiliza e ardor para conquistá-la. Afinal, teria que fazê-la mudar de idéia e aceitá-lo como marido de fato e direito.

E Isabel estava lhe concedendo apenas uma noite para atingir seus objetivos.

Isabel saiu silenciosamente do quarto de vestir e fechou a porta devagar. Gray continuava esticado na banheira, sua boca lindamente curvada num sorriso triunfante. Ele acreditava que ela estivesse muito bem e completamente seduzida. Talvez es-tivesse mesmo. Parecia estar se movendo de um modo diferen-te. Sentia o corpo relaxado e lânguido. Saciada. Enlouquecida.

Torceu o nariz. Que enrascada!

Agora seria difícil mantê-lo a distância. Gray sabia como agradá-la, como excitá-la, como tocá-la. Sem dúvida, ele se tor-naria insuportável, dali para a frente. O simples ato de sair da cama dele fora uma tarefa árdua. Grayson era insaciável. Se ela não tivesse sido firme, eles passariam o resto do dia na cama.

Desceu a escada, pensando no falecido marido. Os primeiros meses de casamento com Pelham tinham sido exatamente as-sim. Mesmo antes de se casarem, ele a envolvera numa rede de sedução. O belo e charmoso conde, com seu cabelo dourado e a reputação de conquistador, parecia estar em todos os lugares, sempre atencioso e apaixonado. Mais tarde, descobriu que aqueles encontros não eram obras do destino, como seu coração ingênuo e inexperiente acreditara. Na época, porém, parecia que tinham nascido um para o outro.

As atenções de Pelham simplesmente a encantaram. Gestos delicados como pagar sua criada de quarto para entregar-lhe bilhetes românticos. Depois do casamento, ele dormira com a criada.

Uma semana antes de Isabel ser introduzida na sociedade, Pelham escalara o olmo do jardim para entrar nos aposentos dela pela sacada. A consumação na sétima noite garantira que ela era dele.

Assim, chegou à sua primeira season já comprometida. Seu pai teria preferido um homem de posição mais alta na hierar-quia da nobreza, mas não contestara a escolha da filha.

Esperaram apenas o tempo exigido para a leitura dos pro-clamas para se casarem, e a lua-de-mel no campo havia sido uma experiência inesquecível. Passavam dias inteiros na cama fazendo amor, levantando-se apenas para comer e banhar-se, entregando-se aos prazeres da carne, como Gray desejava fazer agora. As semelhanças entre os dois homens eram incontes-táveis. Não quando a lembrança dos dois homens fazia seu co-ração bater mais forte.

— Tudo bem, Bella?

Isabel piscou. Estava parada no meio da escada, apoiada no corrimão, imersa em pensamentos. Balançou a cabeça e viu seu irmão no vestíbulo.

— O que você está fazendo aqui?

Rhys, marquês de Trenton, fitou-a espantado.

— Você ainda pergunta, Bella? Desistiu do nosso compro-misso? Se desistiu tanto melhor. Procurarei uma distração mais interessante.

— Compromisso?

Ele sorriu.

— Se você esqueceu não me peça ajuda para lembrá-la. Eu não queria ir mesmo.

Isabel levou a mão à testa.

— Oh! O café da manhã de lady Marley! Que horas são?

— Quase duas horas. — Rhys avaliou-a dos pés à cabeça. — E você acabou de sair da cama! — Ele deu um sorriso sugestivo. — Aparentemente, os rumores de sua reconciliação com Grayson são verdadeiros.

— Você acredita em tudo que ouve? — Chegando ao hall de mármore, olhou para o irmão mais velho.

— Eu acredito em tudo que vejo. Olhos vermelhos, lábios inchados, roupas escolhidas sem muito critério.

Isabel olhou para o vestido simples de musselina. Não era a roupa apropriada para o compromisso do dia. Pensando bem, Mary havia questionado o traje, mas ela estava tão ansiosa para sair do quarto antes que Gray a chamasse de volta para a cama, que não dera atenção à pergunta.

— Não vou discutir meu casamento com você, Rhys.

— Ainda bem! Não há nada mais aborrecido do que mulhe-res discutindo seus sentimentos.

Isabel pediu ao laçao sua capa antes de dizer ao irmão:

— Não tenho sentimentos por Grayson.

— Muito sensato de sua parte.

— Somos apenas amigos.

— Claro.

— O que eu lhe prometi em troca de sua companhia? — ela perguntou enquanto ajeitava o chapéu. — Seja lá o que for, deve valer mais do que a sua companhia.

Rhys soltou uma gargalhada.

— Você vai me apresentar à adorável lady Eddly.

— Oh, sim. Em circunstâncias normais, eu não teria concor-dado com isso, mas, nesse caso, penso

que vocês formam um par perfeito.

— Concordo.

— De qualquer modo, é muito desagradável usar sua irmã para esse propósito.

— Ah! — Rhys pegou a capa que a criada levava e ajeitou-a nas costas de Pel. — Desagradável é você me arrastar à casa de lady Marley.

— Pensa que estou pulando de alegria?

— Então por que temos que ir, Bella?

— Você sabe o motivo.

Ele tocou levemente o rosto da irmã.

— Gostaria que você não ignorasse a opinião dos outros. Pessoalmente, eu a considero a mulher mais interessante que conheço. Agradável aos olhos e aos ouvidos, pois, além de bonita, você é inteligente e sabe conversar.

— Sua opinião é a única que realmente importa, Rhys.

— Ótimo.

— Eu gostaria de ignorar os comentários, mas lady Grayson faz questão de não me deixar esquecer-los. Ah, essas cartas hor-íveis que ela me escreve... São irritantes e ofensivas. Sob a aparência de mulher fina e civilizada, a mãe de Gray adora destilar seu veneno. — Olhando para o irmão, Isabel meneou a cabeça. — É melhor nos apressarmos.

— Sim, vamos ao sacrifício. — Rhys ofereceu o braço a Isabel e atravessaram o hall. Já quase na porta, ele parou. — Tenho que cumprimentar Grayson. Não posso simplesmente sair assim com a esposa dele sem uma explicação. A última vez que fiz isso, ele me deu uma surra no ringue do Remington's. Ele é muito mais jovem, mas não teve pena de mim.

— Escreva um bilhete.

— Realmente você não tem sentimentos por seu marido — Rhys ironizou.

— Espere até se casar, meu querido. A necessidade de escapar ocasionalmente falará mais alto.

— Não tenho a menor dúvida. — Pegando o chapéu da mão do mordomo, Rhys saiu de braços dados com a irmã.

Na carruagem, continuaram a conversa.

— Mamãe me disse que você fez uma lista de prováveis noivas.

— Um homem deve ter sensibilidade para escolher a mulher certa.

Isabel olhou-o com expressão severa.

— Claro, os sentimentos absolutamente não contam.

— Não combinamos evitar discussões sobre sentimentos? Rindo, ela perguntou:

— Quem encabeça a lista?

— Lady Susannah Champion.

— A segunda filha do duque Raleigh? — Lady Susannah era realmente uma escolha sensata. De linhagem nobre, comportamento impecável, perfeita para o papel de duquesa. Mas a ga-rota loira e delicada não tinha fogo, paixão. — Ela o deixaria entediado até as lágrimas.

— Não, nem tanto. — De repente, ele ficou sério. — Ainda acho que deveria ter falado com Grayson. Ele vai ficar furioso.

— Não vai.

— Não com você, Bella.

— Com ninguém.

— Grayson logo perde as estribeiras quando o assunto é você, minha irmã.

— Que bobagem, Rhys!

— Bobagem? E se ele quiser exercer seus direitos de marido, lamento pelo homem que se intrometer no caminho dele. Cui-dado, Bella.

Soltando um longo suspiro, Isabel não comentou nada, mas sentiu novamente um arrepio na espinha.

Gerard mirou-se no espelho e torceu o nariz.

— Quando o alfaiate mandará minhas encomendas?

— Amanhã, milorde — respondeu Edward.

— Você acha mesmo que minhas roupas são horríveis? O valete deu uma tossidela.

— Eu não diria isso, milorde. Mas, remover manchas e con-sertar joelhos rasgados não constam da minha lista de talentos.

— Eu sei, Edward. Já pensei em dispensá-lo em inúmeras ocasiões.

— Milorde!

— Mas como atormentá-lo é um dos meus passatempos pre-feridos, resisti à tentação.

Gerard riu da expressão indignada do valete. Saindo do quarto, planejou as tarefas do dia. A primeira

seria conversar com Isabel sobre a nova decoração do escritório. A segunda e última, seria levá-la para sua cama novamente. Feliz com as perspectivas, desceu a escada, mas, ao pisar no vestíbulo, a felicidade acabou.

— Milorde — disse o mordomo com uma reverência.

— Sim?

— A marquesa-mãe acabou de chegar.

Os maxilares se contraíram. Ele passara quatro anos sem vê-la, e passaria o resto da vida, se fosse possível.

— Onde ela está?

— Na sala de visita, milorde.

— E lady Grayson?

— Milady saiu com lorde Trenton há meia hora.

Normalmente, Gerard repreenderia Trenton, ou qualquer outra pessoa que o privasse da companhia da esposa sem falar antes com ele. Dessa vez, porém, estava aliviado por poupar Isabel daquele encontro desagradável. Poderia haver centenas de pretextos para a visita de sua mãe, mas, na verdade, a intenção dela era, e seria sempre, censurá-lo. A marquesa tinha grande prazer em provocá-lo, e, agora, havia quatro anos de amarguras e queixas represadas e prontas para serem soltas. O confronto era inevitável.

Com um gesto de cabeça, agradeceu ao mordomo e dirigiu-se à sala. Respirou fundo e, antes de entrar, reparou que o cabelo de sua mãe, outrora preto, estava grisalho. Ao contrário da mãe de Pel, cuja alegria de viver preservava sua beleza, a marquesa parecia cansada e abatida.

Sentindo a presença do filho, ela se voltou. Os olhos azuis perscrutaram-no de cima a baixo. Um dia, aquele olhar tivera o poder de abalá-lo. Agora, Gerard conhecia seu valor.

— Grayson — ela o cumprimentou com voz fria.

Ele fez uma reverência, notando que a mãe ainda usava roupas de viúva, mesmo depois de tantos anos.

— Suas roupas são uma desgraça.

— É um prazer revê-la também, minha mãe.

— Dispenso sua ironia. — Ela sentou no sofá. — Por que você tem sempre que me irritar?

— Eu a irrito pelo simples ato de respirar, e confesso que não pretendo desistir só para agradá-la. Por isso, o melhor que posso fazer é evitá-la.

— Sente-se, Grayson. É muita indelicadeza ficar aí em pé, obrigando-me a esticar o pescoço para olhá-lo.

Gerard sentou-se. Ereta no sofá, a marquesa tinha as mãos cruzadas no colo, os nós dos dedos esbranquiçados, tamanha a força com que os apertava.

— O que a aflige, mãe? — ele perguntou sem muita preocupação. Afinal, tudo a afligia.

— Seu irmão Spencer.

O assunto o interessou.

— O que aconteceu?

— Ele decidiu seguir seus passos, Grayson.

— Em que sentido?

— Em todos. Libertinagem, excesso de bebida, irresponsabilidade total. Dorme o dia inteiro e passa a noite fora. E não faz o mínimo esforço para sustentar-se, desde que saiu da escola.

Alisando o rosto, Grayson tentou conciliar a imagem que a mãe descrevia com o rosto juvenil do irmão que vira pela última vez havia quatro anos. Reconhecia que a culpa era sua, pois, deixá-lo aos cuidados de lady Grayson era um risco e uma preocupação.

— Você tem que falar com ele, Grayson.

— Falar não resolverá nada. Mande-o para cá.

— Como assim?

— Faça as malas dele e traga-o para cá. Vai levar um tempo até que eu possa endireitá-lo.

— Nunca! — A mãe empertigou-se mais na poltrona. — Não permitirei que Spencer viva sob o mesmo teto com aquela me-retriz com quem você se casou!

— Controle sua língua, minha mãe — ele a repreendeu num tom gentil, mas firme.

— Você cometeu a besteira de casar-se com a mulher errada para minha vergonha e constrangimento. Divorcie-se dessa va-gabunda sob a acusação de adultério e cumpra suas obrigações.

— Essa vagabunda a quem a senhora se refere, é minha es-posa, a marquesa de Grayson. E a senhora sabe muito bem que, para acusá-la de adultério, eu teria que provar a minha cons-tância no casamento. Como isso nunca existiu, ela poderá alegar que a minha infidelidade levou-a ao adultério.

A marquesa-mãe cerrou os punhos.

— Casar-se com uma meretriz! Você não poderia ter poupado a mim e ao título dessa desonra? Seu pai ficaria envergonhado.

Gerard conseguiu disfarçar a mágoa que o comentário lhe causou.

— Independente das razões de eu ter escolhido lady Grayson, saiba que estou muito feliz com ela. Espero que consiga conviver com essa realidade, mas sinceramente, não estou preocupado com sua opinião.

— Ela nunca cumpriu os votos de casamento. Você foi e continua sendo um marido traído.

Com o orgulho ferido, Gerard comprimiu os lábios e esforçou-se para não ser ríspido com a mãe.

— E a culpa não é minha? Nunca fui um marido de verdade para ela, exceto na parte financeira.

— Ainda bem! — a marquesa exclamou com amargura. — Já imaginou que tipo de mãe essa mulher seria?

— Não pior do que a senhora.

— Touché.

Apesar de tudo, Grayson sentiu uma ponta de culpa.

— Por favor, mãe. Não quero que sua adorável visita termine em discussão.

Mas a marquesa não desistia facilmente de suas críticas.

— Seu pai morreu há décadas e ainda sou fiel à sua memória.

— É o que ele queria? — Gerard perguntou mais por curiosidade.

— Tenho certeza de que ele não gostaria que a mãe dos filhos dele se desse ao desfrute.

— Não, mas um companheiro verdadeiro, um homem que proporcionasse os confortos que uma mulher anseia...

— Eu sabia o que estava prometendo quando nos casamos. Honrá-lo no nome e no título, dar-lhe filhos e criá-los de modo que se orgulhasse deles.

— Infelizmente, não foi o que aconteceu — Gerard observou secamente. — Como a senhora costuma repetir, nós o estamos sempre envergonhando.

Lady Grayson ergueu as sobrancelhas com indignação.

— Tive que fazer papel de mãe e pai para vocês e ensinar-lhes a ser como ele. Imagino que pense que errei, mas fiz o melhor que pude.

Gerard conteve-se para responder o que realmente pensava. Voltaram-lhe à mente lembranças de surras com tiras de couro e palavras ofensivas. De repente, sentiu necessidade de ficar sozinho.

— Estou decidido a puxar as rédeas de Spencer, mas aqui na minha casa, do meu jeito. Tenho meus

assuntos para resolver.

— Assuntos... Uma definição bem apropriada — ela resmungou com sarcasmo.

— A senhora me deprecia injustamente. Sou um homem casado.

A marquesa encarou-o com os olhos apertados.

— Você mudou, Grayson. Se é bom ou ruim, só o tempo dirá. Com um sorriso triste, ele se levantou.

— Tenho de tomar algumas providências para receber Spencer. Se a senhora já disse tudo...

— Sim, disse. — A marquesa se levantou e alisou as saias. — Tenho minhas dúvidas a respeito, mas vou conversar com Spencer. Se ele concordar, não me oporei. — Sua voz tornou-se mais estridente. — Mantenha essa mulher longe dele.

— Minha mulher não sofre de nenhuma doença contagiosa, a senhora sabe.

— Isso é discutível — ela rebateu, saindo da sala com a cabeça erguida e as saias pretas ondulando.

No jardim de lady Marley, Isabel e Rhys observavam lady Susannah conversando com outros convidados.

— Ela é perfeita — Rhys murmurou.

— Perfeita demais, se você me perguntar.

— Mas eu não perguntei — Trenton respondeu. No íntimo, porém, concordava com o comentário de Isabel. Lady Susannah era imponente, serena e bonita, e, embora eles tivessem conversado poucas vezes, ela o fazia lembrar-se de uma estátua ambulante.

— Rhys, você se imagina sendo amigo dela?

— Amigo?

— Sim, amigo. Vocês terão que viver juntos, dormir juntos ocasionalmente, discutir assuntos referentes aos filhos e à casa. Essas coisas são mais fáceis de resolver quando há amizade entre o casal.

— É o que você e Gray são? Amigos?

— Bem... — Isabel franziu o cenho. — No passado, éramos muito amigos. — Ela enrubesceu, surpreendendo o irmão.

— Muito amigos?

— Sim. — De repente, Isabel parecia muito distante. — Na verdade, ele era um amigo muito querido.

— E agora? — Não pela primeira vez, Rhys perguntava-se que tipo de acordo existia entre a irmã e seu segundo marido. Antes, sempre aparentavam ser felizes juntos, rindo e trocando olhares eloqüentes, demonstrando conhecerem-se muito bem. Quaisquer que fossem as razões de procurarem sexo com outros parceiros, certamente, não era por falta de afeto de ambas as partes. — Os rumores sugerem que logo o casamento de vocês será mais... tradicional.

— Não quero um casamento tradicional! Rhys ergueu as mãos.

— Calma, não precisa se irritar!

— Quer saber? Vou fazer um prato para mim. Não como desde o jantar de ontem.

— Boa idéia. Eu a acompanho.

— Não é necessário espere-me aqui.

Isabel se afastou em direção ao bufê. Rhys tirou o relógio do bolso, perguntando-se até quando teria de suportar aquela reu-nião aborrecida.

Eram apenas três horas. Fechou a tampa do relógio e bufou.

— Não é de bom-tom parecer ansioso para ir embora.

— O que disse? — Rhys olhou ao redor, procurando a dona da voz melodiosa. — Onde você está?

Ninguém respondeu.

— Vou encontrá-la.

— Encontrar significa que alguma coisa está escondida ou perdida, o que não é meu caso.

A voz era doce como um anjo e provocante como uma sereia. Andando entre os arbustos e contornando um enorme olmo, Rhys chegou a um banco de mármore. Nele havia uma jovem morena segurando um livro.

Ele logo notou as pontas das sapatilhas gastas, o vestido florido meio desbotado e o corpete muito apertado. Com uma me-sura, apresentou-se.

— Lorde Trenton. Senhorita...?

— Sim, eu sei quem você é. — Fechando o livro, ela o avaliou com a mesma intensidade.

Rhys pôde vê-la melhor. Tinha feições delicadas, mas não era uma beleza extraordinária. Nariz arrebitado coberto de sar-das, a boca igual à de outras mulheres. Não era jovem nem velha. Talvez beirando os trinta anos. Os olhos, entretanto, eram tão agradáveis como a voz. Eram grandes, redondos, azuis com pontos amarelos. Refletiam um brilho de inteligência e, mais intrigante, de astúcia.

Passou-se um longo momento antes de Rhys perceber que ela não dissera nada.

— Você está me olhando — disse ele.

— E você está olhando para mim. — A resposta direta o fez se lembrar de Isabel. — Eu tenho uma desculpa. Você não.

Rhys ergueu as sobrancelhas.

— Conte-me sua desculpa. Talvez eu possa usá-la também.

A desconhecida sorriu e, de repente, Rhys sentiu um calor estranho.

— Duvido. Você é o homem mais bonito que já vi. Confesso que demorei um segundo para reconsiderar minhas noções an-teriores sobre beleza masculina e processar a sua imagem.

Rhys contemplou-a com um sorriso radiante.

— Pare com isso, milorde, e vá embora.

— Por quê?

— Porque você está afetando minha habilidade de pensar com clareza.

— Não pense. — Ele se aproximou, perguntando-se que cheiro ela exalava, por que suas roupas eram tão surradas e as pontas dos dedos manchadas de tinta. Por que estaria sozinha, apesar da reunião? As perguntas eram muitas e aguçaram sua curiosidade.

— Você é exatamente como o descreveram. Se eu não me impressionar com seus encantos, o que você fará?

A garota atrevida o estava provocando, mas talvez não fosse intencional. Parecia realmente curiosa e a pergunta direta in-crementou seu interesse.

— Não tenho certeza. Por que não descobrimos juntos?

— Rhys! — Isabel chamou-o de não muito distante. — Onde você está?

Ele resmungou uma imprecisão e a garota deu-lhe uma pis-cada.

— Salvo por lady Grayson!

— Quem é você?

— Ninguém importante.

— Não sou eu que devo decidir? — Rhys indagou, relutante em deixá-la.

— Não, lorde Trenton. Isso foi decidido há muito tempo. — Levantando-se, ela pegou o livro. — Tenha um bom dia.

Antes que Rhys pudesse pensar numa razão para ela ficar, a garota desapareceu entre os arbustos.

Capítulo III

Assim que pisou no hall, Isabel ouviu o som de vozes masculinas vindas do escritório de Grayson. Uma era de seu marido, mas não reconheceu a outra. Pareciam discutir. Curiosa, olhou para o mordomo que recolhia sua capa e o chapéu.

— Quem está com lorde Grayson?

— Lorde Spencer Faulkner, milady. — O mordomo hesitou um momento antes de acrescentar: — Ele veio com a bagagem.

Isabel assentiu, e foi para o quarto. Estava cansada, com sono e pretendia dormir algumas horas.

Com a ajuda da criada, trocou de roupa e soltou o cabelo. Deitou-se e adormeceu em seguida. E sonhou com Gray.

No sonho, ele murmurava palavras ao seu ouvido, acariciava-a com mãos quentes, provocava-a. Sentia o perfume dele e o calor do corpo. Seu coração bateu mais forte, mas a razão aconselhava a empurrá-lo.

— Quero você, Pel — ele murmurou com voz enrouquecida. — Senti sua falta o dia todo.

Ela acordou sobressaltada. Não era sonho. Grayson estava a seu lado, excitado e pronto para fazer amor!

— Não! — Debatendo-se, Isabel tentou livrar-se dos braços dele. — O que você está fazendo na minha cama?

— Amor com a minha mulher.

— Então, pode parar. Temos um acordo.

— Com o qual nunca concordei.

— Não seja cínico, Gray!

— Não foi isso que você disse ontem à noite. Ou esta manhã. Tenho certeza de que você disse: "Oh, Gray, é tão bom!". — Ele riu.

Isabel atirou o travesseiro nele. Rindo, Grayson ajeitou-o sob a cabeça.

— Como foi sua tarde?

Ela encolheu os ombros, seu corpo ardendo de desejo pelo homem deitado a seu lado.

— Fui a um café da manhã na mansão de lady Marley.

— E foi agradável? Como conseguiu que Trenton a acompanhasse?

— Ele quer um favor meu.

— Ah, extorsão. Gosto disso.

— Claro, seu malvado. E o seu dia foi melhor que o meu?

— Meu irmão chegou para uma visita prolongada. — Gerard pegou a pequenina mão e beijou-a.

— Eu soube. — A carícia provocou arrepios e calor em Isabel. — Alguma coisa errada?

— Não exatamente. Digamos que ele esteja descobrindo a vida!

— Hum... É a idade, não? — Mas observando-o bem, Isabel notou uma preocupação. — Você está tão sério. Ele está em apuros?

— Não. — De novo, o olhar de Gray estava fixo no teto. — Spencer ainda não contraiu grandes dívidas e nem se envolveu com mulheres casadas, mas parece que está caminhando a passos largos nessa direção. Eu deveria ter ficado aqui para enca-minhá-lo. Porém, mais uma vez, coloquei minhas necessidades em primeiro plano.

— Não se culpe, Gray. A rebeldia faz parte da juventude. E Spencer não é diferente dos garotos da idade dele.

— Spencer tem a mesma idade que eu tinha quando nos ca-samos, Pel. — Ele rolou para cima de Isabel, prendendo-a na cama. — Acha que ainda sou um garoto?

— Gray, realmente...

— Sim, Pel, realmente. Diga-me. Você me acha um garoto por ser mais novo?

— Não. — Ela suspirou, inalando seu cheiro sensual. Grayson era viril, temperamental e, definitivamente, um homem.

Ele a fitou por um longo momento, seu membro excitado pulsando e pressionando-a entre as pernas. Beijou-a de leve, introduzindo a língua na boca entreaberta.

— Desejei fazer isto o dia todo.

— Você deseja fazer isto o dia todo. Encostando a testa na dela, Gray riu.

— Espero que não se oponha à visita de Spencer.

— Claro que não!

— Obrigado.

— Não precisa me agradecer. A casa é sua.

— A casa é nossa, minha querida. — Ele se deitou novamente, mas continuou a enlaçá-la pela cintura.
— Spencer disse que sou seu herói.

Isabel ergueu as sobrancelhas.

— Que bom!

— Não, não é. Para ele, ainda sou o mesmo Grayson de antes. Aquele é o homem que Spencer e seus amigos idolatram. Eles bebem em excesso, andam com pessoas de reputação questionável, e absolutamente não se preocupam com as consequências de seus atos. Ele disse que quer duas amantes e que está se esforçando para isso. — Gray a encarou e beijou-lhe a palma da mão. — Eu o aconselhei a procurar uma esposa como você. Você é mais cara do que duas amantes, mas vale a pena cada centavo gasto!

— Grayson!

— É verdade, querida.

— Você não tem jeito mesmo, milorde.

As mãos ávidas contornaram a curva dos quadris.

— Senti sua falta, Pel. Você é tudo que tenho, e estou feliz por estarmos nos entendendo.

Isabel conteve-se para não acariciar o rosto do marido.

— Se você precisar de ajuda com seu irmão... — Ela arregalou os olhos ante a gargalhada que Grayson soltou. — Não para... Ora, você entendeu. Seu tolo!

— Não para sexo. Claro que entendi sua intenção. — E mordiscando-lhe o lóbulo da orelha, acrescentou: — Agora espero que entenda minhas intenções.—Colou o corpo ao dela, e Isabel sentiu a pressão de sua masculinidade intumescida. — Estou ardendo de desejo por você... pelo seu corpo, seu perfume, seus gemidos quando fazemos amor. Se pensa que vai me negar esses prazeres, está enganada.

— Pare com isso! — ela ordenou.

Grayson era como mármore quente — forte, sólido, rígido. Isabel quase acreditara que encontraria nele um apoio, um por-to seguro, mas conhecia muito bem homens dessa estirpe. Ela não se apegaria; simplesmente o aceitaria.

— Farei um acordo com você, querida esposa.

— Você não honra seus acordos, Grayson.

— Honrarei este. O dia que você deixar de me querer, eu não a procurarei mais.

— Que exagero, Grayson. Até parece que você não vive sem mim!

Gerard olhou-a espantado.

— E não vivo mesmo!

— Você nunca prestou atenção em mim antes.

— Sabe que não é verdade, Pel. Como qualquer outro homem, nunca estive imune aos seus encantos.

— Ele ficou sério. — Por isso, se você sair esta noite, Spencer a acompanhará.

— Seu irmão não está interessado nos círculos sociais que frequento — ela ponderou, rindo.

— Agora está.

Isabel refletiu por um instante, antes de desvencilhar-se do marido e sair da cama. Pressentiu que tinha novidades no ar.

— Por acaso, tenho hora de voltar para casa?

— Às três. — Gerard sentou-se na cama e cruzou os braços. O desafio silencioso estava evidente no tom de voz e na postura.

Ela aceitou o desafio.

— E se eu não voltar nesse horário?

— Eu irei buscá-la, querida. Não quero perdê-la agora que a encontrei.

— Você não pode fazer isso, Gray. — Isabel começou a andar pelo quarto.

— Não só posso como farei, Pel.

— Não sou propriedade sua.

— Você é minha.

— Esse conceito de posse é mútuo? Gerard franziu o cenho.

— Como assim?

Isabel parou perto da cama e colocou as mãos na cintura.

— Poderei agir da mesma forma se você não voltar no horário estabelecido? Poderei ir atrás de você, onde quer que esteja e, se preciso for, tirá-lo dos braços de sua amante?

Gray levantou-se.

— E essa sua intenção, Pel? Um amante?

— Não estamos falando de mim.

— Estamos, sim. — Aproximando-se, abraçou-a.

— Não sou uma mulher obcecada por sexo, Grayson, se é isso que você está sugerindo.

— Você até pode ser obcecada por sexo. Desde que seja co-migo.

— Não espere isso de mim. Eventualmente, você encontrará prazer em outro lugar.

— Por que esse "eventualmente" não pode ser agora? Esque-ça o passado e o futuro, Pel. Nestes quatro anos, aprendi que este momento é o que realmente importa.

— Isso faz diferença entre o modo como você vivia antes e como quer viver hoje? — Ela correu até a porta do quarto de vestir, mas Gray a abraçou por trás.

— Antes, tudo na minha vida poderia esperar até o dia se-guinte. Percorrer minhas propriedades, conversar com meus advogados e administradores, visitar lady Sinclair. As vezes, o dia seguinte não chega, Pel. Às vezes, o hoje é tudo que temos.

— Vê como somos diferentes? Sempre pensarei no futuro e em como minhas ações de hoje voltarão para assombrar-me.

Com uma das mãos, Gray acariciou o seio de Isabel. Mesmo não querendo, ela gemeu.

— Não vou mantê-la numa prisão, minha querida. Jamais farei isso. Principalmente agora que estamos unidos para sem-pre. — Com uma imprecisão, ele a soltou. — Vou lembrá-la disso sempre que necessário.

Isabel se voltou para encará-lo.

— Não serei vigiada como uma prisioneira.

— Nem eu pretendo cercear sua liberdade.

— Então por que as regras absurdas?

— Assim que souberem que você rompeu com Hargreaves, todos a assediarão, e no momento, não poderei fazer nada a respeito.

— Para proclamar sua posse? — ela indagou com frieza.

— Para protegê-la. — Com as mãos na nuca, Gray se espre-guiçou. — Voltei com o único propósito de ser um marido de verdade, e deixei isso muito claro, desde o início.

Isabel permaneceu em silêncio por alguns momentos. De-poís, meneou a cabeça, dizendo:

— Estarei em casa às três horas.

No escritório, Gerard olhou para o irmão e suspirou.

— Não foi isso que imaginei ao concordar em vir morar com você — Spencer resmungou, balançando a cabeça. — Pensei que sairíamos juntos.

— Sairemos, sim, mas depois que o alfaiate entregar minhas roupas novas. Enquanto isso, vou invejá-lo por poder acompanhar lady Grayson esta noite.

— Mas eu planejava passar a noite em outro lugar, com outra mulher... entende?

— Você trará minha mulher para casa até as três horas da madrugada. Depois disso, você estará livre para fazer o que quiser. — Gerard quase o aconselhou a aproveitar bem, pois, aquela seria a última noite de diversão que ele teria por muito tempo. Mas conteve a língua.

— Mamãe a odeia, você sabe, não?

— E você?

Spencer surpreendeu-se.

— Você quer mesmo ouvir minha opinião?

— Claro. Estou curioso. Spencer encolheu os ombros.

— Não sei se o invejo ou se tenho pena de você. Pel é uma mulher linda. Que corpo! Céus, e os lábios? Eu daria uma fortuna para ter uma mulher assim na minha cama. Mas casar-se com ela? — Ele meneou a cabeça. — E mesmo assim, você e ela procuram o prazer fora de casa. Pode me dizer por quê?

— Idiotice.

Rindo, Spencer foi até a bandeja de bebidas. Serviu-se de um drinque e apoiou-se na escrivaninha de mogno. Observando-o, Gerard reconheceu que, aos vinte e dois anos, pensava e agia como o irmão. Talvez essa semelhança pesasse a seu favor aos olhos de Isabel. Certamente ela não deixaria de notar como ele mudara ao longo daqueles quatro anos.

— Não quero provocá-lo, Gray, mas prefiro mulheres que gostem de mim. — Terminando o drinque, Spencer deixou o copo de lado e cruzou os braços. — Você vai fazê-la andar na linha agora?

— Pel nunca andou fora da linha.

— Se é você quem diz... — Spencer não pareceu muito convencido, mas não discutiu.

— Eu digo, sim. Quero que você fique grudado em lady Grayson a noite toda. Nem pense em entrar no salão de jogos, e controle sua libido até trazê-la para casa.

Gerard levantou-se ao ver Isabel entrar no escritório. Ela usava vestido rosa claro, uma cor que deveria emprestar-lhe um ar de inocência. Em vez disso, porém, enfatizava sua vibrante sensualidade. O decote generoso do vestido de cintura alta quase não escondia os seios fartos.

O efeito foi devastador e imediato. Gerard conteve-se para não jogá-la no ombro, correr para o quarto

e fazer amor até o dia amanhecer. A imagem foi tão absurda que ele não conteve o riso.

— O que é isso? — ela murmurou com um meio sorriso. — Será que estou tão mal vestida assim?

— Céus! — Spencer exclamou, inclinando-se para beijar-lhe a mão. — Precisarei de uma espada para manter os inconvenientes a distância. Mas não tema, querida cunhada, vou servi-la até o final dos meus dias.

O riso suave e rouco de Isabel ecoou pelo escritório, abalando ainda mais a disposição de Gerard em deixá-la sair.

— Oh, Spencer! Faz muito tempo que não tenho a companhia de um rapaz tão galanteador!

O brilho de satisfação nos olhos do irmão irritou Gerard que cerrou os dentes.

— É minha obrigação corrigir essa falha, lady Grayson — disse Spencer.

Com um suspiro resignado, Gerard estendeu a mão a Isabel e conduziu-a até a porta. Em seguida voltou ao escritório. Da janela, viu a carruagem afastar-se, levando-a.

Isabel pertencia-lhe, como suas terras e fazendas. Nada e ninguém a tirariam dele. Mas não pretendia recorrer à força. Queria ganhar a confiança da esposa, como ganhara o respeito de seus administradores e empregados. Trabalhara ao lado deles, vestia-se como eles, participara de suas celebrações e sentara-se à mesa com eles. Deixara de ser um lorde errante que nem sequer sabia da existência dessas pessoas.

Agora sabia que fora um exercício. Aquela era sua casa, seu verdadeiro lar. E se encontrasse um modo de partilhá-lo com Isabel, se conseguisse controlar seus impulsos ardorosos e alcançar as bases do casamento, talvez, pudessem viver felizes como marido e mulher.

Era um objetivo pelo qual valia a pena lutar.

— Ela o descartou, não é mesmo, Hargreaves? — uma voz infantil perguntou ao lado dele.

John, que observava Isabel do outro lado do salão, voltou-se e fez uma mesura para a bela e sorridente morena.

— Lady Stanhope, é um prazer.

— Grayson estragou seu adorável affair. — Os olhos de Bárbara focalizaram Isabel. — Veja a vigilância zelosa de Spencer. Nós dois sabemos que ele não estaria aqui se Grayson não tivesse lhe dado ordens para acompanhá-la. É muito estranho ele não estar aqui para vigiá-la pessoalmente.

— Não quero discutir sobre Grayson — disse ele com firmeza, voltando a olhar para a ex-amante. Ainda não assimilara como tudo havia mudado tão drasticamente em tão pouco tempo. Sim, notara a inquietação de Isabel, mas a amizade deles era forte e o sexo, satisfatório.

— Mesmo que essa discussão possa trazer lady Grayson de volta?

John encarou-a. De vestido vermelho-sangue, a viúva Stanhope jamais passaria despercebida, mesmo no meio da multidão. Re-parara nela várias vezes naquela noite, e ela o estava observando.

— Como assim?

Bárbara curvou os lábios vermelhos num sorriso insinuante.

— Eu quero Grayson. Você quer a mulher dele. Nós dois seremos beneficiados se trabalharmos juntos.

— Não tenho idéia do que está dizendo. — Mas John ficou intrigado e ela notou.

— Isso é bom. Pode deixar todas as idéias comigo.

— Lady Stanhope...

— Somos aliados. Trate-me por Bárbara.

Pela expressão determinada e pelo olhar frio de lady Stanhope, John compreendeu que ela não estava brincando. Voltou-se novamente para Isabel e surpreendeu-a olhando para ele, mordiscando nervosamente o lábio. Sentiu o orgulho ferido.

— Vamos dar uma volta, e eu lhe contarei os meus planos... — disse Bárbara, pegando-o pelo braço.

Na escrivaninha do quarto de vestir, Isabel subscreveu o último convite para o jantar.

— Quer que os envie imediatamente, milady? — a secretária perguntou.

Isabel hesitou um momento e, depois, meneou a cabeça.

— Ainda não. Pode ir agora.

Admitia estar apenas retardando a inevitável tarefa de encontrar uma amante para Grayson. Precisava de um pouco mais de coragem para dar o primeiro passo. A tensão e a ansiedade entre ambos era um enigma. Não imaginava por que a amizade deles mudara tanto. Se soubesse, talvez, encontrasse um modo de reverter a situação.

Como Gray havia pedido antes, ela se dirigiu ao quarto dele. Abriu a porta de comunicação, mas parou ao ouvir as vozes exaltadas do marido e de Spencer.

— O que me preocupa muito são os comentários, Gray — disse Spencer. — Como sempre evitei esse tipo de reunião social, eu não tinha noção da gravidade. É horrível.

— Você não tem que se preocupar com o que falam ao meu respeito.

— Como não? — Spencer gritou. — Sou um Faulkner também. Você repreende minha rebeldia, no entanto, a reputação de Pel é muito pior. Todos se perguntam se você tem autoridade necessária para colocá-la nos eixos. Comenta-se até que sua fogosa esposa é demais para você e, por isso, você foi

embora.

— Basta! — A ordem soou como uma ameaça.

— Fazer-se de surdo não resolve nada, Gray. Ela não demo-rou mais do que alguns minutos no toalete, mas foi o bastante para ouvir coisas de arrepiar o cabelo. Nossa mãe tem razão. Você deve ir ao Parlamento para livrar-se dela. Encontrará facilmente duas testemunhas para comprovar o adultério de Pel. Centenas, na verdade.

— Não brinque com fogo, Spencer.

— Não vou tolerar a desonra de nosso nome e espanta-me ver que você não faz nada para impedir. Ela é uma amante, Grayson. Não uma esposa.

Isabel ouviu um ruído abafado e um grito.

— Diga mais uma palavra contra Pel e não responderei por mim — Gray avisou-o. — Não tolerarei nenhuma calúnia contra minha mulher.

— Que diabos, Gray! O que aconteceu com você? Não o re-conheço mais.

— Não me reconhece mais? Sabe por quê? Porque escolhi honrar minhas promessas e meus compromissos. Isso é maturidade, Spencer.

— Ela não o merece.

O tom furioso de Grayson assustou-a.

— Fora daqui! Não quero vê-lo perto de mim.

— Então, empatamos, pois, também não quero vê-lo por perto.

Ouviu-se o som de passos e, depois, a batida ruidosa da porta. Isabel encostou-se na parede e fechou os olhos. Estava a par dos comentários que tinham começado na ocasião do casamento e que se agravaram quando decidiram manter vidas separadas. O título de nobreza de Gray nunca permitira que lhe fechassem as portas da sociedade, e ela considerava os falatórios o preço que deveria pagar por suas decisões e pela liberdade desejada. Sempre acreditara que Gray não se importava com os comentários, mas agora, descobrira que se importava, sim. E muito. Magoara-o, e isso a incomodava demais.

Na incerteza do que fazer para minimizar os danos que causara, continuou ali parada até ouvir a respiração forte de Gray. Abriu a porta de comunicação e entrou.

Prendeu a respiração. Gray estava parado junto à cama, de costas, a mão na coluna de madeira entalhada, e só de calça.

— Grayson — Isabel murmurou, tremendo só de vê-lo tão bonito e sensual.

— Sim, Pel?

— Você queria falar comigo?

— Desculpe-me. Não é o momento.

— Sou eu quem lhe deve desculpas.

Ele se voltou.

— Você ouviu.

— Não foi minha intenção.

— Não quero discutir isso agora. Não estou com cabeça.

Isabel deu um passo à frente.

— Diga como posso ajudá-lo.

— Você não vai gostar de minha resposta, por isso, sugiro que saia. Agora.

Isabel comprimiu os lábios, mas não se moveu. Após um breve silêncio, murmurou quase que para si mesma:

— Como pudemos errar tanto? — Atravessando o quarto, parou junto à janela e continuou: — Ignorância, suponho. E arrogância. Por pensar que poderíamos viver de acordo com a nossa vontade e esperar que a sociedade nos aceitasse.

— Vá embora, Isabel.

— Recuso-me a ser um empecilho entre você e sua família.

— Ao inferno com minha família! E você também, se ficar mais um minuto aqui!

— Não grite comigo, Gray! Antes, você sempre me contava seus problemas. Agora que eu sou o problema, acho mais do que justo tentar ajudá-lo. E não me olhe assim... O que vai fazer?

— Eu a avisei, Isabel. — Segurando-a pelo braço, praticamente arrastou-a até o quarto dela, fechando a porta de comunicação.

— Lamento muito, Grayson.

— Por quê? — ele perguntou do outro lado da porta. — Por ter se casado comigo?

Ela estremeceu. A palavra "não" ficara na presa na garganta. Não conseguiria dizê-la em voz alta.

Suspirando, apoiou-se na porta. Gray estava certo. Aquele não era o momento para discutir. Nenhum deles tinha condições de pensar com clareza.

— Só quero esclarecer uma coisa — ele disse. — Não lamento, e de todas as coisas que ouvi, o que mais me magoou foi você dizer que erramos muito.

Com passos lentos, Isabel foi ao quarto de vestir. Mais do que as palavras, o tom de voz de Grayson tocou-a profunda-mente. Tentou ignorar essa emoção. Não podia enternecer-se. Em sua vida não havia mais lugar para sentimentalismo.

Sempre encarara seus affairs com realismo, pois, as regras eram estabelecidas desde o começo, e o fim era sempre anteci-pado. Não havia o sentimento de posse, como estava começan-do a sentir por Grayson.

— Ah, Gray! — ela murmurou. Tinham sido amigos. E ele retornara como um estranho e assumira o lugar de seu marido.

Marido era posse. Amante, não.

Seu estômago se contraiu.

Ela é uma amante. Não uma esposa.

As palavras furiosas de Spencer, apesar de simples, eram a solução.

Decidida a resolver o impasse, despiu-se. Completamente. E soltou o cabelo. Endireitou os ombros e atravessou a distância até o quarto dele. Escancarou a porta. Gray estava escolhendo uma camisa. Aproximou-se e, empurrando-o, jogou-o na cama.

— O quê...?

Isabel deitou-se sobre ele e beijou-o.

— Finalmente você recuperou o juízo — ele murmurou. Num movimento rápido, inverteu as posições e, ávido, começou a sugar-lhe o seio.

— Espere! — Isabel gritou. — Eu tenho regras.

Gray interrompeu a carícia e fitou-a com olhos apertados.

— Regras? Eu quero você. Você me quer. Estas são as únicas "regras".

— Sim, mas... temos que estabelecer um acordo e...

— Nós temos um acordo escrito, senhora... um certificado de casamento.

— Não. Proponho sermos amantes. O acordo será feito por escrito, uma vez que você não costuma cumprir sua parte.

— Apenas por curiosidade. — Ele se levantou e tirou a calça. — Você enlouqueceu?

Isabel não respondeu maravilhada que estava diante do cor-po gloriosamente nu e excitado.

Gerard voltou e posicionou-se sobre ela sem a menor ceri-mônia.

— Seu distúrbio mental não arrefecerá meu ardor. Pode dizer as bobagens que quiser enquanto eu a cavalgo. Não me importarei.

— Gray, por favor...

Empurrando-lhe o delicado joelho, forçou-a a entreabrir as pernas e acomodou-se entre elas.

— A esposa é mimada e tratada com gentileza. A amante é uma conveniência para satisfazer as necessidades físicas. Tem certeza de que quer alterar seu status na sua própria cama?

Só então, Isabel percebeu a fúria do marido.

— Você não me assusta, Gray. — Podia sentir o corpo do marido rígido e quente que chegava a queimá-la.

— Você não leva a sério os avisos, não? — ele disse em voz baixa, e antes que Isabel pudesse assimilar as palavras, penetrou-a. Não houve carícias preliminares e nem murmúrios eróticos.

Isabel gritou e arqueou o corpo pela penetração dolorida e inesperada.

— Amanhã mesmo voltarei para minha antiga casa. Seremos amigos e você poderá voltar à sociedade.

Gerard começou a mover os quadris, e ela ofegou.

— Você terá só a mim, Gray. Deite-se com outra mulher e você romperá o acordo. Minhas normas...

— Ela tentou lembrá-lo.

— Ao diabo com suas normas! — Gray esbravejou, desligando-se e espalhando seu sêmen sobre o ventre de Isabel.

Tudo rápido, quase impessoal, diferentemente do dia anterior, deixando-a com a sensação de vazio e insatisfação.

— Calhorda egoísta!

Com os lábios contraídos, o rosto corado e o olhar embaçado, ele se posicionou novamente sobre ela.

— O homem não tem obrigação de satisfazer sua amante.

— Então você aceita o acordo!

O sorriso frio e cínico de Gray irritou-a.

— Se você insiste nesse maldito acordo, que seja! — Ele friccionou-lhe os mamilos com as mãos calejadas.

Isabel deu-lhe um tapa no rosto.

— Basta!

— O que é isso, Pel? Mesmo não tendo a obrigação, não po–derei deixá-la insatisfeita.

— Que poético! — ela ironizou com uma ponta de mágoa na voz.

— Guardarei a poesia para minha esposa. Se ela estivesse na minha cama, jamais a deixaria tão angustiada.

— O que eu fiz?

Mesmo ouvindo o resmungo de Isabel, Gerard continuou com os olhos fechados. Ela dormia aninhada em seu peito. O ar do quarto tinha aroma de sexo e flores exóticas, e ele se sentia no paraíso.

Obviamente, porém, sua esposa não.

Ela suspirou e roçou os lábios na pele dele. O ímpeto de abra–çá-la forte foi quase incontrollável, mas resistiu. Queria deixá-la ansiosa. Havia uma porta fechada em Isabel e ele teria que en–contrar a chave para abri-la.

Negociar a fidelidade dele... Que idéia! Estava lisonjeado e tocado, mas muito curioso para saber os motivos de tal exigên–cia. Por que não lhe pedir simplesmente para ser honesto com ela? Por que usar artimanhas, como a ameaça de deixá-lo, para alcançar seus objetivos?

Em relação às mulheres, constância nunca fora seu forte. As vezes, suas necessidades eram violentas, como nesse dia, e en–quanto umas mulheres serviam a um propósito, outras, como as esposas, eram feitas para fazer amor.

Levantou-se cuidadosamente para não acordá-la. Tinha que conversar com Spencer e tentar explicar-se. Não sabia se o irmão entenderia, mas a situação entre ambos não poderia continuar mal resolvida.

Vestiu-se e, antes de sair do quarto, lançou um último olhar enternecido para Isabel. Sorriu.

Sua esposa. Sua para agradar, sua para deleitar-se, sua para proteger. Não a perderia como perdera Emily.

Sua. Isabel era sua.

Agora só precisava convencê-la disso.

Gerard não encontrou Spencer no quarto e em lugar nenhum da casa. O mordomo informou-o que ele saíra cedo, logo depois da discussão. Dizer que não ficou preocupado, era mentira. Não tinha idéia do que Spencer ouvira na festa da noite anterior e nem do autor do comentário que tanto o enfurecera.

Foi para o escritório e escreveu duas mensagens. Uma era para Isabel. A outra foi enviada imediatamente. Planejava acompanhar Isabel aonde quer que ela fosse, e estava ansioso pela companhia dela e também pela chance de desmentir os boatos que os atormentavam.

Agora, porém, seria obrigado a percorrer clubes, bordéis e tavernas para ter certeza de que o irmão não se envolvera em confusão.

— O que está fazendo aqui, Rhys? — Isabel perguntou ao entrar na sala de visita. Não conseguiu disfarçar sua irritação. Acordar sem Gray ao seu lado não era bom; ler a mensagem curta e evasiva só fez aumentar a contrariedade.

Vou procurar Spencer. Seu, Grayson

Lorde Trenton levantou-se da poltrona de veludo azul e fez uma reverência. Elegante em seu traje de noite preto, era uma figura bonita de se ver.

— As suas ordens, milady — ele imitou a entonação de um serviçal.

— Como assim? Que eu saiba, não estou precisando de você.

— Grayson mandou-me uma mensagem. Parece que está im-possibilitado de acompanhá-la esta noite e sugeriu que eu o substituísse. Não pude recusar. Não seria tão louco assim.

— Ele o ameaçou?

— Claro que não. Felizmente eu pretendia mesmo ir ao baile dos Hammond. Lady Margaret Crenshaw estará lá.

— Outra vítima de sua lista? — Isabel ironizou. — Pelo me-nos, você já conversou com ela?

— Sim, já, e ela é muito agradável. Se você estiver pronta...

Apesar do vestido de noite, Isabel pretendia ficar em casa e esperar por Gray. Mas seria tolice. Obviamente ele queria que ela saísse, tanto que providenciara até o acompanhante. Ela não era jovem e nem ingênua. Não deveria magoar-se com o fato do Gray ter passado horas encontrando o prazer em seu corpo somente para deixá-la sozinha à noite. Uma amante não tinha o direito de magoar-se com nada.

E continuou a lembrar dessa realidade no transcorrer da noi-te. Mas ao ver um rosto familiar em meio aos convidados do baile dos Hammond, o conceito foi prontamente descartado. Amante ou não, ressentiu-se.

— Spencer Faulkner está aqui — Rhys comentou casualmen-te assim que o jovem entrou no salão.

— É ele mesmo. — Mas Grayson não estava. Então, ele men-tira. Por que a surpresa?

Spencer olhou ao redor e deparou-se com Isabel. Os olhares se encontraram e, por um breve momento, ela viu alguma coisa desagradável na expressão dele, logo substituída por delibera-da indiferença.

— Ora, ora — Rhys murmurou. — Parece que encontramos finalmente um homem imune aos seus encantos.

— Você notou?

— Infelizmente, sim. Só espero que ninguém mais tenha no-tado... — Rhys arregalou os olhos e não terminou a frase. — Meu Deus!

Isabel olhou para a mesma direção que o irmão.

— O que foi, Rhys?

Ele passou-lhe a taça de champanhe com tanta pressa que quase derramou a bebida.

— Com licença. — Dito isso, saiu às pressas, deixando Isabel boquiaberta.

Rhys passou entre os convidados. Como um fantasma, ela passou despercebida. Uma mulher comum com um vestido co-mum. Mas Rhys estava encantado. Reconheceu o cabelo preto. Sonhara com aquela voz.

Ela saiu do salão de baile e foi para o vestíbulo. Ele a seguiu. Ao vê-la deixar a mansão por uma porta lateral, Rhys não se preo-cupou em esconder-se. Pegou na maçaneta no momento em que a porta ia ser fechada. O rosto pequeno e perspicaz inclinou-se.

— Lorde Trenton?

Foram para o terraço e os sons do baile desapareceram quan-do fecharam a porta. Rhys fez uma medida e beijou-lhe a mão enluvada.

— Lady Misteriosa.

Ela riu e Rhys apertou a pequenina mão.

— Você me acha atraente, não é? Mas não entende a razão. — Ela ergueu as sobrancelhas. — Sinceramente, eu também estou intrigada.

— Permita-me investigar um pouco? — Rhys se inclinou le-vemente, dando-lhe tempo para recuar antes de ser beijada.

Rhys inalou o perfume suave. Alguma coisa quente explodiu em seu peito, refletindo num ponto entre as pernas. Ela não era seu tipo de mulher. Discreta. Com ares de intelectual. Certa-mente consideraria seu discurso interessante pela franqueza, mas daí a querer levantar-lhe as saias era algo incompreensível. Era magra demais para seu gosto, e faltavam as curvas sensuais que tanto apreciava. Ainda assim, desejava-a e queria descobrir seus segredos.

— Vamos caminhar um pouco. — Rhys ofereceu-lhe o braço.

— Vai flertar comigo, lorde Trenton?

Encontraram um caminho no jardim e começaram a andar devagar.

— Claro. Vou também descobrir seu nome.

— Você está muito seguro disso.

Ele sorriu.

— Tenho meus métodos.

— Parece divertir-se em testar minha inteligência.

— Não tenho dúvidas de que seu cérebro seja formidável, mas essa não é a parte de seu corpo que mais me atrai.

— Que maldade falar dessas coisas para uma mulher inex-periente. — Ela riu. — Você está me fazendo de tola.

Rhys ficou ligeiramente constrangido.

— Sinto muito.

— Não, não sente.

Ela tocou-o de leve no ombro e Rhys sentiu o sangue ferver. Como o toque da mão enluvada sobre o tecido do paletó e da camisa podia excitá-lo tanto?

— É assim que os homens falam com as mulheres quando existe intimidade? Lady Grayson sempre ri de coisas ditas por homens que considero pouco inteligentes.

Rhys parou abruptamente e olhou-a.

— Desculpe, eu não quis ofender. Na verdade, acho que lady Grayson é uma mulher de muitas facetas no sentido mais lison-jeiro da palavra.

Observando-a atentamente, Rhys concluiu que ela era since-ra. Recomeçaram a andar.

— Sim, uma vez que você se torna amigo de alguém do sexo oposto e sente-se à vontade, a conversa torna-se mais íntima.

— Sensualmente íntima?

— Geralmente sim.

— Mesmo que o objetivo não seja sexual, mas apenas uma diversão temporária?

— Você é muito curiosa. — Ele sorriu com indulgência. Gos-taria de conversar durante horas e responder-lhe a todas as per-guntas.

— Receio não ter o conhecimento necessário para agir do modo como você está acostumado. Por isso, peço que me perdoe por eu pedir tão diretamente para me beijar.

Rhys tropeçou nos seixos e cambaleou.

— O que disse?

— Você me ouviu, milorde. — Ela ergueu o queixo. — Gos-taria muito que me beijasse.

— Por quê?

— Porque ninguém mais jamais me beijará.

— Você está se subestimando.

— Não, eu me tenho em alta estima.

— Então sabe que outro homem haverá de querer beijá-la. — Só de falar, Rhys percebeu como a idéia o irritava. Não tolerava a perspectiva de outro homem beijando-a.

— Outro homem poderá até querer, mas eu não permitirei. Rhys segurou-lhe o rosto com as mãos.

— Não sei o que fazer com você — admitiu.

— Apenas me dê um beijo.

Rhys inclinou a cabeça e, antes que os lábios se tocassem, perguntou:

— Diga seu nome?

— Abby.

Rhys suspirou. Não sabia nada a respeito dela, mas sua ida-de, suas roupas, e o fato de estar desacompanhada revelavam sua inconsequência.

Já era hora de casar-se, mas Abby não era a mulher a quem poderia cortejar.

As palavras lhe faltaram. Então, beijou-a, profundamente e com sentimento. Ela amoldou o corpo no dele, ofegou. Suspirou. Rhys queria tomar liberdades. Despi-la, ensinar-lhe tudo que sabia, ver o ato sexual como ela via, com ansiedade.

E quando Abby o deixou no jardim, as palavras de despedida não saíram. Mais tarde, ao voltar ao salão com aparência de normalidade, Rhys percebeu que ela também não se despedira.

— Muito estranho Isabel ter vindo sem Grayson — Bárbara murmurou, pousando a mão no braço de Hargreaves.

— Talvez ele chegue mais tarde — o conde respondeu com mais indiferença do que Bárbara gostaria.

Se John decidisse não lutar mais por Isabel, ela estaria sozinha nas tentativas de levar Grayson novamente para sua cama.

— Veja, Trenton deixou-a sozinha. Agora é o momento ideal para aproximar-se dela. Vá.

— Não. Agora não é o momento. Pense nos comentários.

— Nosso objetivo é provocar comentários!

— Grayson não é homem de aturar brincadeiras.

— Nem você, Hargreaves.

Ele olhou para a ex-amante. Notando a expressão melancólica do conde, Bárbara instigou-o:

— Veja como ela está triste. Talvez esteja arrependida por ter rompido com você. Mas você nunca saberá se não conversar com ela.

As palavras de Bárbara tocaram os sentimentos do conde. Com um suspiro, ele atravessou o salão.

Com um sorriso de satisfação, Bárbara seguiu na direção oposta, decidida a aproximar-se do jovem Spencer. Fingindo dificuldade ao passar entre as pessoas, esfregou os seios no braço dele. Quando Spencer se voltou, ela o fitou com ares de constrangimento.

— Oh, desculpe, milorde.

— Não precisa pedir desculpas. — Spencer pegou a mão que ela lhe estendia. Afastou-se para que ela passasse, mas Bárbara apertou-lhe a mão. Ele arqueou as sobrancelhas. — Milady?

— Eu gostaria de ir até a mesa de bebida, mas a multidão me assusta! E estou com muita sede.

O sorriso de Spencer foi bem sugestivo.

— Será uma honra servi-la, milady.

— Quanta gentileza em me socorrer.

— Procuro me empenhar para ser útil às mulheres bonitas, sempre que possível.

— Sorte de lady Grayson por ter dois Faulkner encantadores sempre à disposição.

O braço de Spencer contraiu-se sob a mão de Bárbara, que não conteve um sorriso. Alguma coisa não estava bem na família Grayson, uma circunstância que só lhe traria vantagens. Teria que envolver o jovem Faulkner com seus encantos para descobrir do que se tratava, e a perspectiva era bem agradável.

— Isabel.

John parou a uma distância discreta. Avaliou-a dos pés à cabeça, detendo-se nos fios de pérola que enfeitavam as tranças avermelhadas e o gracioso vestido verde. As três voltas do colar de pérolas quase conseguiam encobrir a mancha arroxeadada no pescoço, mas mesmo assim, o conde notou-a.

— Você está bem?

O sorriso dela era cordial e triste.

— Na medida do possível. — Ela deu um passo na direção dele. — Sinto-me péssima, John. Você é um homem maravilhoso e merecia ser tratado com mais consideração.

— Sente minha falta, Pel?

— Sinto. — Ela o encarou. — Talvez não do modo como você sente a minha.

Ele sorriu. Como sempre, admirava a sinceridade de Isabel. Ela era uma mulher que falava sem rodeios.

— Onde está Grayson?

— Não vou falar de meu marido com você.

— Não somos mais amigos, Pel?

— Certamente não o seremos se sua intenção é questionar meu casamento — ela declarou. Depois, corou e baixou os olhos.

John abriu a boca para desculpar-se, mas desistiu. Os momentos de mau humor de Isabel tinham se tomado muito frequentes nos últimos tempos. Agora, começava desconfiar de que o relacionamento já estaria esfriando antes mesmo de Grayson voltar, e ele simplesmente não percebera.

Por um momento, considerou comentar essa possibilidade com ela. Porém, uma súbita inquietação dos convidados e a pa-lidez de Isabel chamaram-lhe a atenção. Levantou os olhos e viu o marquês de Grayson parado do outro lado da sala. Grayson olhou primeiro para Isabel e depois para ele.

Atingido pela força daquele olhar, John estremeceu. Após um longo momento de tensão, Grayson desviou o olhar.

— Seu marido chegou.

— Sim, eu sei. Com licença.

Isabel se afastou e já estava a uma curta distância, quando ele se lembrou dos planos de Bárbara.

— Vou acompanhá-la até o terraço, se me permitir.

— Obrigada — ela assentiu com um gesto de cabeça, balan-çando os cachos ao redor do rosto.

A cena foi suficiente para distraí-lo do olhar frio que o ful-minou pelas costas.

Gerard olhava para a esposa e tentou decifrar a razão de seu descontentamento. Que ela estava furiosa por algo que ele come-tera, era óbvio, mas não tinha a menor idéia do que poderia ser.

— Grayson! Ele se voltou.

— Sim, Bartley?

— Parece que seu irmão falou sério quando disse que viria. Ele chegou há cerca de meia hora e, segundo o criado da cha-pelaria, ainda não foi embora.

Perscrutando a multidão, Gerard não avistou Spencer, mas viu Isabel conversando com Hargreaves. Queria falar com a esposa, mas aprendera que era melhor resolver um assunto de cada vez, e Spencer era o mais urgente. Confiava na esposa, mas não podia dizer o mesmo do irmão.

— Vou começar pelo salão de jogos — murmurou. Felizmente, encontrara Bartley na Nonnie's Tavern que ouvira Spencer comentar sobre o baile dos Hammond. Ali, era o último lugar onde imaginaria procurar o irmão.

— Aquele não é Hargreaves com lady Grayson? — Bartley indagou num tom malicioso.

— É.

— Você não deveria falar com ele?

— Falar o quê? Ele é um homem honrado e Isabel, uma mulher sensata.

— Até eu sei disso. — Bartley riu. — E sei também que você não se importa. Mas se pretende mesmo conquistar sua esposa, eu aconselharia pelo menos fingir um pouco de ciúme.

Gerard meneou a cabeça.

— Ridículo! Tenho certeza de que Isabel diria a mesma coisa.

— As mulheres são criaturas estranhas, Gray. Talvez há alguma coisa sobre elas que você não saiba.

— Duvido. — Gerard encaminhou-se ao salão de jogos. — Você disse que Spencer não parece muito aborrecido?

— Foi a minha impressão. Ele sabe que somos amigos e, provavelmente, preferiu manter a boca fechada.

— Espero que ele continue assim pelo resto da noite. Agora é melhor nos separarmos. Se você o encontrar, traga-o para cá, perto da porta do salão de jogos.

Bartley concordou e afastou-se.

Gerard respirou fundo. O colarinho da camisa estava muito engomado, Isabel estava tão perto e, ao mesmo tempo, tão distante, o anunciado confronto com o irmão pesava demais...

Além disso, à medida que a busca se prolongava, seu humor ia ficando pior.

No terraço, entre tantos convidados, Isabel avistou um rosto familiar. Soltando o braço de Hargreaves, murmurou:

— Vamos nos despedir aqui.

Seguindo o olhar dela, John concordou e, rapidamente, afastou-se, deixando-a livre para conversar com a marquesa de Grayson. A mãe de Gerard logo pegou-a pelo braço, levando-a para longe dos outros convidados.

— Você não tem vergonha? — a marquesa-mãe resmungou.

— A senhora espera que eu responda?

— Como uma mulher de sua estirpe nobre pode demonstrar tão pouca preocupação com o título que carrega? Grayson sem-pre fez tudo para me irritar, mas casar-se com você foi um golpe mortal!

— A senhora não poderia mudar de assunto? Faz quatro anos que ouço a mesma ladainha. — Isabel desvencilhou-se do braço da sogra. Agora, longe das vistas de todos, a falsa camaradagem era totalmente dispensável.

—Eu ainda o verei livre de você antes de meu último suspiro.

— Boa sorte — Isabel resmungou.

— O que disse?

— Eu propus a separação muitas vezes desde que Grayson voltou, mas ele não concorda.

— Você não quer continuar casada com ele? — A perplexi-dade de lady Grayson seria até divertida se Isabel não estivesse tão magoada com o marido.

— Não, não quero. As razões pelas quais nos casamos, hoje parecem bobagens completamente sem sentido. Sempre foram, mas ambos éramos muito obstinados para perceber.

— Isabel. — A marquesa-mãe acariciou o colar de safira com expressão pensativa. — Você está falando sério?

— Sim.

— Grayson insiste que um pedido de divórcio exporia os erros de todos. De qualquer modo, o escândalo seria prejudicial para ambas as partes.

Isabel suspirou. Então Grayson estava reconsiderando o ca-samento deles. Ela deveria ter imaginado. O olhar insistente e ansioso da marquesa irritou-a.

— O que quer eu diga, milady? Que estou preparada para aceitar um futuro de mulher divorciada por adultério? Não es-tou, não!

— Mas você está decidida. Posso ver no seu rosto. E vou ajudá-la.

Isabel encarou-a.

— A senhora o quê?

— Você me ouviu. — A sombra de um sorriso suavizou os lábios da marquesa. — Ainda não imagino como, mas sei que farei tudo para ajudá-la. Talvez até cuide para que fique bem acomodada.

De repente, os eventos do dia foram fortes demais para Isabel.

— Com licença. — Procuraria Rhys e pediria que a levasse embora. Os tentáculos dos Faulkner a feriam por todos os lados. Tudo que queria, era seu quarto e uma garrafa de vinho Madeira.

— Manterei contato, Isabel — a marquesa-mãe avisou-a.

— Que bom! — ela murmurou, apressando o passo. — Mal posso esperar.

Frustrado por não ter encontrado Spencer, Gerard saiu do salão de jogos. Atravessava um corredor quando uma mulher saiu de um quarto, bloqueando-lhe a passagem. Ele parou de repente e a mulher sobressaltou-se.

— Céus! — Bárbara gritou e, ao reconhecê-lo, sorriu. — Você me assustou, Grayson.

Gerard fitou-a com a sobrancelha erguida. Corada e leve-mente desalinhada, certamente estava voltando de algum en-contro fortuito. A porta se abriu novamente e Spencer surgiu ajeitando o cabelo com a mão. Dessa vez, Gerard ergueu as duas sobrancelhas.

— Estou procurando por você há horas.

— É mesmo?

— Precisamos conversar, Spencer.

Spencer ajeitou o paletó e olhou para Bárbara, que sorriu.

— Amanhã talvez.

Ao notar a troca de olhares eloqüentes entre o irmão e lady Stanhope, Gerard decidiu ceder.

— Café da manhã no meu escritório.

— Combinado.

Spencer fez uma reverência e beijou a mão de Bárbara. De-pois, afastou-se, certamente para preparar a partida deles.

— Irei ao seu encontro num minuto, querido. — Os olhos de Bárbara continuaram fixos em Gerard.

Ao ficarem a sós, ele disse:

— Estou contente por ter se aproximado de Spencer.

— Oh? — Ela fez um trejeito. — Uma pitada de ciúme seria bem-vinda, Grayson.

— Não há nada entre nós que possa justificar uma cena de ciúme, e nunca haverá.

Ela pousou a mão na virilha dele, os olhos verdes brilhando maliciosamente.

— Poderá haver, se você decidir esquentar minha cama no-vamente. Apesar de nosso encontro daquela noite ter sido la-mentavelmente curto, sempre me lembrarei de como nos com-pletamos.

— Ah, lady Stanhope. — A voz de Isabel soou atrás de Gerard. — Obrigada por encontrar meu marido para mim.

Gerard não precisou se voltar para saber que sua noite, que começara mal, ficaria ainda pior!

Isabel observou uma estupefata lady Stanhope afastar-se com passos rápidos. Grayson olhava cautelosamente para a esposa, que parecia decidir o que fazer.

Com o coração pesado como uma pedra de gelo, ela virou as costas para Grayson com a intenção de ir embora — do baile, da casa deles, da vida dele. Em sua imaginação, já estava fazendo as malas.

— Pel.

Ela continuou andando, mas Gerard alcançou-a. Segurando-lhe o rosto, obrigou-a a encará-lo. Notou que os olhos azuis do marido eram da mesma tonalidade que a poltrona da sala de visita de sua antiga residência, para onde ia voltar. Teria que desfazer-se da poltrona.

— Não me olhe assim, Isabel.

Inesperadamente, ele a levou para uma sala escura, cheirando a sexo, e fechou a porta. Isabel apoiou as mãos no encosto de uma poltrona de couro.

— Fale comigo, por favor, Pel.

— Amanhã mesmo voltarei para a minha casa.

Gerard fitou-a com as sobrancelhas crispadas.

— Nem pense nisso. Você não vai me deixar, Pel. O que você ouviu não é o que você pensa.

— Eu não penso nada, milorde. Se me der licença... — Ela tentou passar.

Gerard beijou-a, sua língua explorando-a, provocando-a. O gelo dentro dela derreteu com o ardor do beijo. Os lábios de Gray acariciaram-lhe a face, até aninharem-se na orelha.

— Quero você, Pel. — Sentando-se numa poltrona, ele ajeitou-a em seu colo.—Quero você a toda hora, a todo momento...

— Sei o que ouvi — Isabel murmurou ainda tentando resistir.

— Você esteve com aquela mulher, Gray. Recentemente.

— Meu irmão está de cabeça quente — Gerard tentou justificar-se. — Passei horas procurando por ele. Qual foi o meu alívio vê-lo deixar o baile com Bárbara para concluírem a... conversa que iniciaram aqui! Assim, fico com o resto da noite livre para seduzir minha esposa.

— Ela o deseja.

— Você também. Sou um homem atraente com uma fortuna atraente e um título atraente. — Beijou-a

levemente nos lábios.

— Também tenho uma esposa atraente.

— Você fez amor com ela depois que voltou?

— Não, mas sei que você não acreditará em mim.

Estranhamente, ela acreditou.

— Se eu fosse você, Pel, não sei se acreditaria num calhorda como eu, principalmente depois de tudo que você passou com Pelham.

— O que passei não tem a menor importância. — As mágoas eram suficientes para uma vida inteira, e ela não queria mais.

— Tem, sim. Estou começando a entender. — Depois de respirar fundo, ele prosseguiu: — Não sou o homem certo para você, Pel. Todos os homens têm defeitos, mas receio que eu só tenha defeitos. Mesmo assim, sou seu e gostaria que aprendesse a suportá-los comigo. Sou egoísta e não vou deixá-la ir embora. Nunca!

— Por quê?

— Você me cura, Isabel. — Fechando os olhos, Gerard apoiou o rosto no dela, a ternura do gesto tocou-a profundamente.

O marquês de Grayson era conhecido por muitas coisas, mas a ternura não era uma delas. Na verdade, demonstrações de carinhos estavam se tornando muito freqüentes, o que a assustava. Não queria ser o remédio que o curaria das feridas causadas por outra mulher.

— Talvez eu possa curá-la também — ele murmurou com os lábios colados aos de Isabel. — Se você me permitir.

— Se curar significa esquecer, não estou interessada. Aprendi com os erros do passado, Gray, e agradeço aos céus pela lição aprendida. Esquecer não é o meu objetivo. Não quero esquecer nunca.

— Então, ensine-me a viver com os meus erros, Pel. — Ele se levantou e segurou-lhe as mãos. — Vamos embora de Londres.

— O quê?

— Aqui, não podemos dar certo como casal.

A porta foi aberta, assustando-os. Gray enlaçou-a imediatamente, num abraço protetor.

Lorde Hammond, dono da casa, também se sobressaltou.

— Desculpem! — Ele fez menção de sair, mas parou. — Lorde Grayson?

— Eu mesmo.

— Com lady Grayson?

— Quem mais eu poderia namorar na sua biblioteca?

— Bem... Ah... — Hammond pigarreou. — Ninguém mais, claro. — Fechou a porta e tornou a abri-la em seguida. — Lorde Grayson?

— Sim?

— Lady Hammond está organizando uma festa de uma semana em nossa propriedade perto de Brighton. Ela ficaria encantada com a presença de vocês. E eu terei a oportunidade de conhecê-lo melhor.

— Obrigado. — Gerard apertou a mão de Pel. — Aceitamos seu convite.

— Será um prazer recebê-los. Sairemos sexta-feira pela manhã.

De mãos dadas, Gerard e Isabel passaram pelo visconde.

— Ótimo.

— Então, está combinado. — O visconde seguiu-os. — Sexta-feira de manhã.

No hall, com um gesto de mão, Grayson pediu a um criado que buscasse o chapéu, a capa e a carruagem. E voltando-se para outro criado, disse:

— Diga a lorde Trenton que ele está livre de sua obrigação.

Isabel deveria estar furiosa por ele ter decidido voltar para casa sem consultá-la. Mas não estava. Seu marido não mentira e nem a traíra. Se isso era uma bênção ou uma maldição, ainda não sabia.

Capítulo IV

Quando a carruagem dos Grayson entrou no pátio da residência dos Hammond, Isabel não conteve um murmúrio de indignação.

— Oh!

Sentado de frente para ela, Gerard ergueu as sobrancelhas denotando curiosidade.

Ela olhou para uma pessoa, em meio aos convidados reuni-dos no pátio e fez um gesto quase imperceptível com a cabeça. Teve o cuidado de não dizer nada para não magoar Spencer, sentado ao lado do irmão.

Grayson coçou o alto do nariz e meneou a cabeça.

Lá estava a marquesa-mãe pronta para a semana de festa na propriedade dos Hammond. De repente, toda a ansiedade de Isabel desapareceu. Descendo da carruagem com a ajuda do marido, conseguiu sorrir e relancear os olhos pelos convidados. Estremeceu quando a marquesa-mãe contemplou-a com uma piscada conspiratória. Sem dúvida, preferia pensar na sogra como inimiga.

— Bella.

A voz de Rhys soou como um bálsamo aos ouvidos dela.

— O que você está fazendo aqui? — ela perguntou, sabendo que o irmão sempre detestara aquele tipo de festa.

Rhys encolheu os ombros.

— Senti vontade de desfrutar de companhias mais respei-táveis.

— Melancolia? — Tirando uma luva, Isabel pousou a mão na testa dele.

Rhys revirou os olhos.

— Desde quando desânimo provoca febre?

— Nunca vi você desanimado em toda a sua vida.

— Há sempre uma primeira vez, Bella. — E voltando-se para o cunhado, cumprimentou-o. — Grayson.

— Trenton. Não esperava encontrá-lo aqui.

— Uma crise temporária de insanidade.

— Entendo. — Grayson enlaçou Isabel pela cintura e puxou-a de encontro a si. — Parece que estou sofrendo do mesmo mal.

— Grayson, Isabel. Que bom encontrá-los aqui — a marquesa disse, aproximando-se.

Isabel abriu a boca para responder, mas Gray apertou-lhe o quadril. Ela pulou, assustando a sogra.

— Você não está bem? — A marquesa-mãe fitou-a com ar de reprovação. — Não deveria ter vindo se estiver doente ou in-disposta.

— Ela está com a saúde ótima — Gray antecipou-se num tom gentil. — Eu que o diga.

Isabel lançou um olhar furtivo ao marido. O que ele pretendia provocando a mãe tão diretamente?

— Que falta de decoro! Ainda mais vindo de um homem de sua posição.

— Mas é tão divertido, mãe!

— Grayson, não...

— Lorde e lady Grayson! — A voz alegre de lady Hammond interrompeu a frase da marquesa-mãe. — Que bom que vieram!

— Ficamos lisonjeados com o convite, claro — Isabel respon-deu com um sorriso encantador.

— Já que vocês chegaram, podemos partir — a viscondessa declarou. — O dia está lindo e propício para uma viagem, você não acha?

— Acho — Isabel concordou, ansiosa para voltar à carruagem.

— Vou com você, Grayson — a marquesa-mãe avisou. Isabel estremeceu, achando que a viagem, que tinha tudo para ser agradável, seria um tormento.

Gerard afagou-lhe as costas, num gesto encorajador. Mas o conforto durou pouco. A marquesa-mãe passou o trajeto inteiro repreendendo Grayson e Spencer por um motivo ou outro.

Foi com grande alívio que chegaram à propriedade rural dos Hammond no final da tarde. Assim que Isabel desceu da car-ruagem, avistou Hargreaves.

— Que lugar agradável! — exclamou a mãe de Grayson.

Isabel olhou ao redor. Realmente, a vista era muito bonita, com a casa de pedras douradas, a profusão de flores coloridas e videiras.

Em outras circunstâncias, o final de semana seria maravilho-so. Considerando os convidados, incluindo Bárbara, que pare-cia querer engolir Grayson com os olhos, duvidava que teria um minuto de descontração.

— Deveríamos ter ficado em Londres — ela murmurou.

— Você não quer ficar? — Gerard perguntou em voz baixa. — Tenho uma fazenda aqui perto.

Ela o fitou com espanto.

— Você enlouqueceu? — Mas pela expressão dele, compreendeu que ele também preferia ir embora.
— Não.

— Eu sabia que você diria isso. — Ele lhe ofereceu o braço.

— Espero que concorde em passar a maior parte do tempo no quarto comigo.

— Poderíamos passar o tempo no nosso quarto, em nossa casa. Aqui seria indelicado.

— Por que não me falou antes? Teria nos poupado da viagem.

— Não jogue a culpa em mim! Foi você quem aceitou prontamente o convite do visconde, lembra?

— Hammond mencionou doze convidados. Não imaginava que seria uma multidão formada por todas as pessoas que gostaríamos de evitar.

— Isabel! — Rhys aproximou-se todo agitado, e apontando para um pequeno grupo de mulheres conversando com lady Hammond. — Você conhece aquela morena à direita de lady Stanhope?

— Oh... Sim, conheço, mas não lembro do nome dela.

— Abby? Abigail?

— Isso mesmo. Abigail Stewart. É sobrinha de lorde Hammond. A irmã dele e o marido americano morreram, deixando a srta. Stewart órfã, mas muito rica, segundo me contaram.

— Uma herdeira! — Rhys murmurou.

— Pobrezinha! Na última season ela foi assediada por todos os caça-dotes e vagabundos da Inglaterra. Conversamos apenas uma vez e muito rapidamente. Ela é muito brilhante. Falta-lhe um pouco de finesse, mas é encantadora.

— Nunca a tinha notado.

— Como poderia? Ela vive escondida nos cantos e, além disso, não é seu tipo. Inteligente demais para você — Isabel brincou.

Depois de certificar-se de que Isabel estava bem acomodada e atendida por sua criada de quarto, Gerard desceu para conversar com outros cavalheiros.

Entrando na sala de visita, acenou para Spencer, recusou o charuto que lorde Hammond lhe ofereceu, e caminhou sobre o tapete Aubusson em direção à janela, onde Hargreaves observava o cenário bucólico.

Não pôde deixar de notar o porte elegante e as roupas de corte impecável do conde. Aquele homem

convivera da intimidade de Pel durante dois anos, conhecendo-a, portanto, melhor do que ele.

— Hargreaves — murmurou.

— Lorde Grayson. — O conde se voltou, fitando-o com olhos frios. — Antes que me acuse de tentar reconquistar Isabel, permiti-me dizer-lhe que não tenho a menor intenção a esse respeito.

— Não?

— Não, mas se ela me procurar, não a mandarei embora.

— Apesar do perigo que tal gesto poderia representar? — Gerard era um homem de ação, não de ameaças. Pelo leve as-sentimento de Hargreaves, ele viu que o conde sabia disso.

— Você não pode prender uma mulher como Isabel. Ela va-loriza sua liberdade mais do que tudo. Tenho certeza de que ela só se casou com você para garantir a liberdade, e agora, sente-se trapaceada. — Ele ergueu os ombros. — Além disso, eventualmente, você se cansará dela, e esse seu desejo de cla-má-la sua de um modo tão primitivo, logo desaparecerá.

— Minha reivindicação não é apenas primitiva. É também legal e consistente.

Hargreaves meneou a cabeça.

— Você sempre quis mulheres de outros homens.

— Neste caso, a mulher que eu quero pertence a mim.

— E mesmo? Estranho você descobrir isso cinco anos depois de negligência marital. Tenho-os visto juntos desde sua volta. Aliás, como toda a sociedade. Na verdade, parece que vocês apenas se toleram.

Gerard curvou os lábios num sorriso indolente.

— Definitivamente, entre nós, há muito mais do que apenas tolerância mútua.

O conde enrubesceu.

— Isabel jamais se prenderá a você, Grayson. Ela é incapaz disso, e mesmo que estivesse aberta a sentimentos elevados, um homem inconstante como você não teria chances. Você se pa-rece muito com o falecido Pelham. Ele também não valorizou o tesouro que tinha. Perdi a conta das vezes que Isabel contou-me histórias de suas proezas que terminavam assim: "como Pelham costumava fazer".

Um soco no estômago não teria atingido Grayson com mais força.

Apesar da aparência impassível, intimamente ficou apreen-sivo. Markham dissera a mesma coisa. Não poderia haver pior referência do que saber que suas atitudes faziam sua esposa lembrar-se do falecido marido. Se não provasse ser melhor que Pelham, jamais conquistaria o afeto de Isabel.

— Você diz que Pel é incapaz de afetos profundos, e mesmo assim, acredita que ela voltará para seus braços. Ambos sabe-mos que ela nunca voltou para os ex-amantes.

— Somos amigos. Conheço bem suas preferências. Ela era feliz comigo antes de você voltar.

— Não. Ela não era feliz. Você sabe disso tanto quanto eu.

Os maxilares do conde se comprimiram.

— Penso que já nos entendemos, Grayson. Não temos mais nada a dizer. Você está ciente de minha posição. Eu estou ciente da sua.

Gerard inclinou levemente a cabeça concordando.

— Ouça bem, Hargreaves. Eu me irrita facilmente e, acredite, não terei este tipo de conversa novamente. Na próxima vez que eu tiver que lembrá-lo de meu casamento, demonstrarei os pontos mais delicados deste discurso com a ponta de minha espada.

— Cavalheiros, posso distraí-los com minhas histórias da Índia? — lorde Hammond interveio, seu olhar correndo nervosamente de um para o outro. — Um país fascinante, acreditem.

— Obrigado, Hammond — Gerard disse. — Talvez mais tarde. Com uma mesura, ele atravessou a sala em direção a Spencer.

— Só mesmo você, Gray, poderia ser tão inflamado — Spencer foi logo dizendo.

— Aprendi que o tempo é precioso. Não vejo razão para rodeios quando a objetividade funciona tão bem.

— Admito que já estava resignado a uma semana de lassidão. Felizmente parece que não haverá um só momento de mono-tonia — Spencer comentou com um sorriso.

— Certamente que não. Pretendo mantê-lo ocupado.

— Como assim? — Os olhos de Spencer brilharam com a mesma intensidade que o sorriso. De novo, Gerard percebeu a influência que exercia sobre o irmão.

Só esperava que essa influência fosse positiva.

— Sim. Há uma propriedade Grayson apenas a uma hora a cavalo daqui. Amanhã, iremos visitá-la.

— Maravilha!

Gerard sorriu.

— Agora, se me der licença...

— Não consegue ficar muito tempo longe dela, não?

Gerard lançou ao irmão um olhar severo.

— Recuso-me a responder.

Mergulhada na água morna, Isabel relutava em sair da banheira.

Pensava em Grayson e em seu insaciável apetite sexual. E dormir era um luxo ao qual ela se entregava, quando podia.

Gerard começara a usar preservativos, o que propiciava um ato sexual mais completo, mais demorado. E ela adorava todos os momentos nos braços dele. A paixão de Grayson era real, e não maquinal como a de Pelham.

A porta de comunicação foi aberta e a voz deliciosa de Gray dispensou a criada. Os passos que se aproximaram eram firmes e confiantes como sempre. Havia ritmo neles, uma cadência, o som de domínio.

— Você está com frio — disse ele, já perto da banheira. — Deixe-me ajudá-la a sair.

Abrindo os olhos, Isabel deparou-se com a mão estendida. A intensidade do olhar desarmou-a. Claro, ela também já se pegara muitas vezes fitando-o da mesma maneira.

E como estava acontecendo com muita frequência, a sensação de posse ao vê-lo excitado e com o olhar inflamado de desejo era dolorosa e instigante. Gray era o homem que qualquer mulher imploraria para chamar de seu, e ela, a única mulher que tinha esse direito, não podia. Não devia.

Ele havia tirado a roupa e vestia apenas um robe de seda. Quase sem perceber, Isabel tocou-o de leve no ombro e viu os olhos azuis escurecerem. Um toque, um sorriso, um morder de lábio — tudo tinha o poder de excitá-lo num átimo de tempo.

— Estou cansada — ela o avisou.

— Você me provoca e, depois, vem dizer que está cansada? — Ajudou-a a sair da banheira e enrolou-a numa toalha.

— Eu não!

Ele a beijou no pescoço.

— Você, sim. De propósito, milady. Você quer me ver suplicando.

— Suas "súplicas" são inconvenientes.

— Inconveniências que você adora, minha querida. Percebi que gosta de mim excitado em público e em particular. Quer me ver louco de desejo até fazer amor em qualquer lugar, a qualquer hora.

Isabel suspirou. Seria verdade?

— Você está sempre excitado, Gray. Sempre esteve.

— Nem tanto, querida. Mas garanto que, se você me rejeitar agora, serei capaz de fazer amor na mesa de jantar, proporcionando uma bela diversão aos convidados.

Isabel riu.

— Você é uma fera!

— Você sabe como me domar! — ele murmurou, mordiscando-lhe a orelha. Abraçando-a forte, pressionou a rigidez de sua masculinidade no corpo dela.

— Como você descobriu essa minha habilidade?

— Eu já lhe disse, você tem toda a minha atenção. — Enterando os dedos no cabelo sedoso, ele tirou os grampos que o prendia. — Você é a única pessoa no mundo com quem gosto de estar, Pel. Você me faz rir, sempre fez. Vê os meus defeitos e acha graça em muitos deles. Não tenho necessidade de outras companhias. Você me basta. — Beijando-a de leve nos lábios, completou: — A propósito, vamos ficar no quarto esta noite.

— Imagine! Se faltarmos ao jantar, todos pensarão que estamos fazendo amor.

— E não estarão errados. Afinal, estamos em lua-de-mel. — Com a ponta da língua, contornou os lábios dela. — Poderemos jantar no quarto e, depois, jogar xadrez.

— Você odeia xadrez!

— Na verdade, passei a gostar. E sou muito bom no jogo. Prepare-se para perder.

Isabel fitou-o com incredulidade. Não raro, sentia como se um estranho tivesse voltado para casa. Um homem parecido com o Grayson com quem se casara, mas não era o mesmo. Quanto ele mudara?

— Quem é você? — Isabel murmurou, acariciando-lhe o rosto. O sorriso dele desapareceu.

— Sou seu marido, Isabel.

— Não, não é.

De repente, Isabel percebeu nele algo que nunca vira antes — compromisso. Sim, Gray estava comprometido com ela, aprendendo a conhecê-la e a compreendê-la. Só de pensar, es-tremeceu nos braços fortes.

—Não diga que não sou seu marido, Pel. Vamos acabar com essa bobagem de amante, de mudança de casa e tal. — Gray levou-a para a cama e pressionou seu corpo no dela. — Há uma mente e um coração ligados ao sexo que você tanto gosta. Juntos, formam um homem... seu marido. Você não pode fragmentar o todo e pegar apenas os pedaços que deseja.

A declaração abalou-a. Depois, ajudou-a a decidir. Quem quer que fosse esse homem, queria conhecê-lo.

— Você não é o marido que subiu ao altar comigo. — Antes que ele protestasse, ela se apressou em dizer: — Não quero aquele homem, Gerard. Você sabe disso.

— Que história é essa?

Isabel entreabriu as pernas para recebê-lo.

— E você que eu quero.

— Isabel...? — Ele a penetrou devagar, bem devagar. E com os lábios colados aos dela, murmurou: — Quem você quer?

A voz dela soou indolente de tanto prazer.

— Você...

No dia seguinte, Gerard e Spencer saíram logo cedo para inspecionar uma propriedade próxima à de lorde Hammond.

Para Isabel, o tempo parecia não passar. Sentia falta do marido e nada a interessava. Por fim, sentou-se no terraço com um livro nas mãos. À sua direita, Rhys conversava com Abigail. À esquerda, o conde e a condessa de Ansell tomavam o chá da tarde com Bárbara.

— Lady Grayson.

Levantou os olhos da leitura e deparou-se com Hargreaves. Cumprimentou-o com um sorriso.

— Boa tarde, milorde.

— Posso me sentar?

— Por favor. — Deixando o livro de lado, acenou a um criado, que trouxe mais chá.

— Como vai, Isabel?

— Bem, obrigada. E você?

— Estou bem.

Ela olhou ao redor e baixou o tom de voz.

— Por favor, John, diga a verdade. Eu o magoei muito?

— Não nego que meu orgulho foi ferido, Entretanto, olhando para trás, percebo que nosso romance já caminhava para o fim.

— Fui muito feliz com você, John. — Ela sorriu. — E você sabe disso, não?

— Sei, sim, Isabel, e seus sentimentos por mim me fizeram ver o propósito de nosso relacionamento. O que nos uniu foi a solidão. Ambos estávamos ainda feridos por conta de nossos casamentos. Eu, pela perda de minha amada esposa, e você, pela perda do marido não tão amado. Sem vínculos, sem exi-gência, sem expectativas... apenas companheirismo. Como po-deria eu culpá-la se um sentimento mais profundo entrou em sua vida?

— Obrigada, John — ela agradeceu, fitando-o com renovado respeito e afeto. — Por tudo.

— Na verdade, eu a invejo. Quando Grayson me procurou...

— O quê? Ele o procurou? John riu.

— Então, Grayson não comentou nada. Meu respeito por ele aumentou um pouco.

— O que ele disse?

— O que ele disse não é importante, mas sim, a forma como disse. Invejei a paixão na voz dele. Quero isso, também, e penso estar finalmente pronto para viver um grande amor e, em parte, devo a você.

Isabel conteve-se para não afagar a mão do conde. Não podia, não diante de tantas pessoas.

— Prometa que seremos sempre amigos, John.

— Isabel, nada no mundo me impedirá de ser seu amigo.

Assim que retornaram à mansão Hammond, Gerard e Spencer foram direto aos respectivos aposentos. Gerard es-tava ansioso para procurar Isabel. Queria encontrar conforto nos braços dela e atenuar-lhe os temores dizendo que ela era a única mulher de sua vida. E principalmente, que descon-fiava que sempre o seria. Sim, ela precisava saber disso. Porém, antes, teria que se banhar.

Entrou na banheira com água quente e dispensou Edward. Momentos depois, a porta se abriu. De olhos fechados, sorriu.

— Boa noite, meu amor. Sentiu minha falta?

Um murmúrio enrouquecido fez seu sorriso alargar-se. Ela se aproximou da banheira e seu coração bateu mais forte. Por conta do cansaço e do calor do banho, Gray demorou um se-gundo para perceber o perfume diferente ou o tênue ruído da porta sendo aberta novamente.

— Que diabos... — ele começou, mas parou ao sentir uma mão se fechar ao redor de seu pênis, sob a água.

Pulou de susto, espirrando água por todos os lados. Abriu os olhos e deparou-se com o sorriso insinuante de Bárbara. Mes-mo notando seus olhares insidiosos, acreditara que ela desistira, depois da conversa no baile dos Hammond. Puro engano.

Segurou-a firme pelo pulso, disposto a empurrá-la. Nesse momento, Bárbara ergueu o rosto e seus olhos encheram-se de horror.

— Se não quiser perder sua preciosa mão, aconselho-a a sair imediatamente daqui, milady. — A voz de Isabel veio da porta de comunicação.

Apesar da água quente e do vapor, Gerard gelou ao som das palavras da esposa.

Gerard saiu da banheira e enrolou-se na toalha, enquanto Isabel expulsava Bárbara do quarto.

— Nossa conversa ainda não acabou, milady — Isabel gritou no corredor atrás de Bárbara.

Endireitando os ombros, ele esperou a tempestade que de-sabaria sobre sua cabeça. Voltando, Isabel fitou-o por um longo momento com expressão indecifrável, o cabelo solto caindo nos ombros, o corpo atraente coberto pelo robe de seda. Depois, com passos apressados, foi para o quarto dela.

— Isabel. — Ele vestiu o robe e aproximou-se antes que ela fechasse a porta. — Não estimulei os avanços de Bárbara. — Viu que ela lançou-lhe um olhar enviesado. — Sinto que você quer acreditar em mim — ele murmurou.

— Não é tão simples assim, Gray.

Segurando-a pelos ombros, obrigou-a a encará-lo. Isabel des-viou o olhar.

— É simples, sim. — E chacoalhando-a de leve: — Olhe para mim, Isabel. — Ela obedeceu, mas seu olhar era frio, distante. — Isabel, meu amor. — Encostou a fronte na dela e respirou, inalando o perfume que tanto o inebriava. — Não sou Pelham. Nunca menti para você, nunca escondi nada. Sempre fui muito franco e sincero com você, como nunca fui para outra pessoa. Você conheceu o meu lado pior. — Beijou-a nos lábios, sugou-os até se entreabrirem. — Será pedir muito para tentar conhecer meu lado melhor?

— Gerard — ela sussurrou, sua língua roçando na dele, fa-zendo-o gemer.

— Sim? — Abraçou-a forte, aproveitando o momento de fra-queza. — Confie em mim, Pel. Por favor, dê-me... dê-nos uma chance.

— Tenho medo.

— Você é corajosa por admitir seu medo, Pel. E agradeço por você compartilhá-lo comigo.

Ela abriu o cinto do robe do marido, e pressionou a pele nua na dele. Sem barreiras entre ambos. Com o rosto no peito de Gray, Isabel ouvia as batidas aceleradas do coração.

Deslizando a mão sob o robe de seda, Gerard acariciou-lhe as costas.

— Não sei como lidar com isso, Gray.

— Nem eu. Mas, certamente, unindo nossas experiências, possamos aprender juntos. Sempre percebi quando uma mu-lher começava a cansar-se de mim e...

— Mentiroso! Jamais uma mulher se cansou de você.

— Uma mulher sensata — ele a corrigiu. — Você não perce-beu sinais em Pelham? Ou ele simplesmente acordou um dia sem juízo?

Isabel escondeu o rosto no peito do marido e riu.

— Claro, houve sinais, sim.

— Então, vamos fazer outro acordo. Você me alertará se des–confiar de alguma coisa e prometo tranqüilizá-la de modo a esclarecer todas as dúvidas.

— Acha que dará certo?

— Se não permitirmos que as dúvidas prevaleçam sobre o bom senso e a franqueza, dará certo, sim. Se isso for difícil, bas–tará simplesmente ficarmos na cama nos amando, dia e noite.

— Gerard!

— Pensei que ela ia arrancar meus olhos! — Bárbara disse lançando um olhar ressentido a Isabel que conversava com lady Ansell.

— O que deu em você? — Spencer perguntou. Bárbara torceu o nariz.

— Eu estava no corredor, vi Grayson entrar nos aposentos dele e imaginei que Isabel ainda estivesse no terraço.

— Foi loucura, Bárbara.

— Eu sei.

— E deveria saber, como eu sempre digo, que um Faulkner é tão bom quanto o outro.

— Sim, é verdade.

— Você aprendeu a lição? Fique longe de Grayson.

— Sim, sim. Você promete me salvar da fúria daquela mulher horrorosa?

— Talvez...

Ela entendeu.

— Logo mais conversaremos sobre isso. Com licença.

Imaginando a noite de prazeres que o esperava, Spencer acompanhou-a com o olhar.

— Entendi direito o que lady Stanhope disse? — perguntou uma voz ao lado dele.

— Mãe! — Spencer revirou os olhos. — A senhora tem que parar de ouvir conversas alheias!

— Por que a aconselhou a ficar longe de Grayson? Deixe-a ficar com ele!

— Isabel não concorda com a idéia. E Hargreaves já se retirou de cena. Portanto, nada impede a harmonia do casal Grayson.

A marquesa-mãe olhou para Isabel e resmungou.

— Aquela vagabunda concordou em deixá-lo. Eu deveria ter imaginado que era mentira.

— Mesmo que fosse verdade, Gray está fascinado demais para aceitar a separação. Veja como ele a devora com os olhos. Hoje conversamos muito e, a bem da verdade, ela o faz feliz. Talvez seja melhor admitir que perdeu esta batalha, mãe.

— Jamais! Não viverei para sempre e antes de fechar os olhos, quero ver Grayson com um herdeiro nos braços.

— Talvez, o destino não conspire a seu favor. Pelo que me consta, Isabel não tem vocação para mãe. Se ela quisesse ter filhos, deveria ter engravidado antes. Agora, com essa idade, uma gravidez seria quase impossível.

— Spencer! — Ela o fitou com sorriso triunfal. — Você é um gênio. E isso mesmo!

— Isso o quê? — ele perguntou, mas a mãe já estava longe para ouvi-lo.

— Queridos amigos, um minuto de atenção, por favor! — pediu lady Hammond, sorrindo para os convidados. — Como um treinamento para a caçada de amanhã, lorde Hammond e eu escondemos dois objetos em algum lugar da casa. Um relógio de ouro e um pente de marfim. Com exceção dos seus aposentos e das portas trancadas, qualquer cômodo pode ser o esconde-rijo. Teremos uma festa assim que a caçada terminar. Boa sorte!

Aproximando-se de Isabel, Gerard fez menção de pegar-lhe no braço. Ela recuou.

— Se você me procurar, milorde, garanto que apreciaremos mais que encontrar o relógio e o pente.

— Feiticeira! Você me dispensou antes do jantar e, agora, quer que vá ao seu encalço?

— Sou sua feiticeira e é assim que você me quer! — Piscando, ela saiu com os outros convidados.

Gerard deu-lhe alguns minutos de vantagem antes de come-çar a procurá-la.

Isabel seguia furtivamente Grayson, evitando ser vista por ele e pelos outros convidados. Depois de quase meia hora de brincadeira, deixou-se encontrar.

— Finalmente! — ele exclamou, enlaçando-a pela cintura. — Por onde andou?

— Logo atrás de você! — Ela riu. — Mas agora que me en-controu o que pretende fazer?

— Você tem alguma sugestão?

— O que acha de ficarmos a sós?

Concordando, Gerard levou-a em direção aos aposentos, mas ao ouvirem vozes se aproximando, Isabel abriu a primeira porta que viu.

— Vamos entrar. Tranque a porta.

Assim que ouviu o clique da fechadura, Isabel abraçou-o, quase o derrubando.

— Gerard — ela murmurou, beijando-o avidamente no pes-coço.

Ela nunca se entregara completamente. Talvez fosse o último resquício de resistência. Gerard estremeceu.

— Pel, não me provoque. Vamos para o nosso quarto.

— Você parecia interessado na brincadeira. — Ela pressionou o corpo dele, movendo-se insinuantemente.

A escuridão do quarto estimulava a liberdade. Tudo que ela queria naquele momento, era sentir o perfume, o calor, o desejo, a masculinidade do marido.

— Você parecia disposta a brincar, e imaginei alguns beijos roubados, algumas carícias mais ousadas. — Gemeu ao sentir a mão de Isabel o acariciando sobre o tecido da calça. — Agora você está... está... Oh, nem sei dizer como você está, mas esse seu... ímpeto exige nossa cama e tranquilidade.

— E se eu não puder esperar?

— Você quer que eu a possua aqui? — A voz dele soou enrouquecida de desejo. — E se alguém entrar? Está escuro e não temos a menor idéia de que quarto é este.

— Algum quarto que não é usado, uma vez que a lareira está apagada. — Finalmente, conseguiu abrir a calça dele e, com dedos ansiosos, pegou o membro rígido. — Estou oferecendo a oportunidade de fazer amor fora da intimidade de nosso quar-to, como você mesmo sugeriu, outro dia.

Em brasas, Gerard gemeu antes de girar rapidamente os cor-pos e encostá-la contra a porta.

— Como quiser, milady.

Introduzindo a mão sob a saia, ele alcançou a fenda úmida e quente de Isabel.

— Gerard, por favor. Faça amor comigo.

Grayson não resistiu mais. Segurando-a pelas nádegas, er-gueu-a sem dificuldade e penetrou-a.

— Isabel... — Ele se inclinou para a frente, o peito movendo-se de encontro ao dela, a respiração pesada e ofegante. Isabel agarrou-se a ele, inalando o cheiro másculo, e sentindo a força do membro rígido dentro dela.

— Oh, Gray, este desejo louco, quase irracional, é tudo que temos? — Isabel gemia debilmente enquanto Gray se movimen-tava devagar, saboreando. — Mais, mais...

Ao ouvir o pedido dela, Gray parou por um instante.

— Será que conseguirei satisfazê-la, Pel? Serei suficiente para você? — Dobrando os joelhos, recomeçou a movimentar-se, agora num ritmo mais rápido, mais urgente. — Seremos sempre assim.

Só eu e você, ninguém mais. Farei tudo para ser o que você necessita.

O coração de Isabel encheu-se de ternura. Gray não era como Pelham. Sua paixão era real e sincera.

— Também quero ser o que você precisa, Gray. Desespera-damente — ela admitiu sem medo.

— Você é. Você é tudo, Pel. — De repente, ele estremeceu. — Céus! Não posso... Pel! Não posso parar. Vou... — Novo es-pasmo. — Oh, Pel...

Isabel jogou a cabeça para trás. Totalmente preenchida por ele, transbordando com a essência masculina, apertou-o com força e chegou ao clímax.

— Isabel. Oh, Isabel. Sinto muito. Deixe-me fazê-la feliz. Dei-xe-me tentar.

— Gerard... — ela cobriu-lhe o rosto com beijos. — Isto é suficiente.

Na manhã seguinte, os convidados dos Hammond seguiram para um piquenique no bosque.

Gerard caminhava a alguns passos atrás de Isabel, admirando sua elegância e jovialidade. Ela usava um vestido de mus-selina com estampas florais e um laço de cetim nas costas, e chapéu de aba larga. O sorriso largo e os olhos brilhantes completavam a imagem que tanto o encantava.

Relutava em admitir que era a razão de tanto contentamento. Isso era surpreendente, pois, nunca antes se preocupara em agradar ninguém, só a ele mesmo. Também nunca fizera uma mulher feliz fora do ato sexual. Não tinha a menor idéia de como conseguira a façanha. Só sabia que continuaria a manter Isabel feliz, mesmo que tivesse que morrer por isso.

Acordar com os beijos dela... senti-la aconchegar-se em seus braços durante o sono... Era um tipo de intimidade que ele nem sabia que existia, mas que encontrara com sua esposa, a mulher mais bonita e mais maravilhosa do mundo. Não era merecedor de tanta felicidade, mas a recebera e faria tudo para torná-la duradoura.

Só queria mimar Isabel, fazê-la feliz também. E não ter usado o preservativo na noite anterior, fora uma falha imperdoável que não se repetiria. Não queria correr o risco de engravidá-la.

Olhando de lado, viu Trenton e observou:

— Você ainda parece melancólico. O ar puro do campo não lhe fez bem?

— Não. O meu mal não pode ser curado com ar fresco ou qualquer outra coisa.

— Que tipo de mal é esse?

— Do tipo feminino.

Rindo, Gerard disse:

— Espero estar desenvolvendo lentamente a cura para mim mesmo.

— Se Isabel descobrir que você está se engraçando com outra mulher...

Gerard parou e esperou os outros convidados passarem até ficar a sós com o cunhado.

— Que história é essa? Você a preveniu contra mim?

— Não, Grayson. Só disse para ela ser prática.

— Isabel é a mulher mais pragmática que eu conheço.

— Então, você não a conhece.

— Como assim? — Gerard recomeçou a caminhar. Acompanhando-o, Trenton sorriu e meneou a cabeça.

— Isabel é romântica. Sempre foi.

— Você está falando da minha esposa? A mulher que dispensa os homens quando se apegam demais?

— Amantes e maridos são completamente diferentes, você concorda? Isabel se apegará se você continuar no caminho atual. E as mulheres podem ser positivamente demoníacas quando seus afetos são recusados.

— Não tenho intenção de recusar o afeto de Isabel. Eu gosto dela, Trenton e quero fazê-la feliz.

— Excluindo as outras mulheres de sua vida? Nada a deixaria mais contente. Por alguma razão desconhecida, Isabel tem ilusões estranhas sobre amor e fidelidade no casamento. Certamente, não aprendeu com a nossa família! Talvez com os contos de fadas, não com a realidade.

Gerard olhou para Trenton com expressão ansiosa.

— Como posso conquistá-la? Com vinho e rosas? O que as mulheres consideram romântico?

— A mim você pergunta? — Trenton apertou os olhos. — Como posso saber? Jamais quis que uma mulher se apaixonasse por mim. Elas se tornam inconvenientes e fazem coisas igualmente inconvenientes.

Ao chegarem numa clareira, Gerard viu Isabel conversando animadamente com Hargreaves. Havia um ar de familiaridade na postura deles que não agradou a Gray.

Em seu íntimo, alguma coisa despertou queimando-o. Cerrou os punhos. Assim que o viu, Isabel foi rapidamente ao encontro dele.

— Por que demorou? — ela foi logo perguntando e pegando-o pelo braço num gesto possessivo.

A inquietação logo desapareceu e Gray respirou fundo. Que-ria ficar a sós com ela, conversar, como tinham feito na noite anterior ao retornarem aos aposentos.

Puxando-a delicadamente pelo braço, levou-a para longe dos demais convidados.

— Isabel, eu gostaria de levá-la para conhecer minha propriedade, amanhã.

— Oh, Gray, leve-me para onde você quiser!

Gerard sorriu. O duplo sentido não lhe passou despercebido. O dia estava lindo, seu casamento ia bem, ele estava com romance na mente e no coração. Nada poderia estragar sua alegria. Estava pronto para responder com o coração leve pela brincadeira de Isabel...

— Grayson.

A intrusão não poderia acontecer num momento pior. Soltando um suspiro resignado, ele se voltou para encarar a mãe.

— Sim?

— Você não pode continuar evitando os outros convidados. Você tem que participar da caça ao tesouro, logo mais à tarde.

— Certamente.

— E ao jantar desta noite.

— Claro.

— E à cavalgada marcada para amanhã.

— Sinto muito, mãe, mas não poderei participar da cavalgada —ele informou num tom gentil, nada comum nas conversas entre mãe e filho. — Passarei o dia com Isabel.

— Você não tem vergonha?

— Nenhuma. Pensei que a senhora soubesse disso.

Isabel conteve o riso e desviou o olhar.

— O que há de tão importante para você negligenciar os outros convidados?

— Vamos até Waverly Court amanhã cedo.

— Oh! — A marquesa-mãe exclamou com um brilho estranho no olhar. — Eu gostaria de ir com você. Faz muito tempo que não vou até lá.

Passado o momento de surpresa, Gerard assentiu.

— A senhora será bem-vinda.

As folhas caídas no caminho rangiam sob os passos das botas de lorde Trenton. De paletó verde-escuro, ele estava esplêndido. De novo, Abigail perguntava-se como um homem tão bonito e elegante poderia sentir-se atraído por ela, mas era evidente o interesse dele. E estava muito preocupada com o fato.

— Não estou nem um pouco interessado nessa caça ao tesouro — ele resmungou. — Por mim, eu a levaria até a clareira mais próxima e a beijaria da cabeça aos pés.

Abby não tinha a menor ideia do que responder. Decidiu olhar para o pedaço de papel com as instruções da brincadeira e disse:

— Temos que encontrar uma pedra lisa. Há um rio logo depois daquela curva.

— Esse seu vestido é perturbador.

— Perturbador? — Era um dos vestidos mais vaporosos, de musselina rosa claro com um cinto de cetim bordo, marcando a cintura alta. Escolhera-o só para agradá-lo, apesar de não ter seios fartos para tornar a vestimenta atraente.

— Com um simples toque, seus seios pularão fora e eu poderei sugá-los loucamente.

Abby estremeceu.

— Oh, céus! Você está ficando muito atrevido.

— Não tão atrevido quanto gostaria, Abby. Encostá-la numa árvore e erguer suas saias seria delicioso.

— Levantar minhas... — Ela cambaleou, sentindo o corpo reagir ante a imagem que as palavras de Trenton evocavam. — Mas estamos no meio do dia!

Perdido em pensamentos, Rhys continuou caminhando sem perceber que ela ficara para trás. Voltou-se e viu-a parada, emol-durada pela claridade que passava em meio à folhagem.

— Seus mamilos são diferentes à luz do dia? Seu cheiro se altera? E sua pele fica menos macia? Seu desejo menos ardente?

Ela meneou a cabeça, emudecida pelo espanto. Rhys parecia despi-la com seu olhar intenso.

— Partirei amanhã cedo, Abby. Não posso ficar aqui e continuar essa libertinagem com você. Ficar a sós com você é o mesmo que pedir ao lobo para vigiar os cordeiros. É perverso demais.

Abby desviou o olhar. O coração doía. Só esperava não demonstrar sua decepção.

— Entendo.

O que aquele homem possuía para atraí-la tanto?

Naquela manhã, depois que Rhys saíra sorratamente do seu quarto, ela refletira muito sobre isso. Por fim, concluíra que era a combinação de muitos fatores, alguns externos, como seu magnetismo e

charme. E outros internos, como achar graça nas novas descobertas dela sobre o relacionamento entre homens e mulheres. Com ele, não se sentia desajeitada. Sentia-se desejável, espirituosa, graciosa e inteligente. Rhys achava "maravilhoso" ela gostar de resolver equações científicas. E até beijara-lhe as pontas dos dedos manchadas de tinta, como se fossem raridades.

Rhys era tido como pessoa cansada e entediada, porém, sua energia estava apenas adormecida. E ela ansiava para ser o agente catalisador que lhe despertaria, mas sabia que, por conta de seu senso de dever para com o título, Rhys jamais lhe daria essa oportunidade.

Seria melhor se ele partisse.

— Será melhor mesmo que você vá embora.

Trenton fitou-a por um longo momento, lívido, incrédulo. De repente, pegando-a completamente desprevenida, abraçou-a e beijou-a desesperadamente.

— Você me deixa esquecer de mim mesmo — disse sem descolar seus lábios dos dela. — Vê-la me dispensar assim, com a maior frieza, me deixa louco.

— Alguma coisa o deixou mesmo louco — declarou uma voz familiar. — Só faltava você, Trenton, para estragar meu dia! — Grayson resmungou.

— Não sei o que dizer, Rhys! — Isabel exclamou.

— Vou levar a srta. Stewart para casa para vocês conversa-rem a sós — Gray murmurou, oferecendo o braço a Abby.

— Obrigada — Isabel agradeceu ao marido e, assim que os dois se afastaram, voltou-se para Rhys. — Você perdeu o juízo?

— Sim, Bella. Acho que sim. — Ele chutou a raiz de uma árvore que crescia acima do solo.

— Percebi que você estava aborrecido, mas usar essa criança como alívio para...

— Essa criança tem a mesma idade que seu marido! — ele revelou rispidamente, magoando-a.

— Oh! — Isabel mordiscou o lábio e começou a andar. Ultimamente, quase se esquecera da diferença de idade entre ela e Grayson. Na época do casamento, os comentários frisavam o fato de ser mais velha, mas conseguira ignorá-los. Agora, porém, estava partilhando a cama com um homem mais jovem.

Mas aquele não era o momento de pensar em diferença de idade.

— Nunca mais faça essa comparação, Rhys. — Ela ergueu o queixo. — Gray é um homem experiente, coisa que, obviamente, essa srta. Abigail não é.

— Você se ofende por nada, Bella! — ele resmungou.

— Ah! — Isabel balançou a cabeça e, depois, continuou num tom mais calmo. — Não me diga que

— Você já a levou para a cama, Rhys.

Trenton desviou o olhar. Seu silêncio foi mais eloqüente do que um discurso.

— Oh, meu Deus! — Parando, olhou para o irmão como se ele fosse um estranho. O Rhys que ela conhecia nunca se inte-ressara por garotas ingênuas. — Há quanto tempo isso vem acontecendo?

— Bem, eu a conheci naquele bendito café da manhã de lady Marley, ao qual você me obrigou a ir. — Ele apontou o dedo em riste para a irmã. — A culpa é toda sua!

Isabel piscou. Semanas. Não apenas aqueles dois dias na mansão Hammond.

— Estou tentando entender. Não concordar. Simplesmente compreender, mas não consigo.

— Não me peça para explicar, Bella. Tudo que sei é que não posso ficar perto dela sem que meu cérebro pare de funcionar. Eu me torno irracional.

— Com Abigail Stewart? — Isabel perguntou perplexa. Rhys fulminou-a com o olhar.

— Sim, com Abigail Stewart. Será que ninguém vê seu valor? Sua beleza?

Notando o rosto corado e os olhos brilhantes do irmão, Isabel sorriu.

— Você está apaixonado por ela?

A expressão de espanto de Rhys teria sido cômica se ela não estivesse tão aborrecida.

— Sinto desejo por Abby, admiração. Gosto de conversar com ela. Isso é amor? — Meneou a cabeça.

— Eu serei duque de Sandforth e devo considerar o ducado antes dos meus pró-prios desejos.

— Então, o que você estava fazendo sozinho com ela no jar-dim? Este recanto é passagem, e outros convidados poderiam tê-los surpreendido. E se fosse lorde Hammond? Que justifica-tiva você usaria por ter abusado de sua hospitalidade?

— Pare com isso, Bella! O que mais posso dizer? Eu errei e pronto!

— Você errou? — Isabel respirou fundo. — Por isso você veio? Para ficar com ela?

— Não. Eu nem imaginava encontrá-la aqui, juro. Queria apenas me distrair e não pensar tanto nela. Aliás, eu até per-guntei se você a conhecia quando aqui chegamos, lembra?

— Você espera que a garota se torne sua amante?

— Não! Nunca. Abby é muito parecida com você, cheia de sonhos de romance e amor no casamento. Não tenho o direito de tirar-lhe isso.

— Não, não tem. Mas você não pensou duas vezes antes de tirar-lhe a virgindade. — Isabel arqueou uma sobrancelha. — Ou ela não era mais virgem?

— Claro que era! Sou seu único homem!

Isabel não disse nada. O tom de posse e orgulho na voz dele era inconfundível.

Rhys friccionou a nuca.

— Partirei amanhã cedo. O melhor que tenho a fazer é ficar longe de Abby.

— Você não vai ouvir meu conselho, mas vou dá-lo assim mesmo. Considere cuidadosamente seus sentimentos pela srta. Abigail. Por ter conhecido a felicidade e o desespero nos meus casamentos, recomendo com toda a convicção que procure uma esposa com quem você goste de conviver, de passar o tempo.

— Você aceitaria uma americana como duquesa de Sandforth? — ele indagou quase com incredulidade.

— Mude seu modo de pensar, Rhys. Ela é neta de um conde. E sinceramente, deve haver alguma coisa de extraordinário nessa moça para você ter perdido a cabeça, como perdeu. Se pensar assim, tenho certeza de que você revelará ao mundo esse outro lado dela que você tanto admira.

Ele meneou a cabeça.

— Tudo isso é um romantismo absurdo, Bella.

— Certamente ser prático nas escolhas é uma decisão sensata quando o coração não estiver envolvido. Porém, se estiver, penso que se deve pesar cuidadosamente essas questões adicionais.

Com o cenho franzido, Rhys olhou para o caminho que Grayson e Abigail tinham seguido.

— Nosso pai ficou muito furioso quando você escolheu Pelham?

— Não tão furioso como quando me casei com Grayson, mas ele aceitou. — Isabel pousou a mão no ombro do irmão. — Não sei se para seu consolo ou seu sofrimento, mas acho que ela o adora.

Estremecendo, ele ofereceu o braço à irmã.

— Eu também não sei como me sinto diante de tudo isso. Venha. Vamos voltar para casa. Preciso pedir ao meu valete que faça minhas malas.

Parado na porta entre o quarto e a pequena sala de estar, Gerard observava Isabel olhar para o relógio sobre a lareira, bater impacientemente o pé e resmungar uma imprecisão.

— Que linguagem mais imprópria para uma dama! — ele disse, contente por perceber que ela sentia sua falta. — Já me deixa animado para o sexo.

Isabel encarou-o com expressão séria.

— Tudo o que deixa animado para o sexo!

— Não. — Ele entrou no quarto sorrindo. — Apenas o que diz respeito a você me deixa animado.

— Devo entender sua aparência desalinhada e a longa ausência como um sinal?

Com o dedo indicador, ele apontou a protuberância acen-tuada sob a calça.

— Este sinal é a prova que meu interesse é só por você. — Depois, levantou a mão que estava escondida atrás das costas, exibindo um botão de rosa vermelha, perfeito, com o cabo com-prido. — Mas penso que você achará isto mais romântico.

Pelo brilho dos olhos dela, Gerard percebeu que acertara. Conhecia aquele olhar. Era o olhar apaixonado das jovens de-butantes que o perseguiram por anos. Agora, o olhar vinha de Isabel, sua amiga e a mulher que ele desejava desesperadamen-te. Tudo que ele nunca compreendera sobre namoro, de repente, tornava-se claro como o dia. Até poderia faltar-lhe finesse, mas sempre fora honesto com Isabel.

— Quero cortejá-la, conquistá-la, deslumbrá-la.

— Como você pode ser tão rude num momento e, em segui-da, ser tão encantador?

— Mas eu consigo não ser encantador em algum momento? — Ele bateu a mão no peito. — Oh, que desgosto!

— Tanto esforço por minha causa, e fora da cama! Qualquer garota desmaiaria.

— Fique à vontade, milady. Eu a acudirei.

A risada de Isabel fez com que o mundo se alegrasse de novo. E era assim desde o momento em que a conheceu.

— Você sabia que ao vê-la, vestida ou despida, dormindo ou acordada, sempre me acalma?

Isabel pegou a rosa e cheirou-a.

— "Calma" não é uma palavra que combina com você.

— Não? Que palavra você escolheria?

Enquanto ela foi até a mesa para colocar a rosa num vaso, Gray tirou o paletó. Uma leve batida na porta surpreendeu-o. Depois, ouviu-a pedir ao criado que providenciasse água quen-te para o banho dele. Sorriu. Isabel pensava em tudo!

— Formidável — ela respondeu assim que ficaram a sós no-vamente. — Irresistível. Determinado. Implacável. São descri-ções que lhe assentam melhor. — Parando na frente dele, co-meçou a abrir os botões do colete. — Ardente. — Ela mordiscou o lábio inferior. — Sedutor. Definitivamente, sedutor.

— Casado?

Ela levantou a cabeça e encarou-o.

— Sim. Definitivamente, casado. — Acariciando-lhe o peito e os ombros, puxou o colete.

— Encantado — Gray murmurou, inebriado pelo perfume e com as atenções. — Encantado descreve perfeitamente como me sinto em relação a você, Pel. Cativo.

— Você não acha estranha essa súbita fascinação que senti-mos um pelo outro?

— Súbita? Não me lembro de ter algum dia pensado que você não era perfeita para mim.

— Sempre achei você perfeito, mas nunca pensei que era perfeito para mim.

— Claro que pensou, se não jamais teria se casado comigo. — Ele roçou seus lábios nos dela. — Mas não imaginou que eu era perfeito para o amor, o que sou.

— Realmente, temos o que fortalece nossa autoconfiança.

— Deixe-me beijá-la, Pel. Quero apagar todas as marcas dos outros beijos que você já experimentou.

— Com a ponta da língua, contornou os lábios entreabertos. — Quero dar-lhe o primeiro beijo.

— Gerard... — Ela estremeceu.

— Não tenha medo.

— Como evitar? Você está me destruindo.

Abraçou-a forte e os corpos se amoldaram. Inebriado pelo perfume de flores exóticas, pelo desejo que ela lhe despertava, Gerard não teve mais dúvidas. Amava Isabel mais que tudo. Sentiu o calor das lágrimas dela, e compreendeu o que ela ainda não podia dizer.

Depois do beijo longo e apaixonado, Isabel murmurou com a voz embargada:

— Obrigada pela rosa. Nunca tinha recebido uma flor colhi-da especialmente para mim.

— Eu teria colhido centenas para você — ele murmurou, lembrando dos espinhos e das imprecizações na escuridão da noite. — Milhares.

— Meu querido. Uma é mais do que suficiente. E a perfeição.

Capítulo V

Para Isabel, a viagem a Waverly foi agradável, apesar da presença da marquesa-mãe. O orgulho de Gray ao mostrar-lhe a propriedade era óbvio. O fato de partilharem o dia, o lugar e construírem novas lembranças, só fazia fortalecer os novos laços que os uniam. Ouvia com atenção tudo o que ele falava com voz grave, observando o brilho dos olhos dele e sua expressão animada.

Gray estava muito diferente do jovem que a deixara anos antes. Aquele homem morrera com Emily. O marido que tinha agora era só seu e nunca entregara o coração para outra mulher. Apesar de Gray nunca ter confessado em voz alta, desconfiava que ele a amava.

A certeza tornou o dia mais brilhante, seu coração mais leve, seus passos mais seguros. Ligados pelo amor, poderiam vencer todas as dificuldades. O verdadeiro amor significava aceitar a pessoa com todos os seus defeitos. Esperava sinceramente que Grayson a aceitasse, apesar de seus erros e defeitos.

A carruagem parou diante de Waverly Park. Isabel desceu, preparando-se para conhecer os empregados. Naquele dia, a formalidade adquirira novo significado. No passado, não se sentia realmente a marquesa de Grayson. Embora não tivesse dificuldades para assumir a posição para a qual fora educada, nunca antes sentira a satisfação que sentia agora.

No decorrer do dia, percorreu a mansão com a eficiente go-vernanta e notou a deferência que todos dedicavam à mãe de Grayson. Com naturalidade, a marquesa-mãe elogiava os cria-dos, apesar da dificuldade em fazer o mesmo com os filhos.

Depois, Isabel e a sogra sentaram-se na sala da família para o chá. A decoração da sala, apesar de antiga, era de bom gosto, em tons de dourado forte e amarelo pálido. Elas conseguiram manter uma conversa civilizada sobre a administração daquela casa. Por pouco tempo.

— Isabel — a marquesa-mãe começou num tom assustador. — Grayson está determinado a transformá-la sua marquesa, em todos os sentidos.

Erguendo o queixo, Isabel enfrentou-a.

— Estou igualmente decidida a empenhar-me ao máximo para honrar essa posição.

— Inclusive descartando seus amantes?

— Minha vida particular não lhe diz respeito, milady. Entretanto, asseguro-lhe que meu casamento é sólido.

— Entendo. — O sorriso da marquesa-mãe não se refletiu nos olhos. — Grayson não se preocupa com a possibilidade de não gerar um herdeiro?

Isabel parou no ar com um pedaço de biscoito na mão.

— Como disse, milady?

A mãe de Grayson fitou-a com os olhos apertados.

— Grayson não se opõe à sua decisão de não querer filhos?

— O que a leva pensar que não quero filhos?

— Sua idade avançada.

— Sei a minha idade — Isabel retrucou rispidamente.

— Você nunca demonstrou desejo de ser mãe.

— Como sabe disso? A senhora nunca me perguntou nada!

A marquesa-mãe colocou a xícara e o pires na mesa antes de perguntar:

— Você quer ter filhos?

— Acredito que todas as mulheres têm esse desejo. Não sou exceção.

— E bom ouvir isso.

Olhando para a mulher à sua frente, Isabel tentou manter a calma.

— Isabel. — A voz de Gray foi um bálsamo.

Voltou-se com um sorriso radiante. Gray tinha o cabelo des-penteado pelo vento e o rosto corado. Era o homem mais bonito que já vira. Sempre fora. Mas ao fitá-lo com os olhos cheios de amor, a emoção era mais intensa.

— Sim, milorde.

— A esposa do vigário deu à luz seu sexto filho hoje. — Es-tendeu-lhe a mão e puxou-a. — Alguns amigos se reuniram para comemorar. Alguns levaram seus instrumentos, outros le-varam a comida. Gostaria que me acompanhasse.

— Oh. Gray, eu adorarei!

— Posso ir também? — a mãe perguntou, levantando-se.

— Duvido que a senhora se divertirá. — Ele ergueu os om-bros. — Mas se quiser ir, não me oponho.

— E só o tempo de refrescar-me — Isabel avisou. — Voltarei num instante.

— Demore o tempo que quiser. Vou mandar preparar a charrete.

Isabel afastou-se com a costureira graça. Gray fez menção de segui-la, mas a mãe segurou-o pelo braço.

— Como você vai saber se o filho que ela espera é seu?

Gerard sentiu um calafrio. Depois, voltou-se devagar.

— Do que a senhora está falando?

— Você não está acreditando que ela lhe será fiel, não é? Quando ela engravidar, toda a sociedade se perguntará quem é o pai.

Ele suspirou.

— Uma vez que Isabel nunca ficará grávida, essa sua fantasia jamais se realizará.

— Como assim?

— A senhora entendeu muito bem. Depois do que aconteceu com Emily, não me arriscarei a enfrentar tudo de novo. O filho mais velho de Michael ou de Spencer herdará o título. Não co-locarei Isabel em perigo sem necessidade.

A marquesa-mãe piscou e, depois, sorriu.

— Entendo.

— Espero que entenda mesmo. — Apontando-lhe o dedo em riste, fitou-a com os olhos apertados. — E nem pense em culpar minha esposa por isso. A decisão foi minha.

A mãe concordou com uma docilidade incomum.

— Entendi perfeitamente.

— Ótimo. — Grayson andou em direção à porta. — Sairemos logo. Se quiser ir conosco, fique pronta.

— Fique tranquilo, Grayson. Não perderei essa celebração por nada neste mundo!

Havia uma pequena multidão no gramado da casa do vigá-rio. Debaixo de duas árvores frondosas, algumas pessoas dan-çavam ao som de instrumentos musicais, enquanto outras con-versavam e riam animadamente.

Isabel foi recebida com simpatia e amizade, e retribuía os cumprimentos com seu sorriso encantador.

Grayson, por sua vez, conversava com todas as pessoas, in-dagando sobre suas famílias e vizinhos. Erguia as criancinhas no ar, brincava com as maiores e fazia elogios às adolescentes.

Isabel admirava essa faceta do marido que ela não conhecia. Cada gesto dele a emocionava. Seu peito vibrava de amor e esperança. O entusiasmo inocente que sentira por Pelham não era nada, nada, comparado à alegria madura que encontrava com Grayson.

— O pai dele tinha o mesmo carisma — a marquesa-mãe murmurou ao lado dela. — Meus outros filhos não são assim, e receio que suas esposas acabem destruindo o pouco que eles herdaram dessa

característica. É uma pena que Grayson não possa transmitir esse dom para seus descendentes.

Envolvida no clima de alegria, Isabel decidiu ser mais tole-rante com a sogra.

— Quem poderá antecipar a personalidade de uma criança que ainda nem foi concebida?

— Já que Grayson me garantiu ainda há pouco que não tem intenção de engravidá-la, penso que posso afirmar com toda a segurança que ninguém herdará dele essa e outras características.

Isabel encarou-a. Com o rosto meio encoberto pela aba do chapéu, a marquesa-mãe não revelava a amargura e feiúra in-terior que sufocavam os traços bonitos de seu rosto. Isabel, po-rém, sabia do que ela era capaz com tanta dissimulação.

— Do que a senhora está falando?

— Cumprimentei Grayson pela decisão de dedicar-se à pre-servação do título. — Ela inclinou a cabeça, escondendo os olhos, mas ainda revelando as linhas irônicas dos lábios. — Ele se apressou em afirmar que Emily seria a única mulher a carre-gar no ventre um filho seu. Ele a amava, e ela é insubstituível.

Isabel sentiu um frio no estômago ao lembrar da felicidade de Grayson ao saber da gravidez de Emily. E desde que retor-nara, mesmo nos momentos de maior arrebatamento, ele nunca mencionara a vontade de ter filhos com ela. A preocupação dele em usar preservativo ou interromper o ato sexual antes de che-gar ao clímax eram fatos incontestáveis.

— A senhora está mentindo.

— Por que eu mentiria sobre algo que poderá ser facilmente esclarecido? — a marquesa-mãe perguntou num tom de ino-cência. — Realmente, Isabel, vocês formam o casal mais descombinado que já vi. Claro, você pode esquecer o sonho de ter filhos seus e conviver com o fato de o herdeiro de Grayson vir do ventre de outra mulher. Depois, é só continuar vivendo e fingindo que está tudo bem.

A vontade de Isabel era de gritar como um animal feroz. Mas conteve-se e, erguendo os ombros, conseguiu sorrir.

— Terei grande prazer em provar que está errada, milady. Com licença.

Afastando-se, procurou refúgio atrás de uma árvore. Ali, lon-ge dos olhares maldosos da sogra, encostou-se no tronco. Tre-mendo, juntou as mãos e respirou fundo. Não poderia voltar descontrolada à reunião.

— Isabel?

Assim que Grayson chegou perto, ela percebeu seu olhar preocupado.

— Sim, milorde?

— Tudo bem? Você está tão pálida!

Ela fez um gesto evasivo com a mão.

— Sua mãe está destilando veneno de novo. Mas já passou.

— O que ela lhe disse?

— Mentiras, mentiras e mais mentiras. O que mais lhe restou? Você e eu estamos nos entendendo às mil maravilhas, dormi-mos na mesma cama. Portanto, o único recurso para me magoar é a questão de filhos.

Gray ficou visivelmente tenso.

— Como a questão de filhos? — ele arriscou.

— Ela garante que você não quer ter filhos comigo.

Ele ficou imóvel por um longo momento, depois, meneou a cabeça. Isabel sentiu o coração disparar.

— É verdade? — Ela levou a mão ao peito. — Gerard? — insistiu ante o silêncio dele.

— Quero dar-lhe coisas — ele respondeu evitando olhá-la. — Todas as coisas. Tudo. Quero fazê-la feliz, Pel.

— Mas sem filhos?

Os maxilares dele se contraíram.

— Por quê? — ela gritou.

Finalmente sustentando o olhar da esposa, disse:

— Não quero perdê-la. Não posso perdê-la. Arriscá-la aos perigos de um parto não é uma boa opção.

Cambaleando, Isabel cobriu a boca com a mão.

— Pelo amor de Deus, Isabel, não me olhe assim! Podemos ser felizes apenas nós dois!

— Podemos? Lembro de sua alegria ao saber da gravidez de Emily. Lembro de sua exuberância. Quero lhe proporcionar essa alegria.

— Você lembra também do meu sofrimento? — ele se defen-deu. — O que sinto por você é maior que tudo que senti por qualquer outra pessoa. Perdê-la será minha destruição.

— Você acha que sou muito velha.

— Não, Pel. Não tem nada a ver com idade.

— Tem, sim. — Ela se afastou, mas Grayson segurou-a pelo braço.

— Prometo que serei suficiente. Posso fazê-la feliz.

— Solte-me. Preciso ficar sozinha.

Encarando-o, Isabel viu nos olhos dele frustração, medo e uma ponta de raiva. Não que isso a afetasse. Estava entorpecida, como se tivesse recebido um golpe mortal.

Sem filhos.

Ela puxou o braço que ele ainda segurava.

— Não posso deixá-la ir assim, Isabel.

— Não há escolha, Gray. Você não pode me segurar à força na frente de toda essa gente.

— Então vou com você.

— Quero ficar sozinha — ela repetiu num tom que não admitia contestações.

Gerard olhou para a esposa e sentiu uma distância tão grande que dificilmente conseguiria transpor. Uma sensação de pânico fez seu coração bater mais forte e a respiração faltar.

— Isabel, por favor, você nunca comentou que queria ter filhos.

— Isso foi antes de nos decidirmos por um casamento de verdade.

— Como eu poderia adivinhar que você mudou de idéia?

— Foi tolice minha mesmo. — Os olhos dela pareciam setas incendiárias. — Eu deveria ter perguntado: "A propósito, milorde, antes de apaixonar-me por você e desejar ter filhos, gostaria de saber se faz alguma objeção".

Antes de apaixonar-me por você...

Em outro momento, aquelas palavras o teriam levado às alturas.

— Isabel... — Suspirando, Gray tentou abraçá-la. — Eu te amo.

Ela balançou freneticamente a cabeça.

— Não. — Empurrando-o, continuou. — Essa é a última coisa que quero ouvir de você. Eu queria ser sua esposa em todos os sentidos. Estava disposta a tentar, mas você me recusa a oportunidade. Não temos mais nada, Grayson. Nada!

— Que diabos você está falando? Temos um ao outro!

— Não, não temos. Éramos amigos, não somos mais. É impossível voltar no tempo. E agora... — Ela conteve um soluço. — Não posso fazer amor com você, portanto, o casamento acabou também.

— O quê!? — Gerard sentiu-se gelar.

— Eu ficaria magoada todas as vezes que você se protegesse com o preservativo ou interrompesse o

ato sexual para não dei-xar suas sementes em mim. Sabendo que você não permitirá que eu carregue seu filho...

Segurando-a pelos ombros, Gerard tentou fazê-la voltar à razão. Isabel defendeu-se com um pontapé na canela. Surpreso, e gemendo de dor, ele a soltou.

Isabel correu para a charrete, e ele a seguiu. Assim que ela subiu na carruagem, a marquesa-mãe bloqueou-lhe a passagem.

— Bruxa! — ele vociferou. Segurando-a pelo cotovelo, em-purrou-a. — Quando eu for embora hoje, vou deixá-la aqui.

— Grayson!

— A senhora gosta desta propriedade, portanto, pare de me olhar com essa cara de horror. — Ele se inclinou, e a mãe se enco-lheu. — Guarde seu horror para o dia que me vir novamente. Reze para que esse dia nunca chegue porque se Isabel não me aceitar de volta, nem Deus a salvará de minha ira!

Assim dizendo, ele seguiu a charrete a pé.

Quando, finalmente, chegou à mansão, Isabel já havia par-tido de carruagem.

Lutando contra o medo de tê-la perdido, selou um cavalo e partiu para a mansão dos Hammond.

Rhys esperava no corredor da ala onde se localizava o quarto de Abby. Andava nervosamente de um lado para outro, ajei-tando a gravata, alisando o cabelo, mas nunca afastava os olhos da porta. Sua carruagem esperava no pátio da mansão e os cria-dos estavam ajeitando sua bagagem. O tempo estava passando. Queria partir logo, mas recusava-se a ir sem antes falar com Abigail.

Tentara a manhã toda, mas ela simplesmente o evitara. Apressara-se a sentar ao lado dela à mesa do café da manhã, mas Abby deliberadamente acomodara-se entre outros convi-dados, longe dele. Ela nem se preocupava em disfarçar que o estava evitando.

Soltando ruidosamente o ar pela boca, ouviu o clique da fe-chadura e, em seguida, viu Abby saindo do quarto.

— Abby. — Aproximando-se, percebeu o brilho de satisfação nos olhos dela, antes de desviá-los.

Rhys comprimiu os lábios. A garota estava brincando. Di-vertia-se com seu desespero. Fazê-lo apaixonar-se e, depois, descartá-lo! Não, aquilo não ficaria assim.

— Lorde Trenton. O que está fazendo... Oh!

Segurando-a pelo cotovelo, Rhys arrastou-a até a escada de serviço. Parou no hall minúsculo e fitou-a, notando os lábios meio abertos. Antes que ela pudesse reagir, beijou-a desespe-radamente, ansiando pela reação dela.

Quando, finalmente, Abby rendeu-se ao beijo, correspon-dendo com a mesma avidez, Rhys conteve-se para não soltar um grito de triunfo. Abby tinha gosto de creme e mel, um sabor simples que lhe

despertava os sentidos. Sua angustia dissipou-se e, de repente, o mundo ficou melhor e mais alegre.

— Você vai se casar comigo — ele declarou num tom sério. Abby suspirou e continuou de olhos fechados.

— Por que você tem que estragar uma despedida perfeita com tamanho absurdo?

— Não é absurdo.

— É, sim — Abby insistiu, agora sustentando o olhar incrédulo dele. — Não aceitarei. Portanto, assunto encerrado.

— Você me quer.

— Para sexo.

— Já é suficiente. — Não era, mas se ele a tivesse sempre em seus braços, talvez, recuperasse a habilidade de raciocinar. E, a partir do momento que conseguisse pensar de novo, poderia planejar como conquistá-la. Seria apenas uma questão de tempo.

— Não, não é suficiente, Rhys.

—Você tem idéia de quantos casamentos são realizados sem paixão?

— Tenho. — Ela pousou a mão no peito dele. — Porém, não acredito que a paixão será suficiente para suportar os comentários provocados pelo fato de você se casar com uma americana.

— Ao inferno com os comentários! Entre nós há muito mais que paixão, Abby. Nós nos damos muitos bem. Gostamos de ficar juntos, até mesmo fora da cama. E ambos gostamos de jardins!

Ela sorriu e o coração dele bateu mais forte.

— Quero amor, Rhys. Não me casarei por menos. — Seus lábios tremeram. — Não quero arriscar. Preciso sentir que amo e sou amada para ser feliz.

— Abigail. — Ele não poderia conquistar seu coração se ela não lhe desse uma oportunidade de provar seu amor.

Naquele momento, uma porta se abriu e eles ouviram as vozes de duas criadas se aproximando.

— Adeus, milorde — Abby murmurou, beijando-o de leve nos lábios. — Reserve aquela dança para mim.

Ela se afastou e, de repente, não estava mais ali, deixando-o com uma imensa sensação de vazio nos braços e no coração.

Ao descer no pátio da mansão Hammond, Isabel viu a caruagem de Rhys preparando-se para partir. Depois do tanto que chorara pelo fim de seu casamento e de seus sonhos, precisava do ombro amigo do irmão.

— Rhys!

Ele se voltou com o cenho franzido, uma das mãos na cintura e a outra coçando a nuca.

— Bella? Você não ia passar o dia fora? O que aconteceu? Você está chorando?

— Vou voltar para Londres com você. Estarei pronta num minuto.

Olhando ao redor, ele perguntou:

— Onde está Grayson?

Ela balançou a cabeça e recomeçou a chorar.

— Eu contarei no caminho. Só vou me refrescar e chamar minha criada.

Rhys resmungou alguma coisa e ajeitou a gravata.

— Apresse-se, por favor. Não quero ser indelicado, mas você tem apenas dez minutos, Bella.

Assentindo, Isabel correu para dentro. Tudo que levava não poderia ser empacotado em dez minutos. Apenas lavou o rosto e pegou o absolutamente necessário para a longa viagem. De-pois, escreveu um bilhete para Grayson pedindo-lhe que levas-se o restante de seus pertences.

A qualquer momento, seu marido irromperia naquele quar-to, e a ansiedade provocou-lhe mal-estar. Sentia falta de ar, pul-sação acelerada, tontura. Seu mundo estava rodopiando sem o apoio seguro que imaginara ter encontrado com Gray. Tudo que estava acontecendo era por sua culpa. A realidade estava ali, bem diante de seus olhos — era muito velha para Gray e ele não confiava que seu corpo pudesse dar-lhe os filhos que dese-java. Se ela fosse mais jovem, duvidava que ele temesse tanto por sua saúde.

— Vamos — disse a Mary, e elas seguiram o lacaio que levava sua valise para a carruagem.

Rhys esperava-a com impaciência.

— Você demorou uma eternidade! — ele resmungou, gesti-culando para Mary subir na carruagem destinada aos empre-gados. Depois, pegando no braço de Isabel, praticamente em-purrou-a para a carruagem dele.

— Que nervosismo é esse, Rhys? Aconteceu alguma coisa?

— Quero ir embora imediatamente, Bella. Pedi a srta. Stewart em casamento e ela recusou.

— A srta. Stewart? E por que ela recusou seu pedido de ca-samento? Afinal, você é o futuro duque de Sandforth!

— Ela diz que não me ama, que só me queria para... Bem, você sabe, não é, Bella?

— Oh, Rhys...

Nesse instante, Abby surgiu do nada e correu para Rhys.

— Eu pensei melhor e decidi que ainda temos muito a con-versar.

— Não, Abby, não temos mais nada para conversar. Não vou ficar aqui implorando o seu amor.

Da janela da carruagem, Isabel via o desespero do irmão, momentaneamente esquecida da própria tristeza.

— Você não precisa implorar o meu amor, Rhys. Ele é seu. Eu te amo!

Rhys quase caiu para trás.

— O quê? Você disse que só me queria... Maldição! Você mentiu para mim?

— Desculpe.

— Então, por que rejeitou meu pedido de casamento?

— Você nunca disse que me amava.

— Você acha que eu me casaria com você se não a amasse, sua maluquinha? Meu Deus! — Ele a segurou pela cintura e ergueu-a no ar. — Você vai me deixar louco!

— Diga de novo — Abby pediu com os lábios colados nos dele.

— Eu te amo.

Isabel desviou o olhar.

— Pode tirar a bagagem dele — disse a um criado. Depois, acomodou-se no banco, recostou a cabeça e fechou os olhos, deixando as lágrimas correrem livremente pelo rosto.

— Bella.

Ela abriu os olhos e fitou o irmão.

— Quero ficar sozinha, Rhys. Ficar aqui fingindo uma alegria que não sinto seria uma verdadeira tortura.

— Afinal, o que aconteceu entre você e Grayson? Ele foi tão sincero ao dizer que só queria a sua felicidade. Acreditei nele.

— Você está apaixonado. Prometa-me que colocará seu amor acima de tudo. E nunca subestime a srta. Abigail.

Rhys ergueu as sobrancelhas.

— Por favor, Bella, não fale por enigmas. Sou homem e não entendo a linguagem feminina.

— Faça as coisas direito. Fale com os Hammond e lute pelo seu amor. — Ela apertou-lhe a mão. — Preciso ir antes que Grayson chegue. Conversaremos mais quando você voltar a Londres com sua noiva. Apresente minhas desculpas a lorde e lady Hammond, por favor.

Isabel fechou a porta da carruagem e deu o sinal para o co-cheiro partir.

Gerard desmontou na porta dos Hammond e entregou as rédeas ao espantado cavaleiro. Ignorando as regras de etiqueta e de decoro, entrou e subiu as escadas correndo em direção aos seus aposentos.

Mas não encontrou Isabel. Apenas o bilhete pedindo que sua bagagem fosse enviada para casa.

Sentou na poltrona e escondeu o rosto com as mãos. Imaginava o sofrimento de Isabel, sua mágoa, sua tristeza. Por mais que pensasse, não conseguia entender o que acontecera com a felicidade que tinham partilhado ao acordarem, naquele mes-mo dia.

— O que houve? — indagou uma voz vinda da porta entreaberta.

Levantando a cabeça, Gerard deparou-se com Trenton apoiado no batente da porta.

— Gostaria de saber. — Ele suspirou. — Você sabia que Isabel queria filhos?

Trenton ergueu levemente os ombros.

— Não me lembro de ter comentado esse assunto com ela, mas não vejo razão para não querer. Bella tem forte inclinação para o romantismo. Não imagino uma mulher achando alguma coisa mais romântica do que uma família.

— Como não percebi antes?

— Não tenho idéia. Por que o problema é ter ou não filhos? Certamente você também quer. — Trenton entrou no quarto e sentou-se de frente para o cunhado.

— A mulher que eu amei morreu no parto — Gerard murmurou, girando a aliança no dedo.

— Ah, sim, lady Sinclair.

— Como posso esquecer essa experiência tão dolorosa? Tre-mo só de pensar em Isabel correndo o mesmo risco! Eu morreria sem ela.

— Ah, entendo. — Trenton reclinou-se na poltrona e cruzou as pernas. — Perdoe-me por discutir um assunto tão delicado, mas não sou cego. Desde que você voltou para casa, tenho notado hematomas em Isabel. Marcas ocasionais de mordidas. Arranhões. Eu me arriscaria a dizer que você não é um homem de apetite muito moderado. E em algum momento, você passou a acreditar que ela seria capaz de suportar a intensidade de seu ardor.

— Ora se não é um assunto desconfortável para se discutir! — Gerard resmungou.

— Estou errado? — Trenton provocou-o. E só depois que Gerard negou com um gesto de cabeça, continuou: — Se não me falha a memória, lady Sinclair era uma mulher de complexão delicada,

completamente diferente de Bella.

Respirando fundo, Gerard fechou os olhos. Isabel era uma leoa. Emily fora uma gatinha. O pôr-do-sol e o nascer do sol. Opostas em todos os sentidos.

— Hoje em dia, as mulheres sobrevivem ao parto, Grayson. Mulheres com menos fibra que nossa Isabel.

— Isso é verdade — Gray concordou. Mas enquanto seu cérebro pensava racionalmente, o coração só sabia da insensatez do amor.

— Se eu a perder, não sei o que será de mim.

— Parece-me que você já está a caminho de perdê-la. Não seria melhor tentar reconquistá-la do que ficar de braços cruzados e perdê-la de vez?

A lógica do pensamento era inegável. Se não agisse logo, perderia Pel.

— Posso pedir-lhe um favor, Trenton? Poderia emprestar-me sua carruagem?

— Não é preciso. Pel foi com a minha.

— Por quê?

— Já estava atrelada e pronta no pátio. Eu ia voltar para Londres, mas decidi ficar. — Rhys balançou as mãos espalmadas. — Não, não me pergunte nada. É uma longa história e se você pretende chegar em casa antes de o dia amanhecer, é melhor ir logo.

Gerard considerou a distância até a janela do segundo andar de sua residência em Londres, inclinou o corpo para trás e atirou uma pedra na vidraça. Esperou um segundo e atirou outra.

O dia estava começando a clarear, transformando o azul-acinzentado em rosa pálido. Gerard lembrou de outra manhã, outra janela. Mas o objetivo era o mesmo.

Foram muitas pedras antes de conseguir o resultado desejado. Finalmente, a vidraça foi aberta e Isabel apareceu, despen-teada e sonolenta.

— O que está fazendo, Grayson? — ela perguntou com aquela voz suave e rouca que ele adorava. — Já vou avisando que não estou com ânimo para recitar Shakespeare.

— Ainda bem!

Aparentemente, Isabel também guardara as lembranças daquela manhã distante. Ele sorriu. Então, havia esperanças!

Com um suspiro forte e audível, ela sentou no assento da janela e esperou em silêncio. Não era surpresa ver homens atirando pedras em sua janela. Durante toda a sua vida adulta, sempre houvera homens tentando entrar em seu quarto.

Com a luz do novo dia iluminando o rosto amado, Gray pôde notar-lhe o olhar triste e o nariz avermelhado. Sem a menor dúvida, Isabel chorara muito e a culpa era dele.

— Isabel. — Sua voz era uma súplica. — Deixe-me entrar. Está frio aqui fora.

O cabelo solto caía nos ombros e, pelo arfar suave dos seios, Gray percebeu que ela estava nua sob a camisola. O efeito da imagem em seu corpo foi tão previsível quanto imediato.

— Há motivo para você não entrar? Que eu saiba, esta é a sua casa.

— Não estou falando da casa, Pel, mas de seu coração.

Ela virou o rosto.

— Por favor. Deixe-me explicar. Deixe-me fazer as coisas certas. Preciso fazer tudo certo.

— Gerard — ela murmurou num tom quase inaudível.

— Eu te amo desesperadamente, Isabel. Não posso viver sem você.

Ela cobriu os lábios com a mão trêmula. Gray aproximou-se mais da casa, todas as células de seu corpo ansiando por ela.

— Juro fidelidade a você, minha mulher. Não pelas minhas necessidades, como fiz antes, mas pelas suas. Você tem me dado demais: amizade, alegria, aceitação. Você nunca me julgou e nem me condenou. Quando eu não sabia quem eu era, você me aceitou da mesma forma. Quando faço amor com você, eu me realizo e não desejo mais nada.

— Gerard.

Seu nome, pronunciado num murmúrio triste, tocou-o profundamente.

— Vai me deixar entrar? — ele implorou.

— Por quê?

— Quero me dar inteiro para você. Quero lhe dar tudo, inclusive filhos.

O longo silêncio de Isabel foi uma verdadeira tortura. Gray esperou com a respiração presa.

— Concordo em conversar. Só conversar. Nada mais.

Ele soltou ruidosamente a respiração.

— Se você ainda me amar, podemos resolver tudo da melhor maneira.

Isabel estendeu o braço.

— Venha.

Gerard não pestanejou. Correu para a porta e, depois, subiu a escada desesperado para abraçar a esposa e levá-la para a cama. Mas ao entrar nos aposentos, parou de repente. A imagem que surgiu diante de seus olhos era de lar, apesar do clima tenso que pairava entre ele e Isabel.

O fogo ardia na lareira de mármore, a tenda de cetim branco no teto, e Isabel parada diante da janela, suas curvas encobertas pela camisola de seda vermelha. Uma cor excelente para sua esposa, cuja sensualidade exigia uma cor atrevida. Aquele quarto, onde tinham passado tantas horas conversando e rindo, era o cenário perfeito para o novo começo. Ali, poderiam derrotar os demônios íntimos que tanto contribuíram para a separação.

— Senti sua falta, Pel. Longe de você, sinto-me muito sozinho.

— Também senti sua falta — ela admitiu. — Mas, de repente, me pergunto se, algum dia, eu tive realmente você. Penso que, talvez, uma parte de você ainda esteja ligada a Emily.

— Como você continua ligada a Pelham? — Ele tirou o sobretudo, depois o paletó, ganhando tempo, pois, percebera o olhar ressentido de Isabel. Voltando-se, fitou o retrato de Pelham. — Você e eu fizemos escolhas desacertadas muito cedo na vida, e continuamos sendo aterrorizados por elas.

— Sim, talvez, estejamos nos destruindo um ao outro. — Devagar, ela foi até a chaise longue e sentou-se.

— Eu me recuso a acreditar nisso. Há uma razão para tudo. — Gerard jogou o colete numa cadeira, e agachou-se na frente da lareira, atizando o fogo e alimentando-o com mais carvão.

— Acho que se eu não tivesse conhecido Emily, não teria como reconhecer que você é a mulher certa para mim.

Ela riu.

— Você só achou que sou a mulher certa depois que desisti da maternidade.

— E você — Gray continuou, ignorando-a. — Duvido que corresponderia à minha paixão incontrolável se não tivesse sido seduzida por Pelham.

O silêncio que se seguiu foi tenso, mas sugestivo. Grayson sentiu que a ponta de esperança se expandia em seu coração, aquecendo-o como as brasas da lareira. Levantou-se.

— Portanto, penso que está na hora de reduzirmos nosso casamento de quatro pessoas para uma união mais íntima de apenas duas pessoas.

Voltou-se e viu Isabel sentada ereta na chaise, o rosto pálido, os olhos cheios de lágrimas, os dedos entrelaçados, apertados. Aproximou, sentou-se aos pés dela, e segurou-lhe as mãos entre as suas.

— Olhe para mim, Pel. — Quando os olhares se encontraram, ele sorriu. — Vamos fazer outro acordo?

— Que acordo?

— Estou disposto a começar de novo com você. Em todos os sentidos. Não sacrificarei nosso amor com culpas do passado.

— Em todos os sentidos?

— Sim, Pel. Nada me impedirá, juro. Em troca, você vai tirar aquele quadro da parede. — Apontou o retrato do falecido conde. — Quero que me prometa também que acreditará mais em você, nas suas qualidades. Não há nada... — A voz falhou, obrigando-o a fechar os olhos e respirar fundo.

Abrindo as partes da camisola, ele pousou a cabeça entre as pernas de Isabel, sentindo a maciez da pele nua. O perfume feminino acalmou as emoções que quase o sufocavam.

Isabel enterrou os dedos no cabelo de Gray, afagando-o, amando-o em silêncio.

— Não há nada que eu queira mudar em você, Pel — murmurou ele, inebriando-se daquela beleza madura e força interior que a tornara como era. Única e especial. — E não pense que o fato de ser mais velha do que eu me incomode ou atra-palhe nosso amor. Pelo contrário. Somente uma mulher experiente poderia lidar com um homem arrogante como eu.

— Gerard. — Ela deslizou para o lado dele, puxou-o e apertou-o de encontro ao peito. — Eu deveria ter imaginado que, a qualquer momento, você atiraria pedras na minha janela, anunciando as mudanças drásticas na minha vida.

— Isso mesmo.

— Seu moleque chantagista! — Ela sorriu com os lábios ro-çando os dele.

— Mas eu sou o seu moleque chantagista!

— Sim, é verdade. Você é muito diferente do homem com quem me casei, mas sua molequice é uma qualidade que, feliz-mente, não mudou. Você é exatamente como eu gosto e quero. Enlaçando-a pela cintura, colocou-a no chão.

— Eu te quero também, Pel.

Isabel fitou-o, o cabelo uma massa de fogo, a pele alva como marfim nas partes reveladas pela camisola. A mão bronzeada afastou o decote da camisola para que os olhos azuis e ardentes admirassem os seios generosos.

Depois, tirou do bolso o anel de rubi que lhe comprara. Com mãos trêmulas, colocou-o no dedo da esposa, beijou a pedra antes de pressionar os lábios na palma da mão.

Um calor intenso percorreu-lhe a pele como uma brisa quente, os nervos tensos pela ansiedade e pelo desejo. Inclinando a cabeça, sugou a maciez de um mamilo, depois do outro. Os lábios traçaram um caminho ardente até apossarem-se da boca que o esperava entreaberta. Fechou os olhos, o sangue fervendo de desejo e amor, enquanto se embriagava com o gosto e o per-fume de sua amada.

— Sim — ela murmurou, entre beijos ardentes e ávidos, sentindo a força do desejo do marido.

Eles iniciaram o jogo do amor lentamente, sem pressa. Cada toque, cada carícia, cada murmúrio eram uma promessa. Esquecidos das outras. Amarem-se, confiarem um no outro, deixar o passado para trás. Aquele casamento se realizara por todas as razões erradas, mas, felizmente, perduraria por todas as razões mais corretas.

Digitalização: Neia

Revisão: Crysty